

Requalificação do Jardim de Alah

Uma aproximação prática

Trabalho Final de Graduação II
Aluno: Claudio Gazaneo Barboza
Orientadora: Daniella Martins Costa
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFRJ
2021.1

Sumário

1 - Apresentação da Proposta - pg. 2

2 - Parques e jardins históricos: Um breve relato - pg. 3

2.1 - Parques públicos no Brasil - pg. 07

2.2 - Jardins históricos e as Cartas Patrimoniais - pg. 10

3 - Histórico do Jardim de Alah - pg. 13

3.1 - Linha 4 e seu impacto - pg. 20

3.2 - Estado atual de conservação - pg. 25

4 - Questão central - pg. 45

5 - Justificativa do projeto - pg. 47

6 - Objetivos - pg. 48

7 - Métodos para análise - pg. 49

8 - Projetos para a área - pg. 50

9 - Referências projetuais - pg. 54

10 - O Projeto - pg. 64

11 - Cronograma - pg. 97

12 - Bibliografia - pg. 98

Apresentação da Proposta

Figura 1: Vista aérea do Jardim do Alah



O presente trabalho tem como tema a requalificação do Jardim de Alah, parque histórico localizado na cidade do Rio de Janeiro.

O termo “requalificação”, assim como outros (requalificar, ressignificar etc.), é amplamente utilizado quando nos referimos à preservação arquitetônica (ZEIN, 2007). Contudo, essas diferentes denominações estão diretamente relacionadas com as estratégias de intervenção que a área ou objeto alvo pode receber, cada uma com sua característica e um objetivo em comum: dar nova função espaço urbano degradado. Segundo Marcelo Sotratti (2015), “a refuncionalização de espaços urbanos degradados consiste no processo de transformação de funções de elementos arquitetônicos de um determinado processo histórico pretérito”, ou seja, independentemente do termo utilizado, o objetivo final é sempre melhorar o aproveitamento do espaço no contexto atual da cidade. Consequentemente, melhora-se a qualidade de vida da população que fará uso do mesmo.

Analisar a importância simbólica e arquitetônica do patrimônio cultural, como sua história, valor da memória e qualidade estético-arquitetônica, é o ponto de partida do processo de requalificação (SOLÁ-MORALES, 2001 apud SOTRATTI, 2015). Para Sotratti (2015),

“O discurso central da requalificação urbana evidencia a tentativa de inclusão social de uma população marginal em novos espaços sadios e revalorizados, onde relações sociais includentes seriam estabelecidas e reforçadas por novas funções urbanas.”

Isso quer dizer que o processo de requalificação deve considerar não apenas o objeto a ser trabalhado, mas também o impacto social que irá provocar.

O Jardim de Alah possui diversas especificidades que o tornam não apenas um parque histórico do Rio de Janeiro, mas também com enorme potencial para ser tornar um importante ponto turístico da cidade. O trabalho visa explorar essas características e propor um projeto que beneficie não apenas os moradores dos arredores, mas toda a cidade.

Parques Urbanos - Uma breve introdução

“O mundo do Jardim, como o da arte e da cultura, não tem fronteiras e nele têm vivido irmanadas desde tempos antigos civilizações muito diferentes, em mútuo enriquecimento. A beleza e o conhecimento, estamos certos, são um ponto de encontro para todos os homens de boa vontade. O jardim, reflexo da cultura da história de um povo, é uma das mais belas formas de aproximação deste patrimônio vivo de nosso passado e de nossa consciência humana.”

ICOMOS - Jardins et Sites Historiques (1993)

Os parques urbanos são a tipologia mais recente do espaço público (ALBUQUERQUE, 2020) e sua análise não pode ser meramente formal. Ainda segundo Albuquerque (2020), esses espaços são reconfigurados ao longo do tempo de acordo com os interesses e as estruturas políticas e sociais da cidade onde se encontram, ou seja, mesmo que sua forma se mantenha, suas funções e seu propósito dentro da sociedade em questão serão adaptados às necessidades do momento.

Ao longo da história, a compreensão do parque urbano foi sendo modificada de acordo com a estrutura das cidades. Originalmente na Inglaterra, em meados do século XV, os jardins eram usados como reserva de caça próximos a palácios rurais, ou seja, apenas uma parcela mínima da sociedade tinha acesso a eles. Neste contexto, não existia qualquer tratamento paisagístico, pois sua função requeria que o espaço possuísse as características de um bosque natural e espontâneo no qual fosse possível caçar.

A partir do século XVIII, em meio ao frenético desenvolvimento das cidades européias devido a Primeira Revolução Industrial, os jardins mudaram de função. Junto à revolução surgiu o Arcadismo, movimento literário influenciado pela cultura clássica que trazia preceitos como a valorização da natureza e a fuga para o campo, entre outros. A partir de tais ideais, os jardins

(antes destinados à caça) passaram a ter ser considerados locais de contemplação destinados a burguesia e começaram a receber tratamento paisagístico. Neste momento, os parques deixam de ter características de bosque selvagem e passam a ser uma natureza manipulada pelo homem.

Figura 2: Holkham Hall, Norfolk, Reino Unido



Fonte: Disponível em: <<https://www.historichouses.org/house/holkham-hall/visit/>> Acesso em maio 2021

Figura 3: Lansdown Crescent, Bath, Reino Unido



Fonte: Disponível em: <<https://search.savills.com/property-detail/gbbhrsbs190142>> Acesso em maio 2021

Figura 4: Place de Vosges, Paris, França



Fonte: Disponível em: <<https://dicasparis.com.br/paris/place-des-vosges-em-paris/>> Acesso em maio 2021

Figura 5: Avenida Champs Elysées, Paris, França



Fonte: Disponível em: <<https://www.conexao-paris.com.br/avenida-champs-elysees-de-paris/>>
Acesso em maio 2021

Figura 6: Parc de la Bagatelle, Paris, França



Fonte: Disponível em: <<https://www.timeout.com/paris/en/things-to-do/attractions/parc-de-bagatelle>>
Acesso em maio 2021

No século XIX, o parque não apenas adquire uma nova função, como também passa a ser urbano. Os centros das cidades inglesas durante a revolução industrial passam a ser caóticos e a qualidade de vida dos trabalhadores cada vez mais precárias, com péssimas condições de habitabilidade. Em resposta a tal situação, criam-se parques cuja principal função era a recreação, na tentativa de minimizar as condições nas quais se vivia nos centros urbanos da época. Tais parques, então, passam a ser amplamente frequentados pelos moradores dos arredores, levando a implementação da lei de espaços abertos de 1877, na Inglaterra, que incentivava a criação e ampliação de parques em centros urbanos.

Neste momento, tem-se início o Ecletismo na arquitetura paisagística urbano ocidental. A importância de introduzir vegetação no espaço urbano (seja ele público ou privado) passa ser notável em diferentes cidades européias.

Os boulevards parisienses, com sua arborização ordenada, a concepção de cidades e bairros jardim, os hortos botânicos, os parques públicos, as vias parque, as praças ajardinadas, a residência isolada no lote e cercada de jardins tratados são figuras urbano-paisagísticas que se consolidam durante o século XIX e início do XX, caracterizando uma nova forma de encarar o espaço e a paisagem urbana. (MACEDO, 1999)

Com essas mudanças, as cidades passaram a ser usufruídas de uma forma inédita, onde classes menos abastadas podiam tirar proveito do espaço público que antes era reservada apenas para os burgueses em seus jardins privados. No final do século XIX, os parques urbanos passam a ter, além das funções pré estabelecidas, o objetivo de redefinir as classes sociais e valorizar o mercado imobiliário do local, como acontecia nos Estados Unidos com a construção do Central Park, inaugurado em 1876.

Figura 7: Victoria Park, Londres, Inglaterra



Fonte: Disponível em: <<http://wheretoruninlondon.co.uk/victoria-park-loop/>>
Acesso em maio 2021

Figura 8: Central Park, Nova York,, Estados Unidos



Fonte: Disponível em: <<https://www.soniabello.com.br/privatizar-parques-publicos-7-dicas-do-central-park-de-nova-york/>>
Acesso em maio 2021

Parques públicos no Brasil

O Eclétismo inicia-se no paisagismo brasileiro com a construção do Passeio Público em 1783, o primeiro jardim público do Brasil, e se estende até 1932, com o início do paisagismo modernista. O movimento durou mais de uma década no país, sendo dividido em duas correntes: a clássica e a romântica.

O corrente clássica, no início do século XIX, é derivação da influência da Missão Francesa no Brasil e da tradição portuguesa do tratamento de jardins (MACEDO, 1999). Já a corrente eclética, presente na segunda metade do século XIX, teve como marco inicial a Reforma do Passeio Público em 1862.

O movimento, que era uma resposta a situação social precárias das cidades industriais da Europa, chegou ao Brasil e passou por adaptações para a realidade local. Diferente de como acontecia na Inglaterra e na França, por exemplo, a reforma urbana e paisagística no Rio de Janeiro na época da chegada da família real no Brasil não foi uma resposta à situação social dos habitantes, mas sim uma tentativa de europeização da cidade, tornando-a nos moldes das cidades modernas.

Na primeira metade do século XIX, a influência neoclássica modifica a arquitetura das residências mas também o espaço público, com o ajardinamento das vias, criação de jardins, praças, arborização urbana, entre outras medidas. Na segunda metade do século, o paisagismo brasileiro sofre mudanças com novas reformas urbanas enviesadas com ideais trazidos da europa, agora da corrente romântica. É nesse momento, por exemplo, que é construído o Campo de Santana no centro da cidade, com o paisagismo baseado nos jardins românticos franceses.

Figura 9: Pintura do Campo de Santana em 1818, Rio de Janeiro



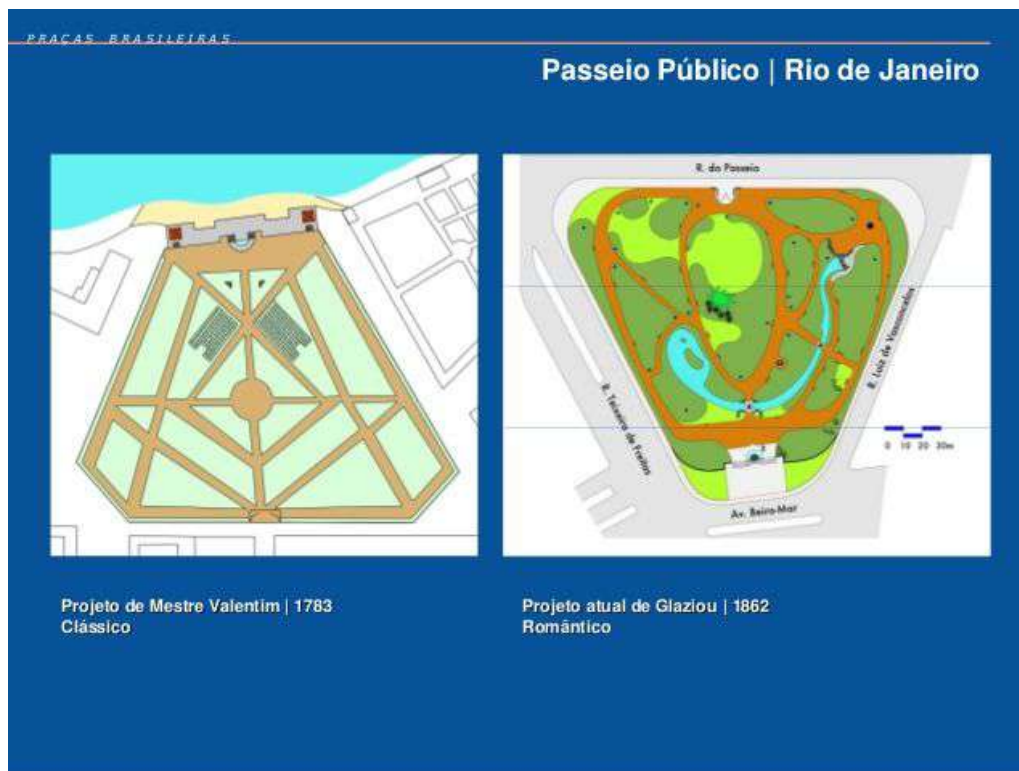
Fonte: Disponível em: <<https://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/campo-de-santana.html>>
Acesso em maio 2021

Figura 10: Campo de Santana, Rio de Janeiro



Fonte: Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/944>>
Acesso em maio 2021

Figura 10: Grande reforma do Passeio Público



Fonte: Disponível em: <<http://image.slidesharecdn.com/92078566-pracas-brasileiras-fabio-robba-1-130306151823-phpapp02/95/pracasbrasileirasfabiorobba-29-638.jpg?cb=1362583323>>
Acesso em maio 2021

Figura 11: Passeio Público, Rio de Janeiro



Fonte: Disponível em: <http://www.passeiopublico.com/maispasseio/05-01/img/mat1_01.jpg>
Acesso em maio 2021

Figura 12: Passeio Público, Rio de Janeiro



Fonte: Disponível em: <http://www.passeiopublico.com/maispasseio/05-01/img/mat1_05.jpg>
Acesso em maio 2021

Jardins Históricos brasileiros

Os jardins e entornos agenciados com elementos naturais, por acompanharem na sua evolução os costumes e estilos de cada época, são testemunhos culturais tão legítimos quanto as construções que neles existem.

IPHAN - Manual de Intervenção em Jardins Históricos (1999)

O jardins tiveram seu momento mais importante no Brasil com a chegada de D. João VI e na criação do Jardim Botânico do Rio de Janeiro em 1808. Devido a enorme variedade de plantas nativas, exóticas para os Europeus, o Jardim Botânico passou a ser visto não apenas como um parque, mas também um centro de difusão de conhecimento (IPHAN, 1999, p. 10). Foram construídos, então, jardins botânicos nas principais cidades do país, como parte do processo de ajardinamento das cidades.

A partir deste momento, botânicos e paisagistas europeus começaram a vir para o Brasil a fim de estudar a vegetação nativa e implantar os ideais paisagístico-urbanos da Europa no Rio de Janeiro (IPHAN, 1999, p. 11). Muitos dos jardineiros contratados para trabalhar no Brasil levavam as plantas nativas de volta para o Velho Continente e cultivavam plantas exóticas nos jardins que supervisionavam, e apenas posteriormente o uso de plantas nativas começou a ser recorrente. Cultivar jardins começou a se popularizar entre a população em 1904, com a publicação de manuais.

A conservação dos jardins históricos no Brasil passa a ser preocupação apenas na década de 80. Antes o jardim era visto apenas como adereços de edificações ou da cidade, desconsiderando as suas características sociais e históricas. Os jardins e seu entorno começam a receber o tratamento antes direcionado apenas aos edifícios históricos, pois este passa a ser entendido como um elemento que imprime às demandas sociais e expressões artísticas de uma época, além da sua função mutável ao longo do tempo (MACEDO, 1999).

Os jardins históricos passam a ser considerados monumentos a partir de 1981, com a elaboração da Carta de Florença pelo Comitê Internacional de Jardins Históricos e o ICOMOS (Conselho Internacional de Monumentos e Sítios), a primeira carta patrimonial que trata do assunto.

Figura 13: Jardim Botânico, Rio de Janeiro, 1885



Fonte: Disponível em: <<https://tudoparahomens.com.br/fotos-mostram-como-era-o-rio-de-janeiro-antigamente/>>
Acesso em maio 2021

Figura 14: Jardim Botânico, Rio de Janeiro



Fonte: Disponível em: <<http://www.riodejaneirobeachfront.com/location/jardim-botanico/>>
Acesso em maio 2021

Jardins históricos e as Cartas Patrimoniais

As Cartas Patrimoniais são uma série de documentos que estabelecem condutas e diretrizes para a preservação e conservação apropriada do patrimônio histórico na arquitetura. Elas visam estabelecer parâmetros básicos a serem seguidos internacionalmente, padronizando o pensamento preservacionista ao redor do mundo. Se tratando de jardins históricos, destacam-se as Cartas de Florença de 1981 e a de Juiz de Fora de 2010, as únicas que abordam exclusivamente o tema.

A **Carta de Florença** foi a primeira carta a abordar a proteção de jardins históricos, definindo-os como monumentos e, portanto, devem ser conservados e preservados conforme os princípios da Carta de Veneza. Segundo a carta,

Art. 1 . Um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, apresenta um interesse público. Como tal é considerado monumento.

Art. 5 . Expressão de relações estreitas entre a civilização e a natureza, lugar de deleite, apropriado à meditação e ao devaneio, o jardim toma assim o sentido cósmico de uma imagem idealizada do mundo, um paraíso no sentido etimológico do termo, mas que dá testemunho de uma cultura, de um estilo, de uma época, eventualmente da originalidade de um criador.

O jardim passa a ser reconhecido oficialmente não como apenas como um local com natureza, mas sim um monumento que transmite os pensamentos de uma época, além da transformação da sociedade à qual pertence.

Os jardins são considerados monumentos vivos, devido a natureza. Ele possui característica mutável devido à como a vegetação se comporta ao longo do ano e tal característica deve ser preservada ao planejar o restauro de um jardim histórico. Tal característica torna a conservação dessa tipologia complexa, devido a necessidade de levar em consideração elementos naturais e elementos feitos pelo homem, como estátuas e monumentos.

Outro ponto importante especificado pela carta é a importância de respeitar a evolução do parque.

Art. 16 . A intervenção de restauração deve respeitar a evolução do respectivo jardim. Em princípio, ela não deveria privilegiar uma época à custa de outra, salvo se a degradação ou o definhamento de certas partes puderem, excepcionalmente, dar ensejo a uma reconstrução fundada sobre vestígios ou sobre uma documentação irrecusável.

O artigo em questão reforça mais uma vez a importância de considerar o jardim histórico como mutável, acompanhando as necessidades e processos sócio culturais da sociedade.

Figura 15: Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil



Fonte: Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/agenda/parque-lage-um-encanto-em-meio-ao-parque-nacional-da-tijuca/>> Acesso em maio 2021

A **Carta de Juiz de Fora**, também denominada **Carta dos Jardins Históricos Brasileiro**, visa complementar a Carta de Florença, acrescentando diretrizes que contemplam a realidade brasileira. Considera-se na carta, entre outras coisas:

• *Que, na realidade brasileira, equivalem aos jardins históricos em importância simbólica e afetiva, os locais de encontro e convívio, como os parques, jardins e passeios das cidades históricas e também das grandes metrópoles, entre outros locais que se constituem muitas vezes em refúgio apaziguador, em contraste com o tempo ditado pelos automóveis e pelo relógio;*

• *Que a noção de monumento cultural não se restringe a visão estrito sendo de bens edificadas pelo homem, mas abrange a paisagem e outros exemplos de sua interação com a natureza;*

(Carta de Juiz de Fora, ICOMOS, 2010)

Tais considerações amplia o objeto de análise da carta, pois passa a incluir espaços além dos jardins tradicionais, incluindo paisagem naturais em meio à malha urbana. A importância afetiva dos frequentadores e a característica de refúgio do local é colocada em pauta, remetendo aos princípios do ecletismo romântico.

Segundo a carta, os jardins históricos possuem uma leitura temporal, além da espacial. Através deles, é possível compreender a relação do homem urbano com a natureza. Preservá-los não serve apenas para manter viva a lembrança do passado, mas também para influenciar gerações contemporâneas e futuras a cuidar melhor desse bem, mudando a forma como a sociedade se relaciona com o mesmo.

Cada intervenção no jardim expressa ideais artísticos e sociais do seu respectivo período. É necessário que, ao se restaurar um jardim histórico, tais características não se percam, mas ao mesmo tempo tornando o bem compatível com o momento atual (ICOMOS, 2010, p. 7).

Segundo a carta,

Os jardins históricos devem ser considerados segundo seus valores, que se referem tanto a seu significado imaterial quanto a sua materialidade, levando em conta o estado de conservação, os materiais empregados, desenho e localização, assim como o entorno.

A soma de todos os elementos configuram a unidade básica do bem. Todos as modificações, sejam elas transformações ou desgaste pelo uso, passam a fazer parte do monumento. Em uma eventual restauração, o objetivo é manter o valor e significado desse conjunto, de forma que ele continue autêntico e possa passar para as gerações futuras todo o seu significado.

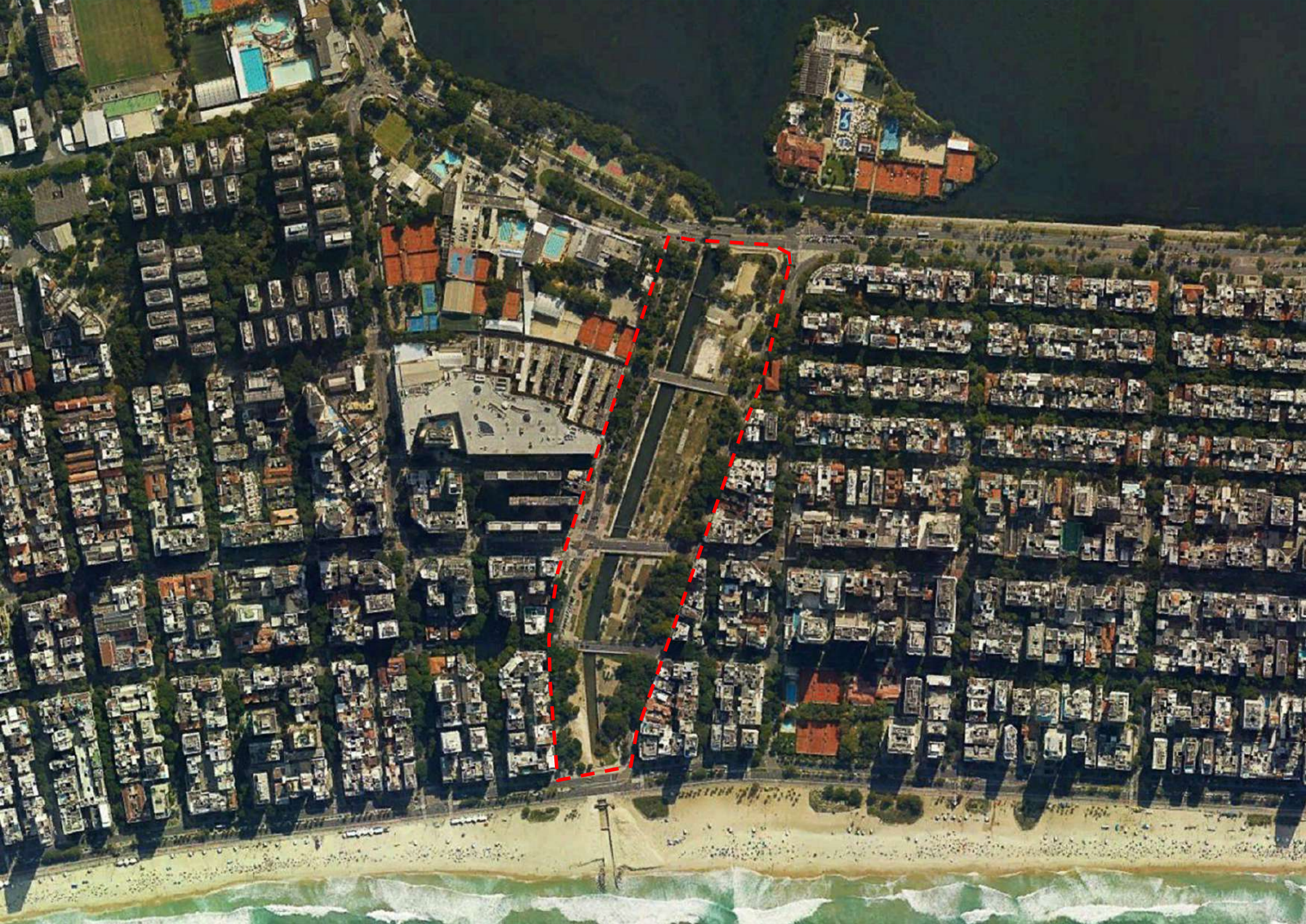
Assim como acontecia nos jardins europeus durante a Revolução Industrial, deve-se considerar a função social do jardim. Este, passa a ser fator de valorização social e de reforço de identidade cultural (ICOMOS, 2010, p. 8). Um espaço público de qualidade reforça o convívio de diferentes pessoas e cria memórias afetivas, tornando o lugar plural e valioso. Ao se tratar de um jardim histórico, seu potencial de se tornar esse espaço tão desejado é intensificado, devida a toda a carga artística e cultural que carregou ao longo dos anos.

Figura 16: Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Brasil



Fonte: Disponível em:

<https://www.panrotas.com.br/noticia-turismo/destinos/2016/12/jardim-da-casa-de-rui-barbosa-reabre-no-rio-de-janeiro_142557.html>
Acesso em maio 2021



O Jardim de Alah

Figura 18: Praça Grécia na década de 1930



Fonte: Disponível em <<https://museudecacule.wordpress.com/2017/04/27/historia-do-jardim-de-alah/>>
Acesso em abril 2021

Figura 19: Canal do Jardim de Alah, quando ainda era possível passear de gôndola até a Lagoa Rodrigo de Freitas, com a praça Almirante Saldanha da Gama ao fundo



Fonte: Disponível em <<https://museudecacule.wordpress.com/2017/04/27/historia-do-jardim-de-alah/>>
Acesso em abril 2021

Na década de 1920, era implementado na cidade do Rio de Janeiro o Plano Agache, a primeira proposta de intervenção urbanística na cidade que tinha como objetivo reestruturar a cidade com base nos ideais modernistas em voga na época, que, segundo a Carta de Atenas de 1933, eram habitar, trabalhar, lazer e circular (CAVALCANTI, 2001, p. 421). No contexto do Rio de Janeiro, o Plano levava em consideração questões da cidade industrial, tais como habitação operária, crescimento das favelas e transporte de massas e do abastecimento de água. Também nesta década, em 1922, o país completava 100 anos de sua independência, portanto, além das questões práticas, a reforma também visava redefinir a imagem da até então capital do Brasil para o mundo, tendo como referência cidades européias, em especial Paris (RODRIGUES, 2012).

Neste contexto, inicia-se a urbanização da Lagoa Rodrigo de Freitas no início da década de 1920. Foram realizadas obras de saneamento no local com o intuito de tratar problemas de insalubridade e enchentes, destacando-se a construção de dois canais, sendo um deles o canal do Jardim de Alah, com 140 metros de extensão, que ligaria a lagoa ao mar permanentemente (BALSA, 2005). Posteriormente, na década de 1930, é desenvolvido um projeto de cidade-jardim para as áreas da lagoa, no qual é incluído os arredores do canal.

Inaugurado em 1938, o Jardim de Alah abrange três praças: a Praça Grécia, Praça Paul Claudel e Praça Almirante Saldanha da Gama. O parque, inspirado nos jardins do Calabouço de Agache, foi pensado para ser um lugar romântico, no qual seria possível alugar gôndolas para transitar no canal. Tal qual sua referência, o parque também apresenta elementos no estilo art decó, monumentos que marcam momentos históricos da cidade e esculturas, contribuindo para a riqueza cênica do local (BALSA, 2005). Até os anos de 1960, era possível alugar pedalinhos para passear do canal para a lagoa.

O descaso do poder público resultou na degradação parcial do parque, que passou a ser cada vez menos utilizado com o passar dos anos. Em 2001, com a criação da Área de Preservação do Ambiente Cultural (APAC) do Leblon, o parque, assim como suas três praças, foram tombados pelo atual Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH). Nas últimas duas décadas, o parque ainda passou por duas grandes intervenções.

Figura 20: Pergolado em área visivelmente carente de manutenção



Fonte: Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/guscap81/28885257356>> Acesso em maio 2021

Figura 21: Jardim de Alah, 1950



Fonte: Disponível em: <<http://classicalbuses.blogspot.com/2014/08/rio-de-janeiro-jardim-de-alah-em-1950.html>> Acesso em maio 2021

Figura 22: Pergolado em área visivelmente carente de manutenção



Fonte: Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/moradores-de-ipanema-leblon-formalizam-adocao-do-jardim-de-alah-querem-ocupa-lo-com-atividades-culturais-24295662>> Acesso em abril 2021

Figura 23: Inscrição dos nomes dos “criadores” do parque



Fonte: Disponível em: <<https://projeto colabora.com.br/ods11/rio/rua-a-frustracao-do-jardim-de-alah/>> Acesso em abril 2021

Figura 24: Escultura, bancos e estrutura decorativa



Fonte: Estudo de Impacto Ambiental Linha 4, pag. 577, 2011

Figura 25: Parque de brinquedos no Jardim de Alah



Fonte: Estudo de Impacto Ambiental Linha 4, pag. 579, 2011

Figura 26: Ipanema nos anos 1930



Fonte: Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon45366/icon45366.jpg>
Acesso em abril 2021

Figura 27: Leblon nos anos 1930



Fonte: Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon855553/icon855553.jpg>
Acesso em abril 2021

Ipanema e Leblon

As regiões que hoje são Ipanema e Leblon, bairros separados pelo Jardim de Alah, possuíam características diferentes na época.

A ocupação de Ipanema começou no final do século XIX e ganhou força no século XX, após o início da circulação de bondes em 1918. A área passou a ser ocupada por principalmente por estrangeiros, que fundaram o Country Club, clube situado na praia de Ipanema que até hoje frequentada pela classe alta da sociedade (RODRIGUES, 2012, p. 346).

Por outro lado, o espaço onde hoje é o Leblon vivia outra realidade. Com a urbanização desorganizada na região e aumento das oportunidades de trabalho em regiões vizinhas, um grande número de trabalhadores começou a se estabelecer no bairro. Esse movimento deu início ao surgimento de favelas, sendo a maior e mais famosa a Favela da Praia do Pinto (BRUM, 2012, p. 2).

Com os arredores da Lagoa Rodrigo de Freitas ganhando importância e fazendo parte do processo de renovação urbana da cidade, as questões da insalubridade começaram a ganhar peso (RODRIGUES, 2012, p. 346). As favelas não condiziam com a realidade que se desejava para a área, que ganhou ainda mais notoriedade com a construção do Jardim de Alah e, no final dos anos 1950, parte da população da Favela da Praia do Pinto foi transferida para a recém construída Cruzada São Sebastião, às margens do Jardim de Alah (RODRIGUES, 2012, p. 349).

Em março de 1969, a Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana (CHISAM) iniciou um projeto de remoção de favelas da cidade do Rio de Janeiro, transferindo os moradores para diversos conjuntos habitacionais (BRUM, 2012, p. 1). Pela sua localização, a Favela da Praia do Pinto foi o primeiro alvo do projeto e diversas famílias foram removidas, enquanto outras se recusaram. Em maio deste mesmo ano um incêndio irrompeu na favela, deixando 5 mil pessoas desabrigadas e dando um fim definitivo à favela.

Figura 28: Entrada do Canal do Jardim de Alah com a Favela da Praia do Pinto ao fundo



Fonte: Disponível em: <<https://rioquepassou.com.br/2008/01/11/complexo-de-favelas-da-praia-do-pinto-inicio-dos-anos-60/>>
Acesso em maio 2021

Figura 29: Favela da Praia do Pinto



Fonte: Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_ikonografia/icon1355824/icon1355824.jpg>
Acesso em maio 2021

Cruzada São Sebastião

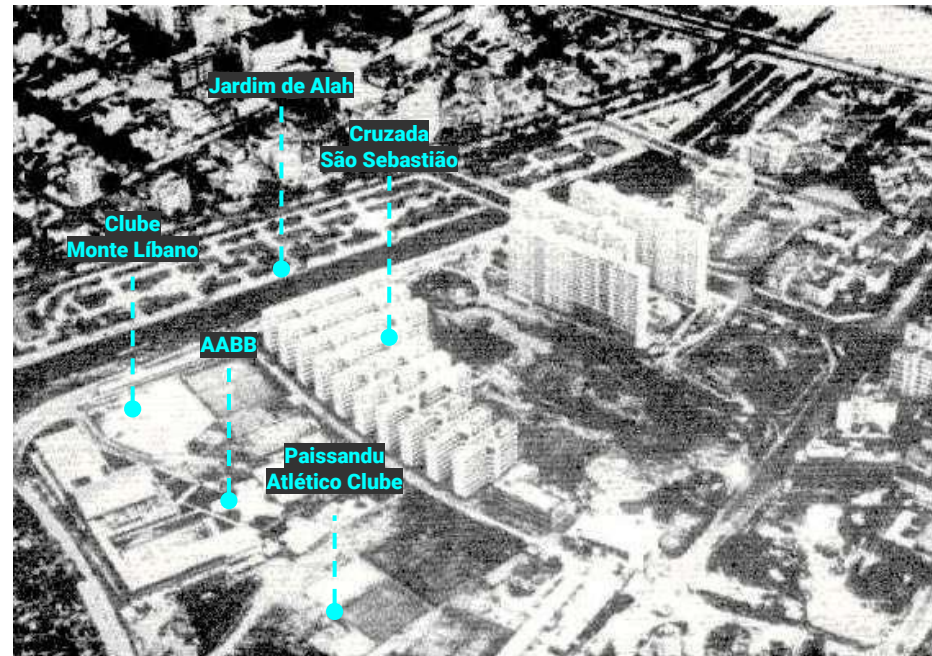
O contraste que existe entre os moradores da Cruzada São Sebastião, habitação social construída na década de 1950, e os moradores da área mais nobre do bairro sempre foi uma questão.

Essa situação deu origem a um enorme debate onde ganhou importância a figura do bispo Dom Helder Câmara que criou, no final da década de 1950, o programa do Banco da Providência e tomou iniciativas como a da Cruzada de São Sebastião que transferiu os moradores da Praia do Pinto para as margens do Canal do Jardim de Alah, criando conflitos entre os moradores dos prédios modernos da área e os novos habitantes dos conjuntos construídos pelo bispo do Rio de Janeiro. O contraste era gritante, pois a área onde foi construída a Cruzada era nobre e foi urbanizada a partir da década de 1940 pelo prefeito Henrique Dossdworth, completando o projeto de cidade-jardim com a ligação da Lagoa à Copacabana com a obra do Corte do Cantagalo.

Os conflitos só aumentaram entre Igreja e Estado, afinal numa área nobre onde se construíam clubes de lazer e onde se localizava o Clube Paissandu de ingleses não era possível conviver com a miséria. (RODRIGUES, 2012)

Essa questão, que se mantém por décadas, é levantada tanto por moradores do complexo quanto do resto do bairro, que enxergam a necessidade de um espaço democrático que sirva de apoio para atividades a comunidade. A aproximação de pessoas de diferentes classes sociais se faz importante em uma região onde parte considerável dos moradores ainda nutrem preconceito para com os moradores da Cruzada e pensamentos elitistas.

Figura 30: Área do Jardim de Alah, 1950



Fonte: Disponível em: <<https://www.almacarioca.com.br/lbn01.htm>> Acesso em maio, 2021
Editado pelo autor

Figura 31: Área do Jardim de Alah, 2013



Fonte: Disponível em: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbete=1567#prettyPhoto>>
Acesso em maio, 2021
Editado pelo autor

Anos 1920

Construção do Canal



Fonte: Acervo Agnaldo Silva, 1926

2016

Fim das obras do metrô, parte do parque é reformado, enquanto sua maior parte é abandonada em estado precário



Fonte: Pablo Jacob. Agência O Globo, 2019

1980

É sancionada a lei que deixa a critério do prefeito o seguimento ou arquivamento do processo de tombamento de uma variedade de bens, entre eles o Jardim de Alah

2003

Primeira grande intervenção do parque, na prefeitura de César Maia

1938

Inauguração do Jardim de Alah, constituído pelas três praças às margens do canal: Praça Grécia, Praça Almirante Saldanha da Gama e Praça Paul Claudel



Fonte: Autor desconhecido, década de 30

1955

Inauguração da Cruzada São Sebastião

2001

Criação da APAC do Leblon, tombando definitivamente o Jardim de Alah

2010



Obra da Linha 4 do Metrô Rio utiliza toda a área do Jardim de Alah como canteiro de obras

2019

Tentativa de concessão do parque à iniciativa privada



Fonte: Fábio Rossi, Agência O Globo, 2013.

-  Intervenções físicas
-  Outras modalidades de intervenção

Linha 4 e seu impacto

Figura 32: Mapa da Linha 4 do Metrô para as Olimpíadas



Fonte: Disponível em: <<https://www.metrorio.com.br/Content/imagens/mapas/mapa-olimpiadas.pdf>> Acesso em abril, 2021

Figura 33: Estação Jardim de Alah, com a praça ao fundo



Fonte: Disponível em: <<https://anprilhos.org.br/eixo-olimpico-da-linha-4-fica-completo-com-a-entrega-da-estacao-jardim-de-alah/>> Acesso em abril, 2021

Em 2003, o Jardim de Alah passou uma grande reforma devido ao péssimo estado no qual se encontrava. O parque se manteve até 2010, quando começaram as obras da Linha 4 do Metrô Rio.

Com a aproximação dos Jogos Olímpicos, dos quais o Rio de Janeiro seria a cidade sede, iniciou-se a construção de mais uma linha do metrô, que ligaria Ipanema ao Jardim Oceânico, fazendo integração com o BRT. No Leblon haveriam duas estações: Antero de Quintal e Jardim de Alah. Para a construção desta segunda, foi necessário fechar a Avenida Aaulfo de Paiva, que liga Leblon a Ipanema, e todo o perímetro da praça, pois este foi usado como canteiro de obras.

No Estudo de Impacto Ambiental feito pela prefeitura, estava previsto utilização de toda a extensão do jardim como canteiro. Houve levantamento de elementos como monumentos, mobiliários e outras estruturas do parque para que elas pudessem ser recolocadas após o término da obra. Os parques, que foram adaptados para receber esta função, seriam revitalizados ao final e voltariam a ter sua forma e elementos originais.

Depois que as obras se acabaram, apenas a praça Almirante Saldanha da Gama foi revitalizada, com todos os elementos e paisagismo como se encontrava antes da intervenção. Por outro lado, alegando falta de verba, a praça Grécia foi completamente abandonada, tendo apenas suas estruturas devolvidas. O paisagismo nunca foi restaurado e a praça deixou de ser frequentada devido à suas péssimas condições. Sendo a maior praça do Jardim de Alah, se estendendo da Avenida Aaulfo de Paiva até a Lagoa Rodrigo de Freitas, o estado de abandono tornou os arredores dessa praça cada vez mais hostis, sendo apenas uma área de transição rápida por parte dos pedestres.

Figura 36: Canteiro de Obras da Linha 4 do Metrô Rio ocupando o parque



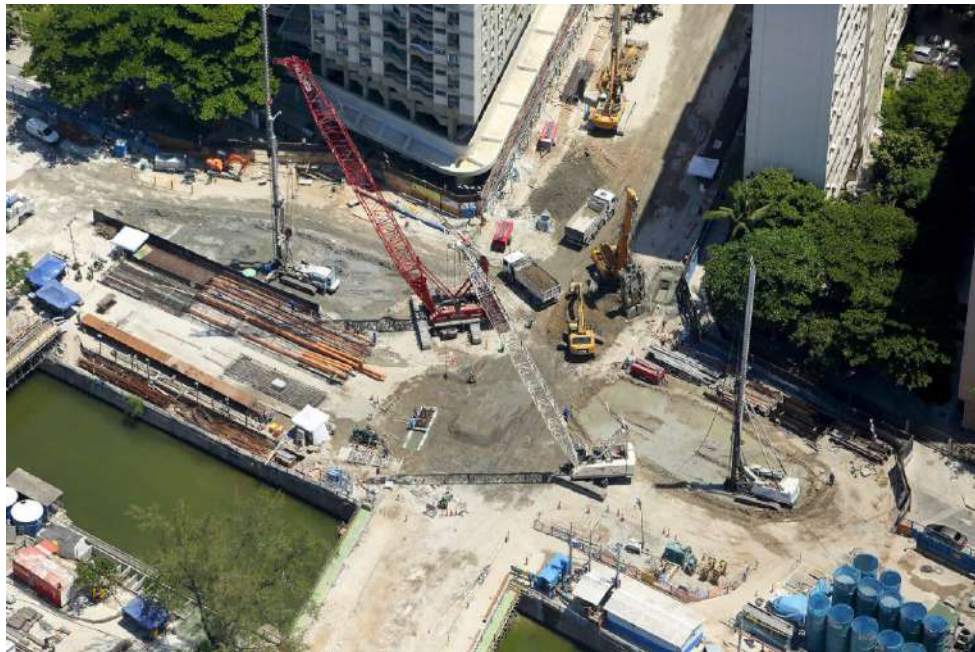
Fonte: Perfil Flickr do Metrô Linha 4 – Acervo: FVD Studio
Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/metrolinha4/11951107883/in/album-72157639772752574/>>
Acesso em abril, 2021

Figura 37: Canteiro de Obras da Linha 4 do Metrô Rio ocupando o parque



Fonte: Perfil Flickr do Metrô Linha 4 – Acervo: FVD Studio
Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/metrolinha4/13127617485/in/album-72157639772752574/>>
Acesso em abril, 2021

Figura 38: Av. Ataulfo de Paiva interditada para obra da Linha 4



Fonte: Perfil Flickr do Metrô Linha 4 – Acervo: FVD Studio
Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/metrolinha4/13127899364/in/album-72157639772752574/>> Acesso em maio, 2021

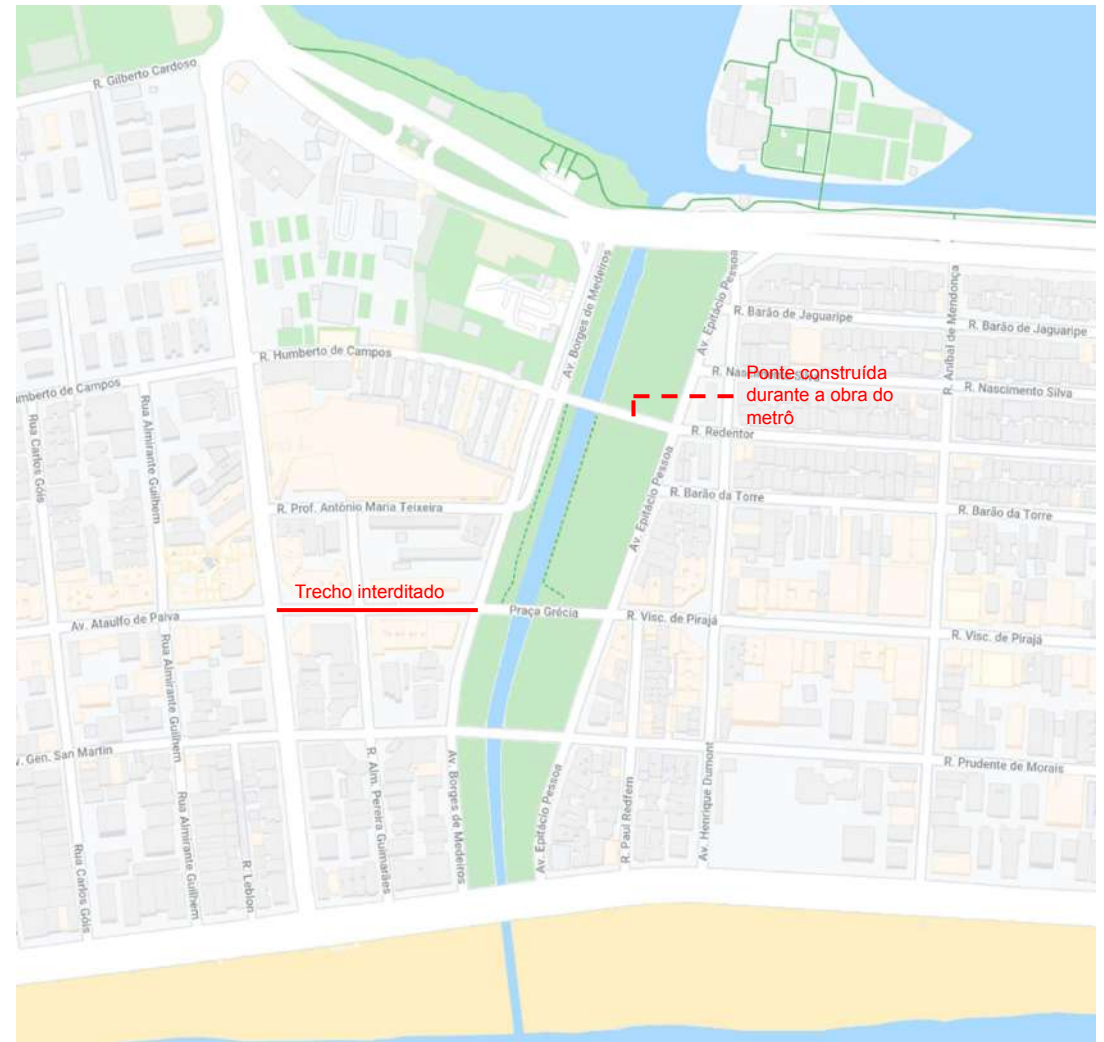
Figura 39: Av. Ataulfo de Paiva interditada para obra da Linha 4



Fonte: Perfil Flickr do Metrô Linha 4 – Acervo: FVD Studio
Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/metrolinha4/13127615055/in/album-72157639772752574/>> Acesso em maio, 2021

A interdição da avenida desviou o trânsito para a rua paralela, a rua Humberto de Campos. Foi, portanto, construída uma ponte sobre o Jardim de Alah que conectava esta rua a Ipanema, a fim de minimizar o impacto no tráfego da região. Isso causou a divisão da Praça Grécia em duas, dificultando ainda mais a manutenção do espaço.

Figura 40: Rua interditada e ponte construída



Fonte: Imagem do Google Maps editada pelo autor

Figura 41: Av. Ataulfo de Paiva interditada para obra da Linha 4



Fonte: Perfil Flickr do Metrô Linha 4 – Acervo: FVD Studio
Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/metrolinha4/14076277565/in/photostream/>> Acesso em maio, 2021

Figura 42: Praça Grécia com a ponte construída para a obra do metrô ao fundo



Fonte: Acervo pessoal, 2021

O estado atual do Jardim de Alah

Figura 43: Jardim de Alah em 2002, antes da reforma de 2003



Fonte: Google Earth, 2021

Figura 44: Jardim de Alah em 2004, após a reforma de 2003



Fonte: Google Earth, 2021

Figura 45: Jardim de Alah em 2015 sendo usado como canteiro de obras para a obra da Linha 4 do metrô. A praça Grécia, a maior delas, é dividida em duas por uma ponte



Fonte: Google Earth, 2021

Figura 46: Jardim de Alah em 2020. A Praça Saldanha Gama reformada após as obras do metrô contrasta com a Praça Grécia, danificada e sem manutenção



Fonte: Google Earth, 2021

Utilizar a totalidade da área do parque para canteiro de obras contribuiu para a degradação do espaço. Além do fluxo constante de trabalhadores e dos equipamentos alojados na praça, alguns elementos e mobiliários foram retirados para serem recolocados posteriormente (segundo o Estudo de Impacto Ambiental da empresa responsável), sendo necessário manipulação e transporte dos objetos originais da praça e que, se não feito de forma apropriada, pode danificá-los.

Após a conclusão das obras do metrô e a remoção do canteiro, o trecho da Praça Almirante Saldanha Gama, conhecido hoje em dia como “Parcão” devido ao popular uso como espaço de passeio com cachorros, foi devidamente revitalizado. Por outro lado, a Praça Grécia (a maior das praças do parque) não recebeu nenhum tipo de tratamento. Segundo reportagem do Globo online (O Globo, 2017), “o paisagismo foi destruído e estruturas ficaram inacabadas. Algumas árvores que sobraram estão morrendo e há entulho espalhado”. Além dos estragos físicos, o espaço foi ocupado por moradores de rua, aumentando a sensação de insegurança no local.

Praça Grécia

“Parcão”

Praça Almirante Saldanha da Gama

Figura 47: Jardim de Alah em 2002, antes da reforma de 2003



Fonte: Imagem do Google Earth editada pelo autor

Praça Grécia

Figura 48: Praça Grécia, vista da Av. Ataulfo de Paiva



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 49: Praça Grécia, vista da Av. Ataulfo de Paiva



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 50: Praça Grécia, vista da Av. Ataulfo de Paiva



Fonte: Acervo pessoal, 2021

“Parcão”

Figura 51: “Parcão”, vista da Av. Ataulfo de Paiva



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 52: “Parcão”, vista da Av. Ataulfo de Paiva



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 53: “Parcão”, vista da Av. Ataulfo de Paiva



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Praça Almirante Saldanha da Gama

É a praça mais próxima à praia. Possui uma carência de mobiliários que estimulem a permanência no local, contando apenas com alguns poucos bancos e as escadas, nas quais algumas pessoas sentam.

Dentre as três principais do Jardim de Alah, ela é a única que na qual é possível adentrar com um carro, devido à larga rampa de acesso. As grades deste trecho do parque foram removidos, tornando a interação com as ruas ao redor mais fluidas, mesmo que o local seja pouco utilizado.

Diferente das outras praças, não possui acesso ao canal para embarcações ao longo do jardim, apenas uma escada no extremo mais próximo à praia. Este ponto, é utilizado por famílias de pescadores, assim como acontece em outros locais do parque.

Na outra margem do canal, no lado oposto à praça, as grades estão danificadas e algumas chegam a estar caídas. Não possui qualquer tratamento paisagístico.

Figura 54: Entrada da praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 55: Entrada da praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 56: Vista aérea da praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: Google Earth, 2021

Figura 57: Praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 58: Praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 59: Praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 60: Praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 61: Praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 62: Praça Almirante Saldanha da Gama



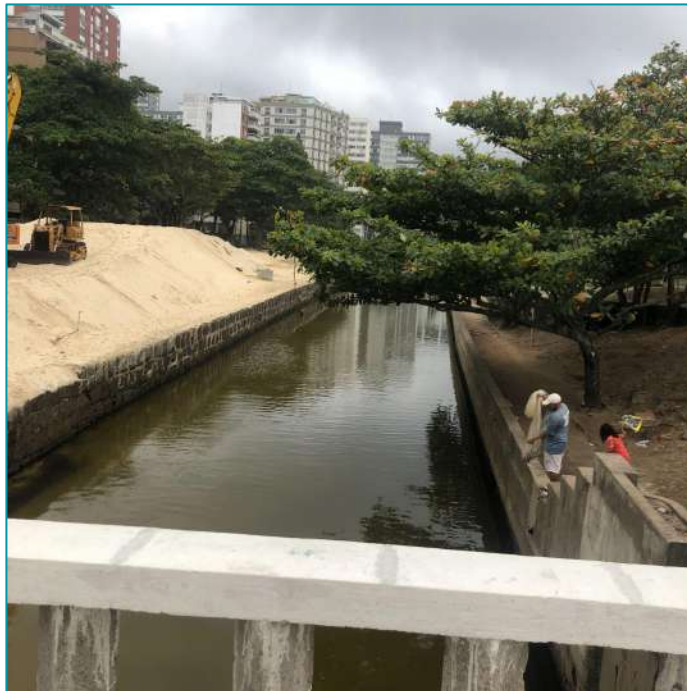
Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 63: Saída do canal para a praia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 64: Canal na altura da praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 65: Praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Praça Almirante Saldanha da Gama - “Parcão”

O “Parcão” é a mais bem conservada de todas as praças. É diariamente frequentada principalmente por moradores dos arredores que levam seus cachorros para passear.

Este trecho, assim como a Praça Grécia, também foi usado como canteiro de obras para as obras da linha 4 do metrô, porém esta foi reformada ao final. Sua reforma foi fiel aos moldes do que ela foi nos últimos anos e suas características foram preservadas. Bancos, estruturas para sombrear a área e monumentos estão presentes em ótimo estado no local, tornando-a convidativa para o uso.

Apesar da grade criar uma barreira com o entorno, ela se faz útil neste trecho pois impede que os cachorros fujam do local, que podem andar livremente. Na porta do parque, existe uma placa feita pelos moradores atentando a necessidade de se manter o portão fechado com esse fim.

Ao entrar, pode se descer pela escada ou pela rampa, garantindo minimamente a acessibilidade. A iluminação da praça é fraca e não passa a sensação de segurança esperada na parte da noite

Figura 66: Praça Almirante Saldanha da Gama - “Parcão” **Figura 67:** Praça Almirante Saldanha da Gama - “Parcão”

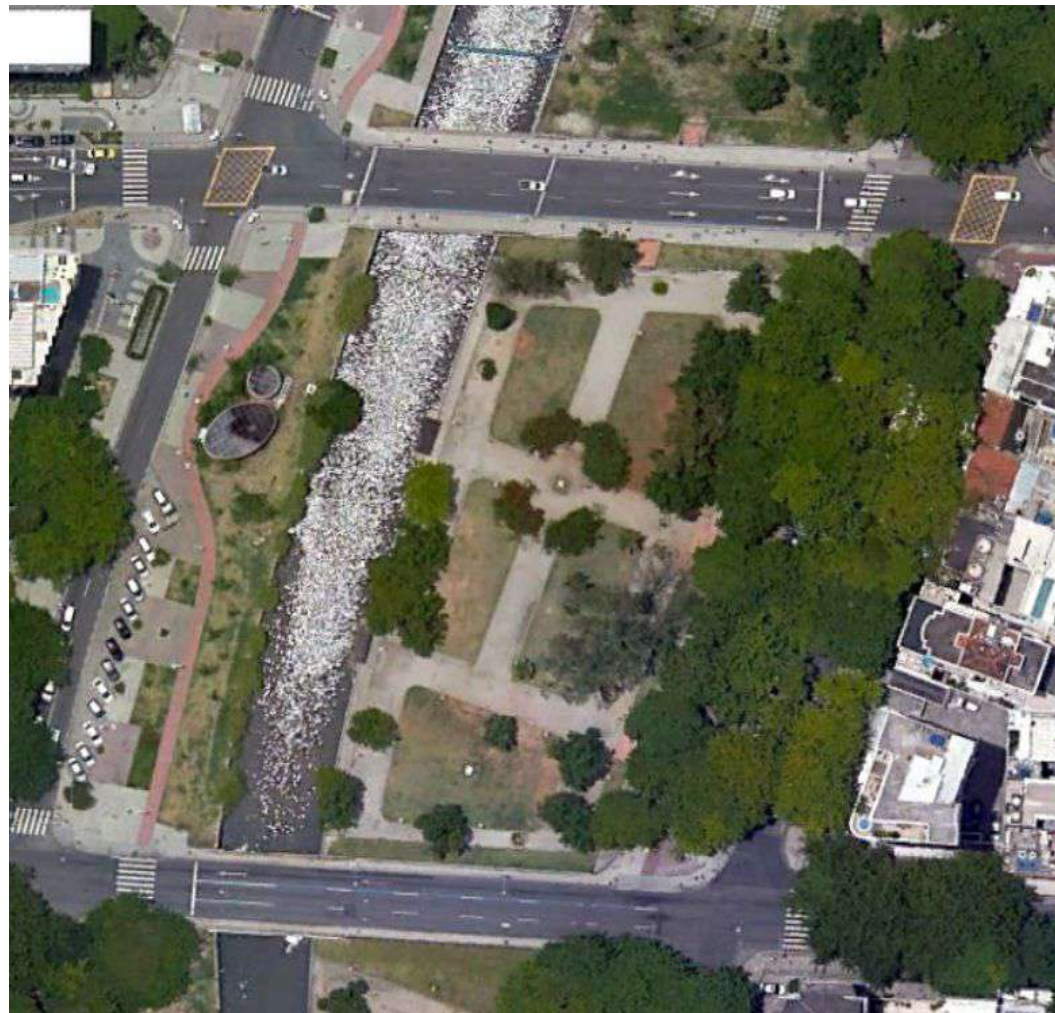


Fonte: Acervo pessoal, 2021



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 68: Vista aérea do “Parcão”



Fonte: Google Earth

Figura 69: Praça Almirante Saldanha da Gama - “Parcão”



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 70: Praça Almirante Saldanha da Gama - “Parcão”



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 71: Aviso colocado no portão do “Parcão” pelos moradores, alertando sobre a necessidade dos portões permanecerem fechados para evitar fugas de cachorros



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 72: Praça Almirante Saldanha da Gama - “Parcão”



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 73: Praça Almirante Saldanha da Gama - “Parcão”



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 74: Praça Almirante Saldanha da Gama - “Parcão”



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Praça Grécia

A Praça Grécia foi a que mais sofreu com as intervenções da obra do metrô para a Copa do Mundo de 2014. Usada como canteiro de obras, ficou quase completamente destruída e foi seccionada para a criação de outra ponte. Seu amplo espaço ficaria completamente inutilizado, se não fosse por ações de moradores.

Em 2019, a prefeitura tentou ceder o Jardim de Alah a iniciativa privada. Como protesto, os moradores começaram a praticar atividades como yoga, aulas de dança e até mesmo tai-chi no espaço subutilizado. A prefeitura então desistiu do processo, porém este lado da praça voltou a estar subutilizado.

Atualmente, ele está abandonado e é frequentado apenas por moradores de rua, que usufruem do espaço. No extremo mais próximo a lagoa, existe uma estação de tratamento da CEDAE e também um campo de futebol em péssimo estado.

Figura 75: Praça Grécia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 76: Praça Grécia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 77: Vista aérea da Praça Grécia



Fonte: Google Earth

Figura 78: Praça Grécia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 79: Praça Grécia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 80: Praça Grécia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 81: Praça Grécia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 82: Praça Grécia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 83: Praça Grécia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Todas as praças possuem características consideravelmente diferentes e se encontram em estados diferentes de conservação. A mais frequentada é o trecho do “Parcão”, enquanto a menos frequentada é a Praça Grécia, em pior estado.

Não existe passagem direta de uma praça para a outra, sendo necessário sair do parque para poder se locomover entre elas. Isso faz com que as praças sejam lidas de forma individual pelo usuário e a interação entre elas seja mínima. Esta ligação, se possível, contribuiria para uma maior dinamicidade no local.

Figura 84: Vista da Praça Almirante Saldanha da Gama para a ponte que faz divisa com o “Parcão”



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 85: Vista do “Parcão” para a ponte que faz divisa com a Praça Grécia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 86: Vista do “Parcão” para a ponte que faz divisa com a Praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Todo o parque é circundado por ciclovias que ligam a lagoa a praia, porém os arredores possuem diferentes características, conforme se passeia pelo local. Ao redor da parte mais próxima a praia da Praça Almirante Saldanha da Gama, o ambiente é apenas residencial, cercado por prédios mais simples e outros de alto padrão. Se vê pouco cuidado com a ciclovia e com a grade que fecha o jardim.

Próximo ao “Parcão”, além do caráter residencial, existem restaurantes e comércio, pois se encontra próximo às duas avenidas principais de Ipanema e Leblon. A ciclovia neste trecho também está muito bem cuidada, com materiais de qualidade superior ao resto do parque. Tal diferença acontece devido às restaurações feitas após as obras do metrô.

A Praça Grécia, dividida em duas, tem entornos imediatos bem diversos. Na parte mais próxima às avenidas principais, ao shopping Leblon e a saída do metrô, a ciclovia está em ótimo estado e a iluminação é efetiva. Conforme o transeunte se aproxima da lagoa, percebe-se que a qualidade da rua passa a ser cada vez pior, com iluminação menos eficaz e menos tratamento do calçamento.

Em pontos específicos do entorno do Jardim de Alah, existem estacionamentos, que servem aos restaurantes e ao shopping, principalmente, e vias subutilizadas, que poderiam ser um espaço atrativo para o pedestre, exaltando a qualidade de caminhabilidade que pode existir no local.

A ligação praia-lagoa deve ser explorada. O local, que deveria despertar a curiosidade de todos os que o vêem ao passar pela praia ou pela lagoa, acaba tendo o efeito oposto do desejado. Devido a suas condições precárias, o parque assusta quem não conhece a região, levando o pedestre a escolher ruas mais movimentadas para ir de um ponto a outro.

Figura 86: Ciclovia ao lado do Parcão, sentido praia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 88: Ciclovia ao lado do Parcão, sentido praia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 89: Ciclovia ao lado da Praça Almirante Saldanha da Gama,, sentido praia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 90: Ciclovia ao lado da Praça Almirante Saldanha da Gama,, sentido praia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 92: Ciclovía ao lado da Praça Almirante Saldanha da Gama, sentido praia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 93: Ciclovía ao lado da Praça Almirante Saldanha da Gama,, sentido praia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 91: Ciclovía ao lado da Praça Almirante Saldanha da Gama, sentido praia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 94: Ciclovía ao lado da Praça Almirante Saldanha da Gama, sentido lagoa



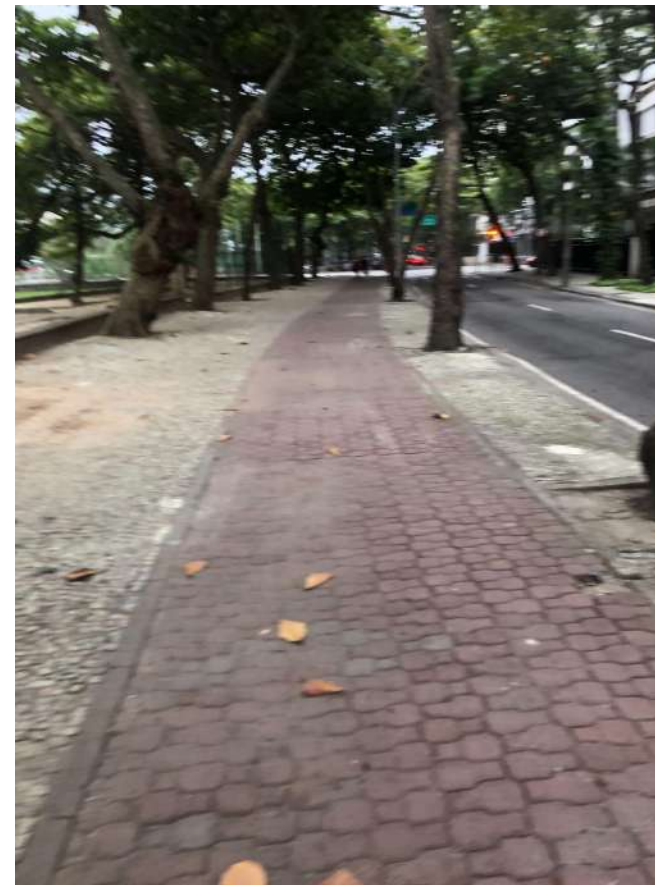
Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 95: Ciclovía ao lado do “Parcão”, sentido lagoa



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 96: Ciclovía ao lado do “Parcão”, sentido praia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 97: Ciclovía ao lado da Praça Grécia, sentido lagoa



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 98: Ciclovía ao lado do “Parcão”, sentido praia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 99: Vista da ciclovía da lagoa para o Jardim de Alah



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Questão central

Situação do Jardim de Alah

Atualmente, a área escolhida para intervenção encontra-se abandonado pelo poder público, que há anos alega falta de verba (O Globo, 2021) . Houveram diversos relatos e reportagem sobre o número elevado de casos de roubo, tráfico de drogas dentre outros problemas relacionados à criminalidade, práticas cuja as causas estão relacionadas a falta de gestão e de interesse do poder público em investir em espaços públicos em área que não são foco de grandes empreendimentos de expansão da cidade. O estado no qual parte do Jardim de Alah devido a falta de manutenção, o que inviabiliza seu uso.

A memória afetiva dos moradores dos arredores do parque é o que resta de mais valioso, atualmente. O lugar, pelo seu estado atual, não desperta o interesse dos mais jovens e não o torna um local atrativo. Preserva poucos elementos que remetam a sua história mesmo sendo tombado, parecendo ser um grande vazio na divisa de dois bairros. Devido ao seu valor sentimental para as pessoas que o costumavam frequentar, não raro as associações de moradores da região tomam iniciativas para melhorar o parque. Já foi organizada “crowdfunding” para a “adoção” do parque junto a uma construtora, compra de materiais para reforma de certos elementos, entre outras atividades (O Globo, 2020). Em 2019, a prefeitura, alegando não ter verba para manter o parque em plenas condições, cogitou vender concessões do Jardim de Alah para a iniciativa privada. A população se opôs a esta medida, alegando que o loteamento do parque conforme a prefeitura estabelecia no pré-edital da concessão descaracterizaria o mesmo, principalmente seus aspectos que levaram ao seu tombamento (O Globo, 2021).

Diante da situação na qual o Jardim de Alah se encontra, o trabalho visa requalificá-lo, reinserindo-o no contexto do bairro e o tornando um local atraente para os moradores da região e de outros pontos da cidade.

Figura 100: Conjunto de reportagens sobre dificuldades do Jardim de Alah

The figure displays a collection of nine news articles from O Globo, arranged in a 3x3 grid. Each article features a headline, a sub-headline, a byline with date, and a small image. The articles are as follows:

- Top Left:** "As várias formas do descaso no Jardim de Alah" by Marco Grillo (07/06/2012). Image shows a concrete structure in a park.
- Top Middle:** "Depois de ser usado para obras do metrô, Jardim de Alah é abandonado" by Rafael Galdo (29/11/2017). Image shows a construction site.
- Top Right:** "Jardim de Alah ainda está à espera de uma revitalização efetiva" by Patricia de Paula (10/11/2018). Image shows a garbage truck in a park.
- Middle Left:** "Abandonado, Jardim de Alah vive descaso do poder público e tem até barracos" by Gustavo Goulart (17/11/2018). Image shows a concrete structure with people on top.
- Middle Middle:** "Revitalização de praça no Jardim de Alah é comemorada por moradores com evento" by Júlia Amin e Paulo Assad (07/06/2019). Image shows workers in orange uniforms on a grassy area.
- Middle Right:** "Sem dinheiro, prefeitura vai privatizar Jardim de Alah, que ganhará restaurantes e outros empreendimentos" by Gustavo Goulart (07/08/2019). Image shows a park area with trees.
- Bottom Left:** "Moradores se mobilizam contra a concessão do Jardim de Alah à iniciativa privada" by Jacqueline Costa (31/08/2019). Image shows a group of people standing in a park.
- Bottom Middle:** "Moradores de Ipanema e Leblon formalizam adoção do Jardim de Alah e querem ocupá-lo com atividades culturais" by Ludmilla de Lima e Rafael Nascimento de Souza (10/03/2020). Image shows a modern architectural structure.
- Bottom Right:** (Partially obscured by the bottom edge of the grid).

Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 101: Jovem andando de bicicleta no Jardim de Alah na década de 50



Fonte: Suely Martelotti, década de 50

Figura 103: Família em frente ao Jardim de Alah na década de 50



Fonte: Suely Martelotti, década de 50

Figura 102: Grupo de crianças sentadas sobre o pergolado da Praça Grecia na década de 50



Fonte: Suely Martelotti, década de 50

Figura 104: Grupo de crianças sentadas a beira de um espelho d'água na década de 50



Fonte: Suely Martelotti, década de 50

Enquanto o número de empreendimentos de alto padrão crescem no Leblon e em Ipanema, valorizando o bairro, outros espaços nessas mesmas áreas sofrem com a falta de investimento do poder público, ficando a mercê de novas intervenções ou projetos de melhoria e reforma por parte da própria população ou simplesmente abandonados. Mesmo com a localização privilegiada, entre dois dos bairros mais valorizados da cidade, o Jardim de Alah é um dos espaços negligenciados e esquecido no tempo pelas autoridades. A instalação da estação da Linha 4 do metrô, se por um lado facilitou o acesso ao parque, por outro deixou parte do parque em pior estado do que estava antes.

Um bom espaço público é aquele que estimula a convivência entre as pessoas, criando as condições necessárias para a interação social (ECKER, 2020), sendo seu grande atrativo a vitalidade dos espaços, que possibilita ao usuário usufruir dos espaços urbanos de diversas formas (PACHECO, 2017). O Jardim de Alah não contempla mais esses atributos (como já foi em épocas passadas) e vem ano a ano se tornando ainda mais degradado. Conectando a Lagoa Rodrigo de Freitas e a praia do Leblon, o local possui o potencial de ser um marco no Rio de Janeiro, servindo de promenade entre dois famosos pontos turísticos e atraindo pessoas de toda a cidade, não apenas os moradores dos arredores.

Figura 105: Estado atual da Praça Grécia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 106: Estado atual da Praça Grécia



Fonte: Acervo pessoal, 2021

De acordo com Mariana de Albuquerque (2020),

(...) o espaço público vai sendo percebido de acordo com a estrutura existente no momento e com os interesses dominantes. De forma recorrente e inevitavelmente dependente da estrutura dominante, o espaço está sempre ligado a três elementos, configuração espacial, poder e relações sociais, onde cada um desses possui mais relevância em um determinado momento da história. (...) Mas em nenhum momento esses três elementos deixam de estar presentes, articulados dialeticamente, inclusive quando se trata especificamente dos parques urbanos.

Esta lógica de corresponder a estrutura de um momento e aos interesses dominantes também é perceptível ao fazer a análise dos parques urbanos. Observa-se que a lição mais importante na história dos parques é a que a forma sempre reflete os objetivos sociais imediatos, uma ideologia sobre a ordem e uma atitude subjacente para a cidade.

É preciso pensar na função do Jardim de Alah no Rio de Janeiro atual, tanto para a dinâmica da cidade quanto seus objetivos sociais. Sendo um espaço tombado, suas características precisam ser ressaltadas e preservadas. Hoje, após poucas intervenções e inúmeras situações de descaso pelo poder público, o parque tem seu potencial desperdiçado, podendo ser um espaço democrático e plural que agregue positivamente na vivência de seus frequentadores.

Objetivo geral

O trabalho em questão tem como principal objetivo a requalificação do espaço do parque visando melhorar a paisagem e a qualidade urbana, além de incentivar a permanência local atraindo o público e oferecendo uma ampla gama de atividades que permitam usufruir desta área. A requalificação deve levar em conta os elementos originais do parque, fazendo a manutenção dos mesmos a fim de realçar sua história e privilegiar a paisagem da área que não recebe a devida atenção por parte da população e principalmente do poder público.

Objetivos específicos

- Fazer um projeto paisagístico, implementando equipamentos que tragam diferentes usos;
- Implantar atividades dinâmicas para devolver as áreas de lazer a comunidade;
- Garantir a segurança, intervindo sobretudo na iluminação urbana, no desenho do parque e dos passeios;
- Garantir acessibilidade para todos os usuários, trabalhando na topografia (visto que o terreno é acidentado e atualmente o acesso se dá principalmente por escadas);
- Ressaltar os elementos históricos do local que justificam seu tombamento;
- Reestruturação socioespacial de um marco na paisagem da região.

Para a realização deste trabalho, estão sendo adotados diversos procedimentos para o recolhimento de dados, como a elaboração de levantamentos morfológicos com base em mapas públicos e visitas ao local. Estudos de campo se fazem necessários para que haja uma maior compreensão do local e para a realização de análises in loco. Pesquisas teóricas e históricas sobre área de estudo são essenciais para entender o local como um todo e seu processo de transformação até se tornar o que é hoje. Coleta de informações através de formulário online com moradores da região esclarecerá o que os usuários do espaço esperam do parque. O intuito é encontrar a melhor maneira de atribuir novos usos ao local. Para alcançar tais objetivos, os procedimentos são:

- levantamento histórico do local;
- pesquisa de projetos já existentes para o local e o porquê de não terem sido executados;
- formulário online para saber o que os moradores da cidade pensam sobre o local para melhor embasar as diretrizes projetuais;
- levantamento de dados técnicos e legislação da área de estudo;
- levantamento da área, suas preexistências e percepções no local;
- definir diretrizes para o projeto;
- estudo de possibilidades projetuais para o local;
- desenvolvimento do projeto levando em consideração os dados levantados;
- produção de imagens para o caderno a partir de desenhos 2D e modelagens 3D.

Projetos para a área

Lagocean

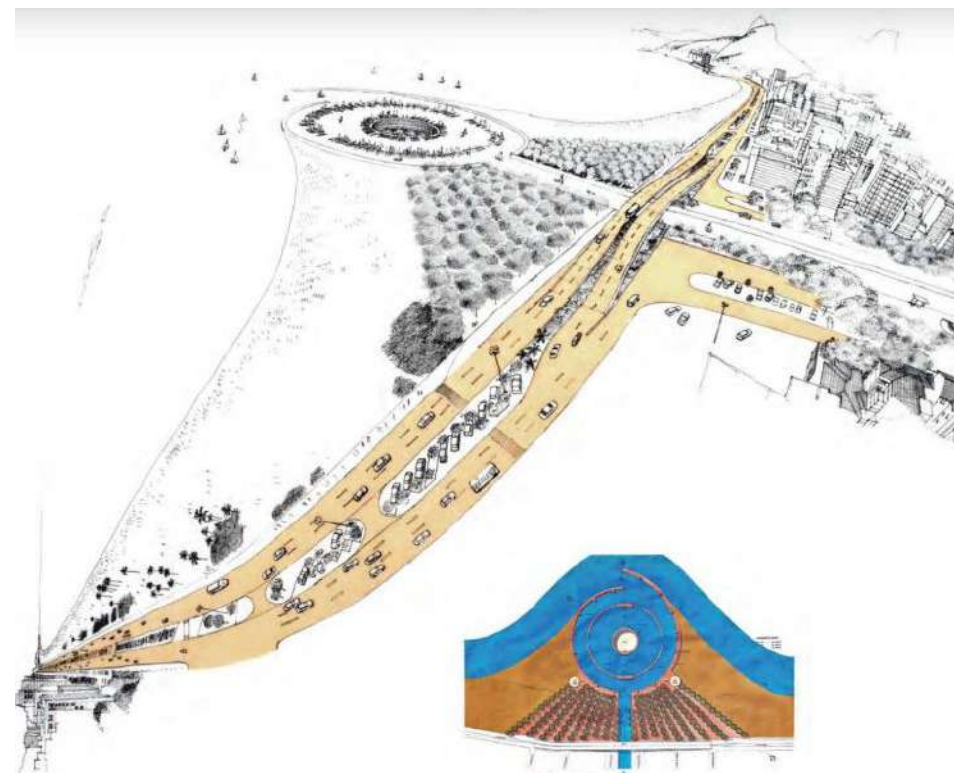
Em 1984, o arquiteto Sérgio Bernardes projetou o Lagocean. Este projeto consistia em criar um complexo marítimo, turístico e cultura, a fim de resolver a questão da mortandade de peixes na Lagoa Rodrigo de Freitas (LOPES, 1989). Teria vaga para mais de 300 barcos e três pavimentos subterrâneos, com estacionamento, casas de espetáculos e lojas. Seria possível transitar de barco diretamente da praia a lagoa.

O projeto, que não é pensado sobre o Jardim de Alah e sim na rua paralela, prioriza os carros ao invés dos pedestres. Um estacionamento subterrâneo com mais de 8 mil vagas seria construído na praia para que não fosse necessário estacionar ao som quente (BERNARDES e CAVALCANTI, 2010). Para acessar esse estacionamento, os carros passariam por vias que seriam construídas sob o canal jardim de Alah.

Considerando a história e o papel que o Jardim de Alah tem na região, o projeto causaria um grande impacto no parque. O canal passaria a ser usado para trânsito intenso de barcos, o que alteraria o caráter do local. Não existe qualquer tratamento paisagístico para o jardim em si e este parece não ser contemplado, pois não se vê relação entre todos os desenho do projeto e o desenho das praças para além do canal.

Priorizar o automóvel prejudicaria o local como espaço público de encontro e alteraria o caráter do lugar. Um jardim que foi construído nos moldes do ecletismo, com os ideais de fuga da cidade moderna, não poderia ter qualquer outra prioridade que não o transeunte.

Figura 107: Croquis do Lagocean



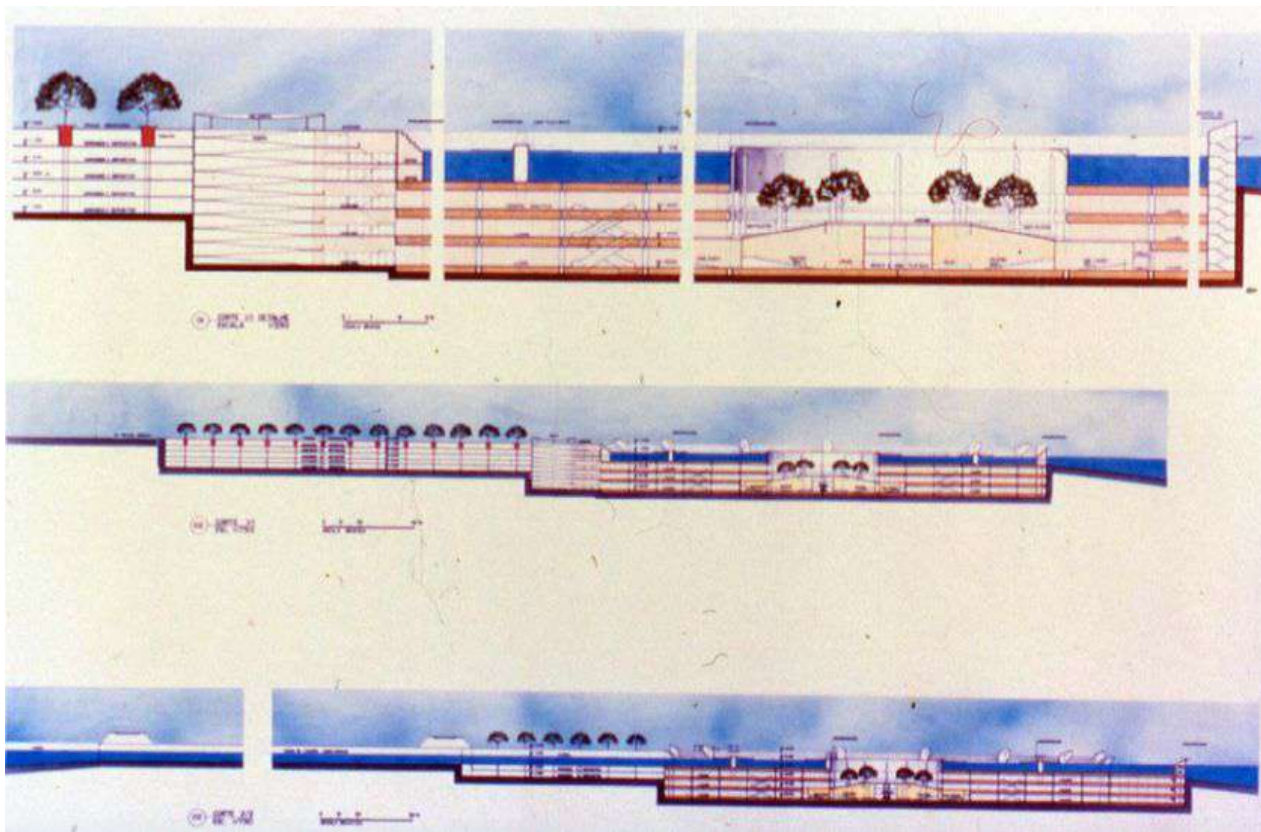
Fonte: Lagocean, Canal Jardim de Alah – Ipanema e Leblon, Rio de Janeiro, RJ, 1984

Figura 108: Croquis do Lagocean



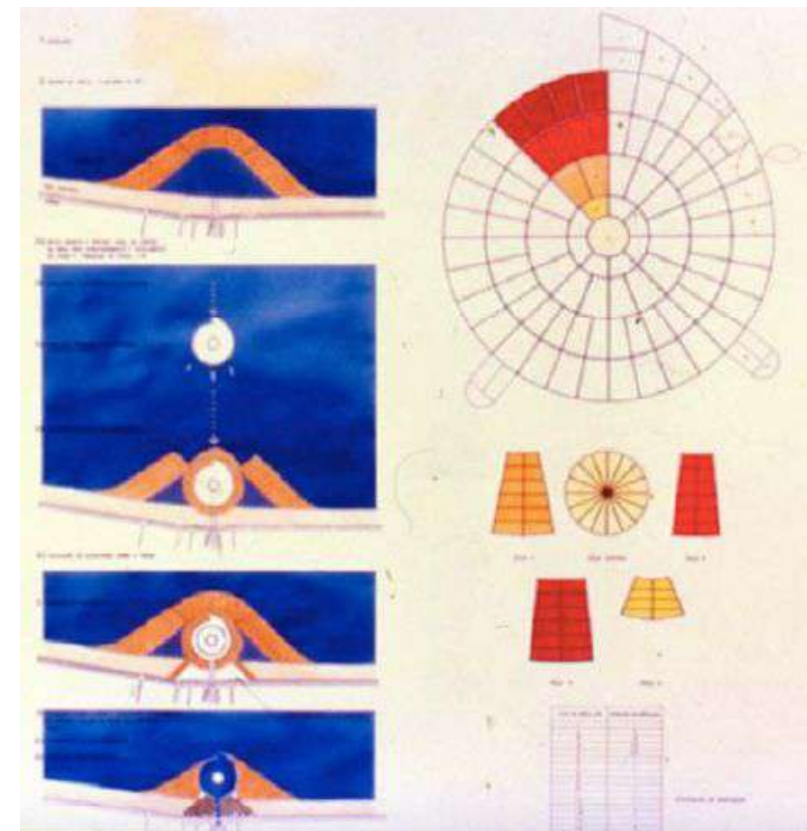
Fonte: Lagocean, Canal Jardim de Alah – Ipanema e Leblon, Rio de Janeiro, RJ, 1984

Figura 109: Cortes esquemáticos



Fonte: Lagocean, Canal Jardim de Alah – Ipanema e Leblon, Rio de Janeiro, RJ, 1984

Figura 110: Concepção da forma



Fonte: Lagocean, Canal Jardim de Alah – Ipanema e Leblon, Rio de Janeiro, RJ, 1984

Monostudio

Em 2009, antes das obras da linha 4 do metrô Rio, o escritório de arquitetura Monostudio projetou a revitalização do Jardim de Alah para a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAC).

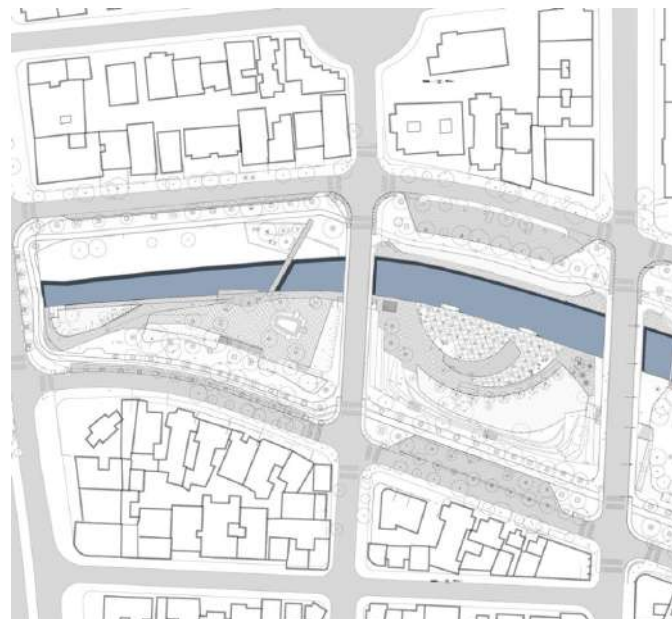
O projeto visava diminuir o caráter limitador que o parque tem entre os bairros de Ipanema e Leblon, que é entendido como um muro pelo arquiteto. A ideia era inserir uma nova camada no espaço para trazer mais vitalidade ao local, tendo em mente de sua importância histórica e se seu tombamento pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH).

Diferentemente do projeto do Sérgio Bernardes, o projeto em questão trabalhava quase que exclusivamente com o jardim, mantendo certas formas do jardim original em alguns trechos e modificando intensamente outras. As áreas que mais sofreram modificações foram as próximas à Avenida Ataulfo de Paiva, onde hoje se encontra a estação de metrô. Este é o ponto que tem o maior fluxo de pedestres e, conseqüentemente, o mais utilizado, sendo costumeiro ser o local com maior tratamento nos projetos no Jardim de Alah.

A fim de diminuir a distância entre os dois bairros separados pelo canal, o escritório projetou seis passarelas ao longo do parque que permitiam atravessar o canal, sem a necessidade de usar as pontes principais. Um dessas passarelas se encontra em frente a Cruzada São Sebastião, onde hoje existe outra ponte que cruza o canal.

Na área mais próxima da lagoa, onde hoje se encontra a , os limites do parque foram alterados para que fosse possível ter quadras poliesportivas. Estas ficariam fora dos limites, porém novas entradas aos jardins aconteceriam ao redor delas.

Figura 111: Desenho da Praça Almirante Saldanha da Gama



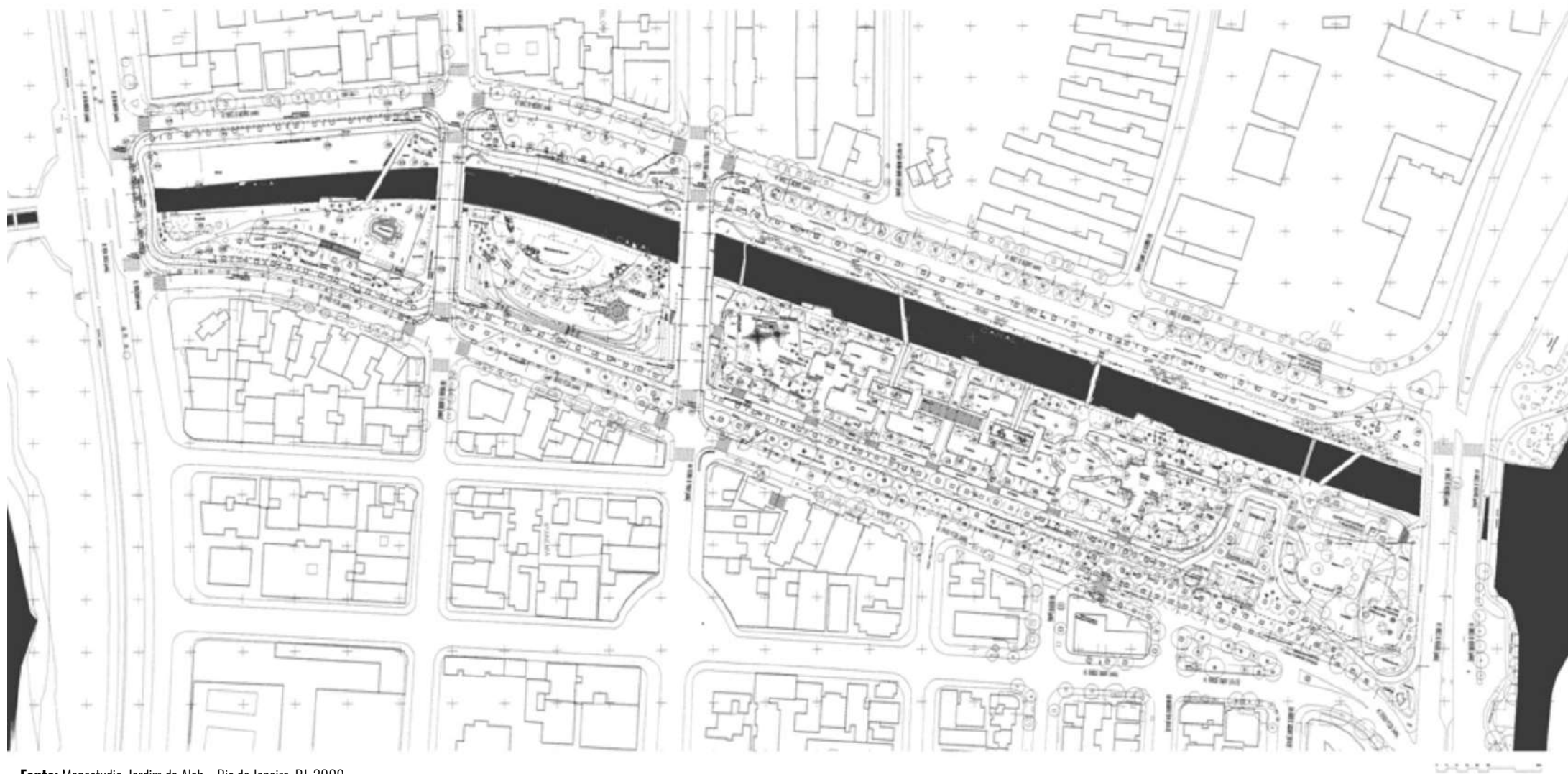
Fonte: Monostudio, Jardim de Alah – Rio de Janeiro, RJ, 2009

Figura 112: Desenho da Praça Grécia



Fonte: Monostudio, Jardim de Alah – Rio de Janeiro, RJ, 2009

Figura 113: Plano diretor da intervenção



Fonte: Monostudio, Jardim de Alah – Rio de Janeiro, RJ, 2009

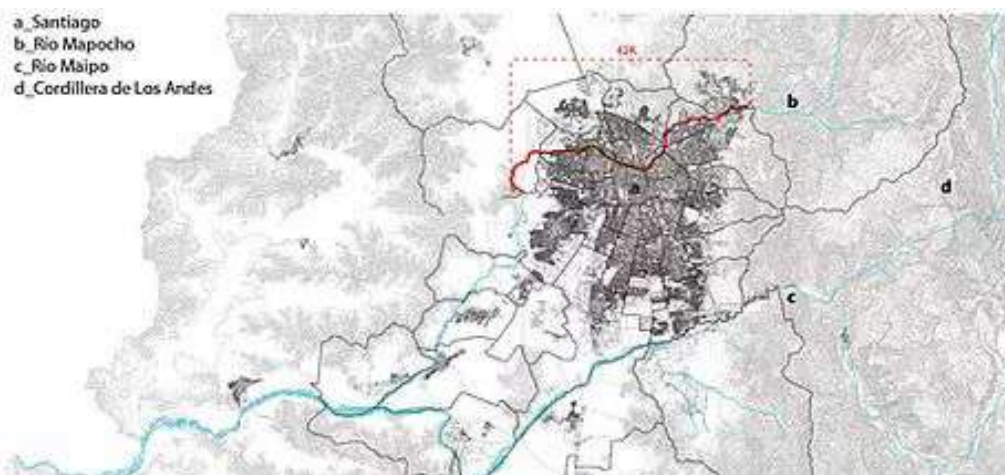
Mapocho 42k

O projeto Mapocho 42K visa recuperar as margens do rio Mapocho em Santiago, no Chile. É um grande caminho arborizado com estrutura para pedestres e ciclistas que se conecta com espaços verdes ao redor do rio, criando um grande parque linear chamado pelos realizadores do projeto de “Cicloparque”. A conexão outros parques cria um sistema de áreas verdes e garante a continuidade ambiental e ecológica da região.

O projeto tem como objetivo ligar geográfica e socialmente a cidade de Santiago, conectando a cidade propriamente dita às áreas mais rurais e distante do centro. Dessa forma, tem-se um caráter social e de mobilidade, buscando a equidade social através do percurso, principal objetivo do projeto. As margens revitalizadas, entregando, não servem apenas como transição. Os espaços verdes estabelecidos servem para ressaltar e induzir a convivência entre as pessoas que usufruem do espaço, garantindo sempre a vitalidade do local.

Apesar da escala metropolitana, a ideia de utilizar a circulação como integradora de espaços e estimuladora de relações faz com que o local seja sempre convidativo para quem o uso. As margens de rios urbanos são frequentemente negligenciadas no projeto das cidades atualmente, criando áreas subutilizadas e sem segurança, como ocorre em outras regiões (como em grande parte da extensão do rio Tietê, em São Paulo). O projeto Mapocho 42k não apenas resolve como subverte essa situação, tornando a área ribeirinha altamente atrativa.

Figura 114: Mapa do projeto



Fonte: Disponível em: <<https://www.mapocho42k.cl/propuesta>> Acesso em maio, 2021

Figura 115: Imagem do projeto



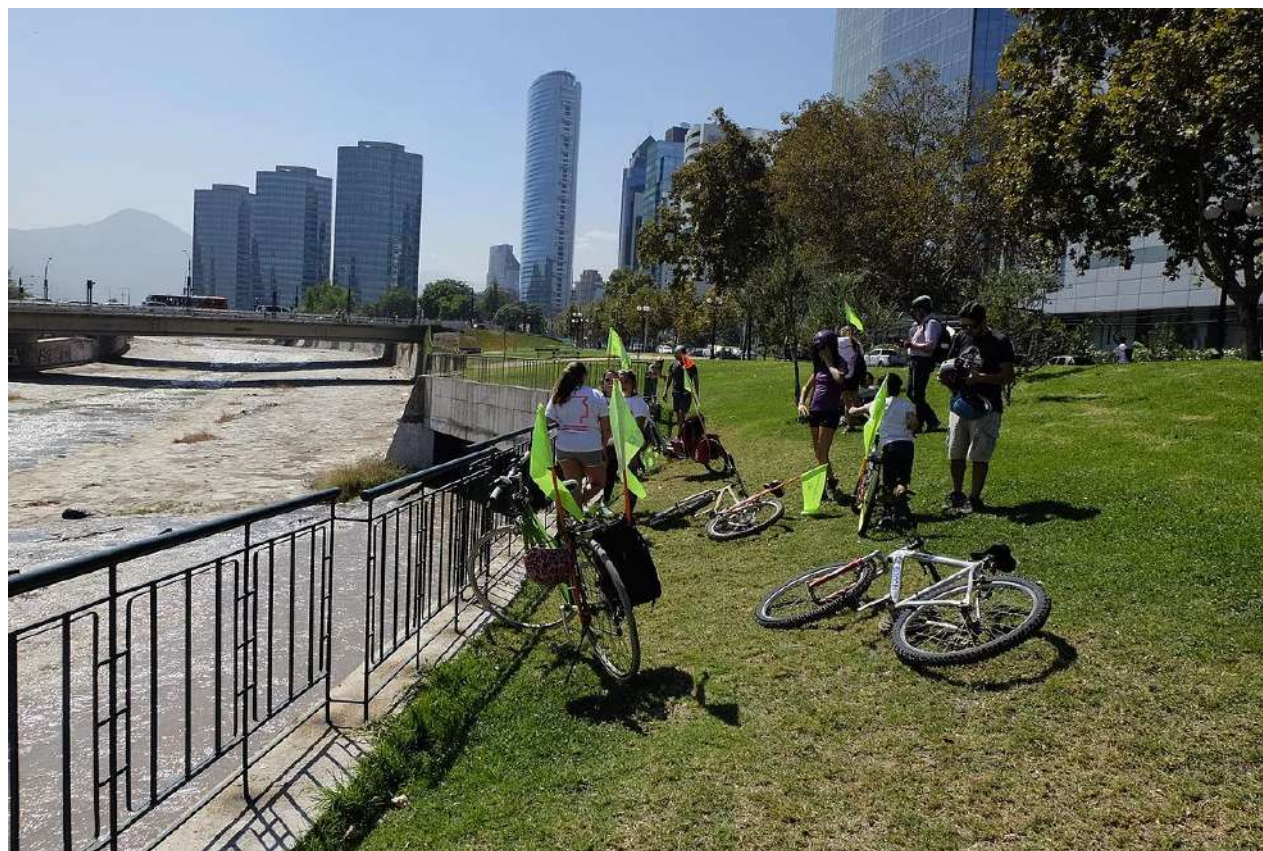
Fonte: Disponível em: <<https://www.mapocho42k.cl/proyecto?lightbox=datatItem-iwxhvp17>> Acesso em maio, 2021

Figura 116: Crianças reunidas no parque durante o Dia do Patrimônio Cultural do Chile



Fonte: Disponível em: <<https://www.mapocho42k.cl/proyecto?lightbox=dataitem-j4u4arhb4>>
Acesso em maio, 2021

Figura 117: Parque sendo ocupado com dinâmicas



Fonte: Disponível em: <<https://www.mapocho42k.cl/proyecto?lightbox=dataitem-j2q9lkxh2>>
Acesso em maio, 2021

Figura 118: O parque na área urbana



Fonte: Disponível em: <<https://www.mapocho42k.cl/proyecto?lightbox=dataitem-iwxht8pt1>>
Acesso em maio, 2021

Figura 119: O parque na área urbana



Fonte: Disponível em: <<https://www.mapocho42k.cl/proyecto?lightbox=dataitem-itgaabn1>>
Acesso em maio, 2021

Passeio Público - Restauração

Em 2004, o Passeio Público passou por um grande processo de restauração, no qual foram levados em conta diversos aspectos como instalação de iluminação recente, recuperação paisagística e dos elementos artísticos originais do mestre Valentim e da reforma Glaziou que ocorreu posteriormente no século XIX, reativação do lago entre outros aspectos.

Além da recuperação desses itens, também foi implantado no parque placas que contam a história do local e identifica cada item do acervo. Tal intervenção tem enorme importância pois, segundo a Carta de Juiz de Fora, a restauração de jardins históricos deve “induzir gerações contemporâneas e futuras a atitudes de maior zelo por esse patrimônio” (ICOMOS, 2010, p. 3). Assim, o jardim pode ser preservado por mais tempo e com menor possibilidade de ser degradado.

As soluções paisagísticas adotadas na restauração do Passeio Público possibilitaram um vista mais ampla da praça, tornando-o mais convidativo. A segurança, que por muitas vezes falha na área, foi uma das maiores preocupações. Foi planejado a abertura de um café para aumentar o movimento, além da presença de guardas municipais. Para além disso, a iluminação no local foi reforçada, o que contribui para a segurança não só para dentro dos portões mas também para os arredores, que se beneficiam dos 78 postes na praça.

Figura 120: Uma das pirâmides do Passeio



Fonte: Disponível em: <<http://arquiva.com/obra/passeio-publico/?lang=ptbr>> Acesso em maio, 2021

Figura 121: Portão principal, 1955



Fonte: Disponível em: <<http://ashistoriasdosmonumentosdorio.blogspot.com/2017/08/a-restauracao-do-passeio-publico-do-rio.html>>
Acesso em maio, 2021

Figura 122: Portão principal atualmente



Fonte: Disponível em: <<http://arquiva.com/obra/passeio-publico/?lang-ptbr>>
Acesso em maio, 2021

Figura 123: Chafariz de jacaré



Fonte: Disponível em: <http://www.passeipublico.com/maispasseio/05-01/img/mat1_02.jpg>
Acesso em maio, 2021

Figura 124: Chafariz de jacaré



Fonte: Disponível em: <http://www.passeipublico.com/maispasseio/05-01/img/mat1_03.jpg>
Acesso em maio, 2021

Parque Beira Linha

O projeto, desenvolvido pela arquiteta Maini Perpetuo como dissertação de mestrado em arquitetura paisagística, busca transformar espaços livres residuais provenientes da desativação de linhas de trem em espaços dinâmicos com características diversas, atribuindo novas características.

Para elaborar o projeto, a arquiteta se baseia nos princípios da conectividade, diversidade e visibilidade. É criada uma malha que conecta os lugares considerados de maior interesse, resultando em um traçado que, posteriormente, se desenvolve criando os percursos e diferentes áreas do projeto. A diversidade e visibilidade se fazem essenciais para que o lugar se torne coeso dentro do contexto no qual está inserido e dentro da estrutura proposta, possibilitando não apenas torná-lo atrativo para que o espaço residual perca essa característica mas também possibilitando que o parque se adapte ao longo do tempo.

Entendendo que a função do parque e dos espaços livres urbanos se transforma com o passar dos anos, a capacidade de adaptação do parque é um dos pontos principais dos projetos, pois é a partir desta característica que se busca prevenir que o espaço volte a se tornar uma área sem uso, obsoleta no contexto urbano no qual está inserido.

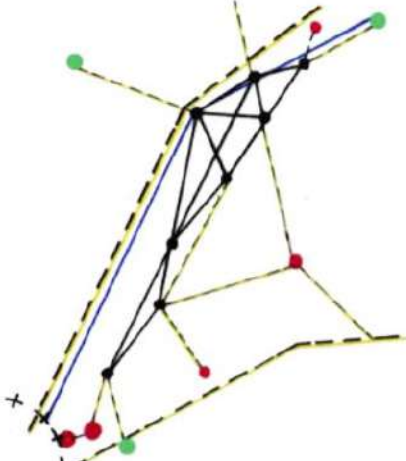
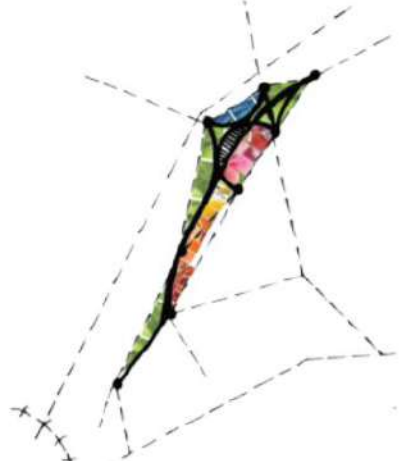

Figura 125: Implantação do parque e ações projetuais



Fonte: Disponível em:

<http://www.prourb.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2018/07/Arquitetura-Paisag%C3%ADstica_Patricia-Maya_Raquel-Tardin.pdf>
Acesso em agosto, 2021

Figura 126: Princípios projetuais

<p>Conectividade</p> <p>(FORMAN, 1995; AHERN, 1995; WALL, 1999; TARDIN, 2008)</p>	<p>Diversidade</p> <p>(JACOBS, 1961; WALL, 1999; HOLLAND ET. AL, 2007)</p>	<p>Visibilidade</p> <p>(LYNCH, 1981; HOUGH, 1995; TARDIN, 2008)</p>
<p>Capacidade do parque em facilitar fluxos e estabelecer relações entre os seus elementos internos, suas bordas e a ocupação urbana do seu entorno, conformando um sistema.</p>	<p>Capacidade do parque de promover a inter-relação e a convivência entre os diferentes elementos e processos da paisagem.</p>	<p>Capacidade do parque em promover a transparência dos elementos e processos naturais, urbanos e sociais que ali ocorrem.</p>
<p>Biofísica: conexão entre espaços livres; conexões biológicas;</p> <p>Urbana: acessibilidade, percursos articulados;</p> <p>Sociocultural: lugares de encontro e interação entre grupos distintos.</p>	<p>Biofísica: manutenção e incremento da biodiversidade;</p> <p>Urbana: variedade de ambiências, flexibilidade dos espaços;</p> <p>Sociocultural: pluralidade de grupos sociais, usos e atividades.</p>	<p>Biofísica: visibilidade dos processos naturais;</p> <p>Urbana: integração ao entorno, permeabilidade, identidade visual;</p> <p>Sociocultural: visibilidade dos percursos, diminuição da sensação de insegurança.</p>
		

Fonte: Disponível em:
http://www.prourb.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2018/07/Arquitetura-Paisag%C3%ADstica_Patricia-Maya-Raquel-Tardin_pdf.pdf
 Acesso em agosto, 2021

Jardim Urbano Changli

Localizado em Shanghai, na China, o projeto Jardim Urbano Changli foi desenvolvido com o objetivo de reavivar uma área longilínea de 350 metros de comprimento que surgiu após a demolição de edificações ilegais, dando origem a um espaço estreito que logo se tornou obsoleto.

O escritório TM Studio idealizou um caminho que percorresse todo o comprimento. Com o intuito de conectar os edifícios e árvores do entorno, obteve-se inicialmente uma forma em zigue-zague, o que possibilitou a criação de diferentes espaços ao longo do percurso. Estes espaços, ora canteiros ora mobiliário, deram dinâmica para o jardim, tornando-o convidativo para que fosse utilizado.

O entorno teve grande peso no desenvolvimento do projeto. Foram consideradas as árvores, postes e pontos de ônibus que existiam na área para que eles fossem integrados ao projeto. A privacidade dos prédios residenciais próximos também teve papel importante no processo, visto que tomaram-se decisões que permitissem o uso do local sem criar nenhum distúrbio para os moradores dos níveis mais próximos ao térreo.

Para conectar todo o caminho, foi criado um elemento estruturante: uma cobertura que conecta todo o percurso. Tal elemento foi uma das soluções encontradas para dar unidade ao projeto, reforçando o eixo principal do jardim.

Figura 127: Vista aérea

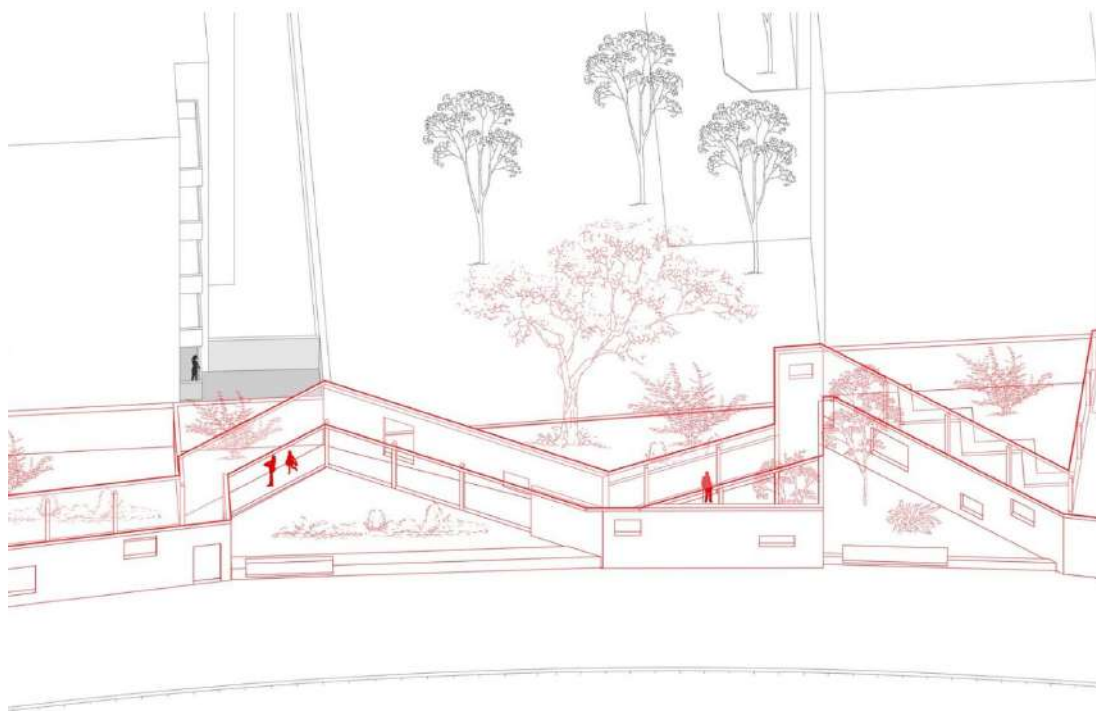


Fonte: Disponível em:

https://www.archdaily.com.br/br/951127/jardim-urbano-changli-tm-studio?ad_medium=office_landing&ad_name=article

Acesso em agosto, 2021

Figura 128: Diagrama de trecho do percurso



Fonte: Disponível em:
<https://www.archdaily.com.br/br/951127/jardim-urbano-changli-tm-studio?ad_medium=office_landing&ad_name=article>
Acesso em maio, 2021

Figura 129: Relação do projeto com a calçada



Fonte: Disponível em:
<https://www.archdaily.com.br/br/951127/jardim-urbano-changli-tm-studio?ad_medium=office_landing&ad_name=article>
Acesso em maio, 2021

Situação atual

Antes da obra do metrô da Linha 4 do metrô, a parte hoje degradada era comumente utilizada não só diariamente pelos moradores locais, mas também recebia pequenos eventos culturais gratuitos, como por exemplo pequenos teatros infantis e feira de presépios, na época do Natal. Além dos eventos, havia um parquinho para as crianças.

Conforme abordado anteriormente, o Jardim de Alah se encontra em seu pior estado após a obra do metrô, na qual se utilizou o jardim como canteiro de obras e sua maior porção não foi recuperada após o término. O parque, que há tempos já vinha com dificuldade de ser mantido bem conservado, ainda não foi restaurado.

Entretanto, apesar das condições precárias principalmente na Praça Grécia, ainda há interesse da população de utilizá-lo, demonstrado em movimentos de manutenção da praça organizado por parte dos moradores, por frequentadores rotineiros, por pescadores que utilizam o canal para a pesca. O “Parcão”, apelido de trecho da Praça Almirante Saldanha da Gama decorrente do uso diário de moradores para passear com seus cachorros, é a parte mais utilizada do Jardim de Alah, bem como a parte que foi foco de restauração após a obra do metrô.

Figura 130: Brinquedos para crianças na Praça Grécia, em 2010



Fonte: Google Maps Street View, 2010

Figura 131: Exposição de presépios natalinos, em 2011



Fonte: Google Maps Street View, 2011

Figura 132 Praça Grécia anos após obra do metrô, em 2019



Fonte: Google Maps Street View, 2019

Em julho deste ano (2021), foi realizado no Jardim de Alah, em específico na Praça Grécia, o evento “Diga sim ao Jardim. Vamos Alah!”, no qual acontecerá um mutirão de limpeza do parque (que se faz necessário devido a falta de cuidado por parte do poder público) e o plantio de mudas nos canteiros principais da praça. Além destas atividades, foram ministradas aulas de ginástica coletiva, judô e ioga, assim como apresentação de rodas de capoeira.

No dia do evento estavam presentes funcionários de limpeza da prefeitura e guardas do Leblon Presente. A falta de limpeza e a insegurança no parque são duas das principais críticas dos frequentadores da região. Moradores de rua, comumente presente no parque, também participaram das atividades que aconteceram.

Figura 134: Um grupo de participantes, com auxílio de garis, limpam a praça



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 133: Cartaz de chamada para o evento



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 135: Grupo de pessoas cuidando das árvores das praças



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 136: Roda de capoeira



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Figura 137: Aula de judô



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Todas as atividades aconteceram sobre os canteiros, o que demonstra uma preferência dos frequentadores do parque pelas áreas com grama. Áreas verdes abundantes, costumeiramente ausente nas grandes cidades, tornam-se atrativos quando presentes. As atividades aconteceram simultaneamente, o que resultou na ocupação da maioria dos canteiros.

Apesar da variedade de atividades e do número de pessoas, parte do parque não foi utilizada. Está parte, por sua vez, é onde a falta de cuidado com o local é mais notável, sendo uma área que demanda especial atenção para que se torne atrativa para quem usa o parque.

Figura 138: Parte da Praça Grécia que não foi utilizada devido ao seu estado



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Os pescadores, como os da figura 64, são comuns de serem vistos no Jardim de Alah. Geralmente posicionados na Praça Almirante Saldanha da Gama, próximos a saída do canal para o mar, é possível avistá-los ao longo de todo parque.

Ao se analisar fotos do jardim ao longo dos anos, fica clara a importância do canal para os pescadores e vice-versa. Sempre presentes, eles são parte do público frequente do parque. Apesar de não terem o lazer como objetivo para visitar o parque, como a maioria dos outros frequentadores, são indispensáveis para a vitalidade do local.

Figura 139: Pequeno grupo de pescadores na praça



Fonte: Google Maps Street View, 2014

Figura 140: Pescador do lado menos cuidado da praça



Fonte: Google Maps Street View, 2018

Proposta

Com base no estudo sobre a área de intervenção e nas observações feitas in loco, o projeto tem como objetivo requalificar o Jardim de Alah afim de torná-lo um espaço novamente atrativo para todos. A compreensão da função do parque contemporânea bem como o Jardim de Alah no contexto no qual está inserido se faz necessário para poder potencializar ao máximo suas qualidades e atender às necessidades de todos os seus frequentadores, bem como chamar a atenção de quem não mora na região e não conhece o parque, atraindo mais público.

O parque, apesar de sua ampla extensão e localização privilegiada, possui boa parte de sua área subutilizada e ociosa. O projeto em questão visa propor soluções para essas questões bem como reaver qualidades que o parque já apresentou em décadas passadas e que hoje em dia se perderam: limites menos definidos com a rua e a aproximação com a água do canal são exemplos de características que contribuíam para o sucesso do canal em tempos passados.

O entorno do Jardim de Alah, por sua vez, tem diversos elementos de características diferentes. Conseguir unir tais elementos por meio do projeto do parque, de modo que eles se comuniquem e se relacionem é um dos objetivos do projeto, que visa criar um ambiente convidativo e plural.

A fim de alcançar todos esses objetivos, foi utilizado o conceito de **costura**. A costura em questão refere-se não só a união dos elementos arquitetônicos do entorno, mas também aos lados de Ipanema e Leblon, cuja separação é feita pelo próprio Jardim de Alah, e da Lagoa Rodrigo de Freitas com a praia, dois pontos turísticos que atraem pessoas de todo o Rio de Janeiro, seja moradores ou turistas.



Conectividade

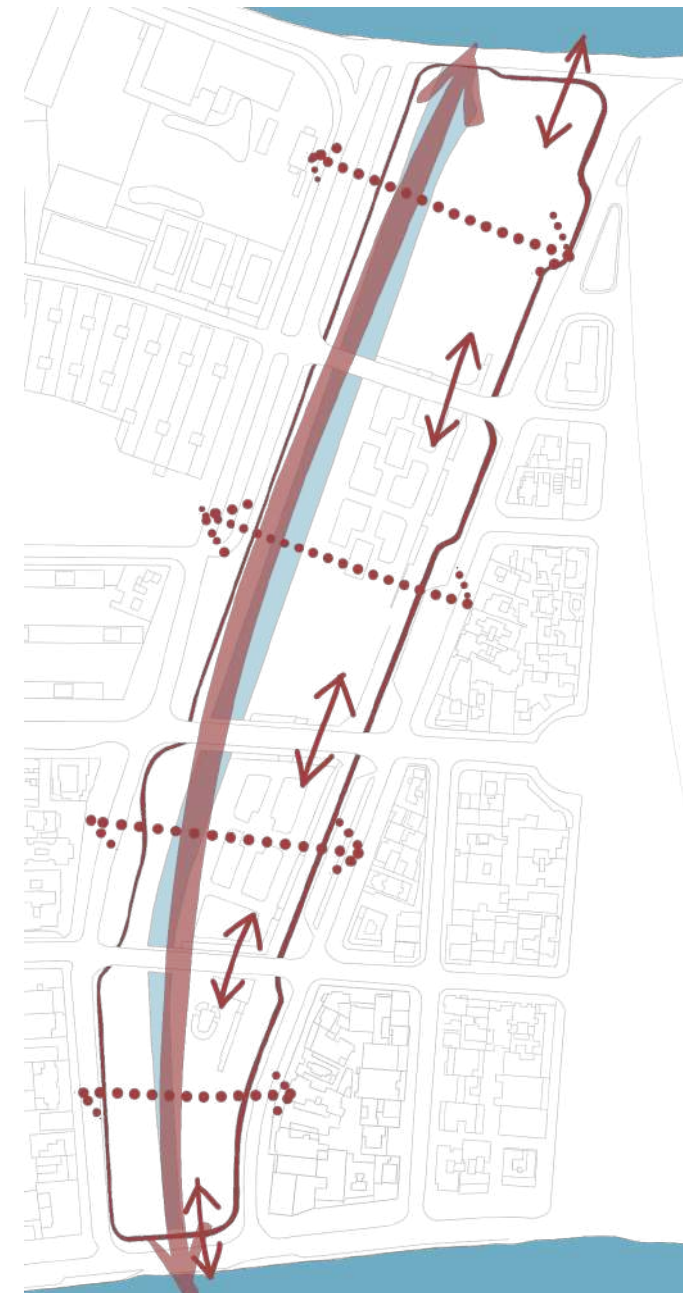
Apesar de estar entre dois importantes pontos turísticos do Rio de Janeiro e entre dois bairros de alto padrão, o Jardim de Alah atualmente não tira proveito de sua localização. Ele funciona como uma divisa entre os dois bairros e, por seu estado atual, não atrai quem o vê da praia ou da lagoa. Dentro do próprio parque, não há conexão direta entre as praças.

Pensando nisso, foi criada uma hierarquia das conexões que se busca criar com o projeto. As linhas mais grossas representam as conexões que precisam de maior atenção, por terem maior relevância e/ou serem mais fracas:

- o potencial de ligar os dois pontos turísticos dando ao parque a função de promenade entre ambos contribui para que ele seja utilizado pelos transeuntes;
- a ligação entre as praças, além de dar unidade ao parque como um todo, também ajuda a enfatizar a ligação entre a lagoa e a praia, pois facilitar a passagem de uma praça para a outra ajuda a estimular os frequentadores a explorarem o parque;
- a conexão entre Ipanema e Leblon, que se dá através de pontes, passa a acontecer também através do parque, facilitando o acesso dos pedestres ao parque mesmo que apenas para atravessá-lo.

Definir as conexões ajudam a criar eixos estruturantes no projeto a partir dos quais surgem os espaços.

Figura 142: Diagrama de conexões



Fonte: imagem produzida pelo autor

Diversidade

O entorno do Jardim de Alah possui os mais diversos elementos urbanos: shopping de alto padrão, habitação social, escolas públicas e particulares, clubes de esportes, restaurantes de luxo, elementos tombados na praça, paisagens naturais, além dos mais diversos comércios. Tamaña diversidade, entretanto, geram no local em questão uma atmosfera de conflito.

O projeto contempla os diferentes elementos, interligando-os através de caminhos e visadas. Desta forma, cria-se um espaço que abraça essas diferenças e busca diminuir os atritos que elas podem ocasionar. As praças do parque passam a ser os pontos de convergência de toda a paisagem ao redor, ganhando mais importância no contexto no qual se encontra.

Os pontos de interesse do entorno foram então mapeados e conectados uns aos outros, com o intuito de entender como eles poderiam se interligar no espaço. Foram selecionadas então as ligações consideradas mais importantes, que possam contribuir da melhor forma para a diversidade e pluralidade no parque e para a praticidade do transeunte, criando caminhos fáceis e convidativos de acesso a praça. A partir destas mesmas ligações cria-se pontes menores sobre o canal, permitindo que se cruze o canal sem a necessidade de sair da praça.

Figura 143: Elementos importantes da paisagem



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 144: Elementos interligados



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 145: Ligações mais relevantes no projeto



Fonte: imagem produzida pelo autor

Permeabilidade

As praças do Jardim de Alah, além de serem em um nível mais baixo do que o nível da rua, hoje em dia são rodeadas por grade, o que desmotiva os pedestres que passam por ali de adentrarem ao jardim. Dessa forma, faz-se necessário encontrar soluções para essa situação.

Mesmo com o parque estando abaixo do nível da rua, é possível torná-lo mais permeável. Na maioria das praças em questão, as grades não possuem mais nenhuma outra utilidade a não ser afastar as pessoas do parque, tornando-o ainda menos utilizado. Portanto, remover as grades é um primeiro passo para alcançar esta permeabilidade. Nota-se, entretanto, que no Parcão as grades devem ser mantidas, pois os próprios moradores pedem que o portão esteja fechado a fim de evitar que os cachorros fujam.

Outra estratégia adotada é expandir o parque para fora dos seus limites formais, seja com materiais ou paginação de piso que saiam das praças e envolvam também as calçadas ao redor. Assim, aumenta-se o perímetro do parque para que o transeunte se sinta dentro dele mesmo sem descer o para o nível original da praça.

Por fim, as ciclovias pré existentes ganham maior importância, circundando todo o Jardim de Alah e conectando-o via bicicleta com as ciclovias da praia e da Lagoa.

Figura 145: Limites do parque e ciclovia



Conclusão

A união de todas essas diretrizes, antes de entrar no projeto formal, resultou no diagrama ao lado. Com base nele, começou a ganhar forma o projeto, onde as geometrias começaram a ser pensadas como áreas e as linhas em passagens, e como todas essas questões se conectam.

A partir deste ponto, foi necessário pensar em como compatibilizar as formas e traçado sugeridos com o projeto já existente do Jardim de Alah, sem que ele seja descaracterizado e ainda preserve as características para que continue sendo o parque no qual tantas pessoas possuem memória afetiva.

Figura 145: Diagrama de intenção de setorização



Fonte: imagem produzida pelo autor

Dispositivos de projetos

Uma série de dispositivos de projetos foram adotados a fim de seguir os objetivos estabelecidos nas diretrizes projetuais, ressaltando características positivas do local em questão e atribuindo novas dinâmicas. Foram considerados tanto elementos existentes na área de intervenção quanto elementos propostos, tais como mobiliário urbano, vegetação, entre outros.

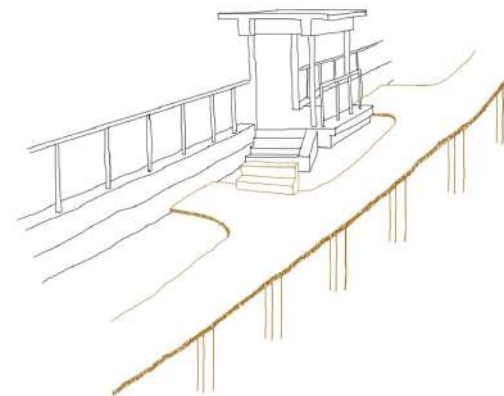
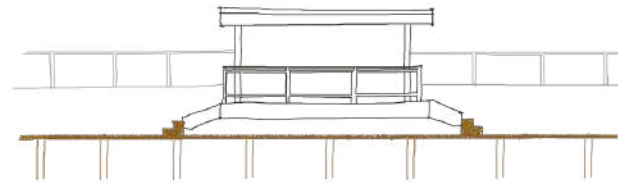
Os dispositivos utilizados também tem como finalidade dar unidade ao projeto, se repetindo em locais oportunos nas praças do parque. Por possuir partes notadamente distintas, criar uma linguagem se faz essencial para uma melhor leitura do parque como um todo, o que não ocorre atualmente.

Deck

Desde que as gôndolas foram removidas do Jardim de Alah há décadas, não há proximidade dos poucos utilizadores do parque e nem dos transeuntes da região com o canal. Esse distanciamento culmina, entre outros motivos, na má condição da água, visto que a aproximação das pessoas ocasiona uma situação na qual ela deva ser cuidada.

Sugere-se, portanto, um deck que conectaria todas as praças. Este elemento acontece sobre a água do canal e seu acesso aconteceria pelas plataformas já existentes no parque, as mesmas que em tempos passados eram utilizadas para acessar os barcos que circulavam pela área. Desta forma, cria-se um elemento que estimule os usuários do parque e da região a se aproximarem ainda mais do canal. Todo o perímetro do deck possui guarda-corpo.

Figura 146: Perspectivas Deck



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 147: Deck



Fonte: imagem produzida pelo autor

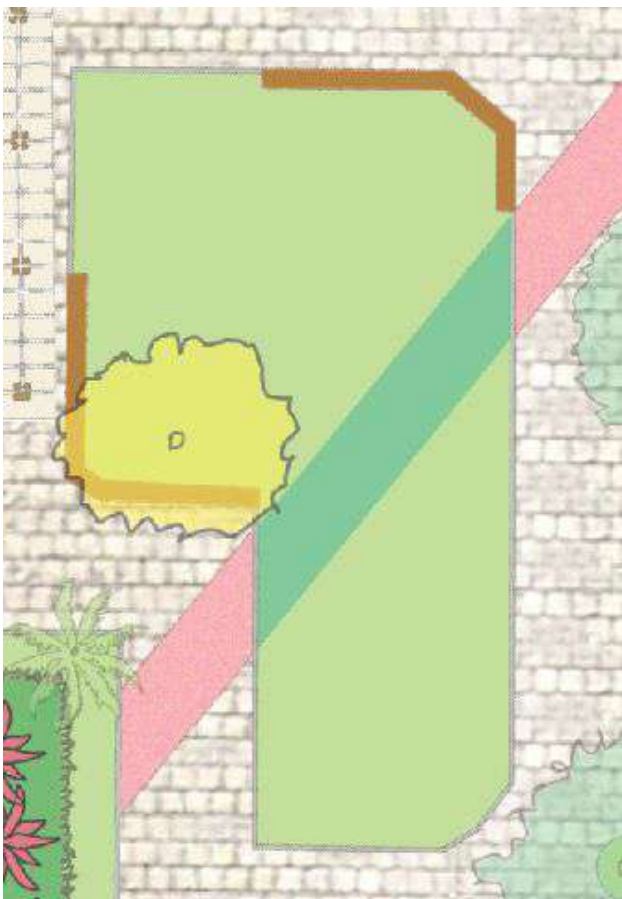
Mobiliário

Os jardins do Jardim de Alah apresentam um desenho característico da época de sua construção. Foram pensados como um local romântico, com eixos bem definidos e com pouca vegetação

Tirando proveito desta característica e no intuito não de apenas preservá-la mas também de acentuá-la, foram pensados mobiliários que seguissem o contorno dos canteiros, estando localizados em pontos específicas de seu perímetro. Desta forma, é possível manter espaços livres para que se possa praticar atividades e que haja sempre uma aproximação com estas áreas. O desenho dos jardins resulta em mobiliários em fita práticos e interessantes. Em praças onde não havia canteiros originais, essa tipologia de mobiliário foi feita seguindo jardins propostos neste projeto.

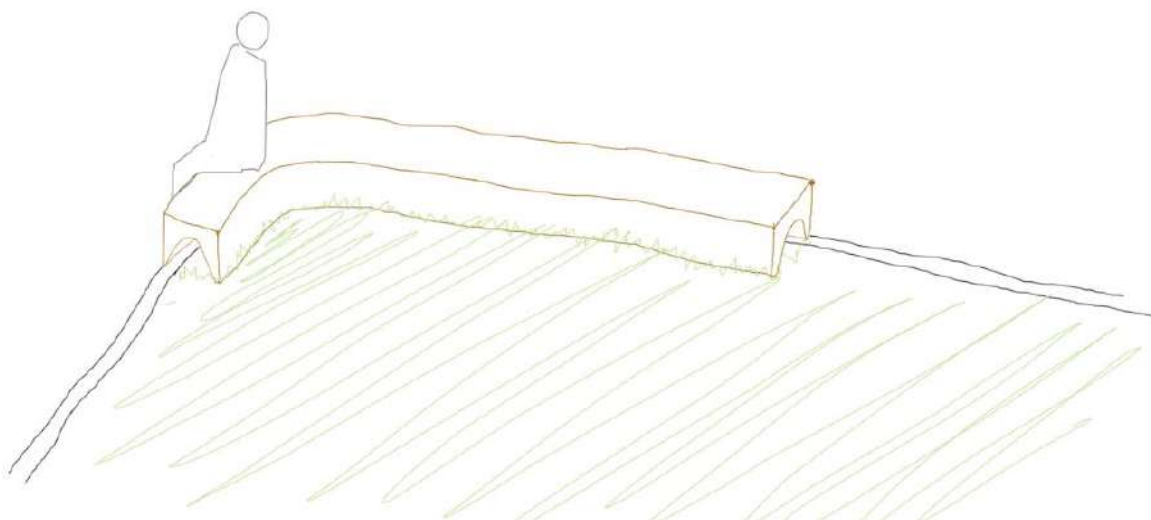
Outra tipologia proposta utiliza de árvores pré existentes e acrescentadas para ganhar forma. Os bancos funcionam como gola para as árvores, criando bancos sinuosos (em contraste com o desenho retilíneo dos canteiros) que conectam duas ou mais árvores. A gola mantém tamanho o suficiente para que a árvore possa crescer livremente sem ser estrangulada.

Figura 148: Canteiro em planta



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 149: Perspectivas banco



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 150: Banco em planta

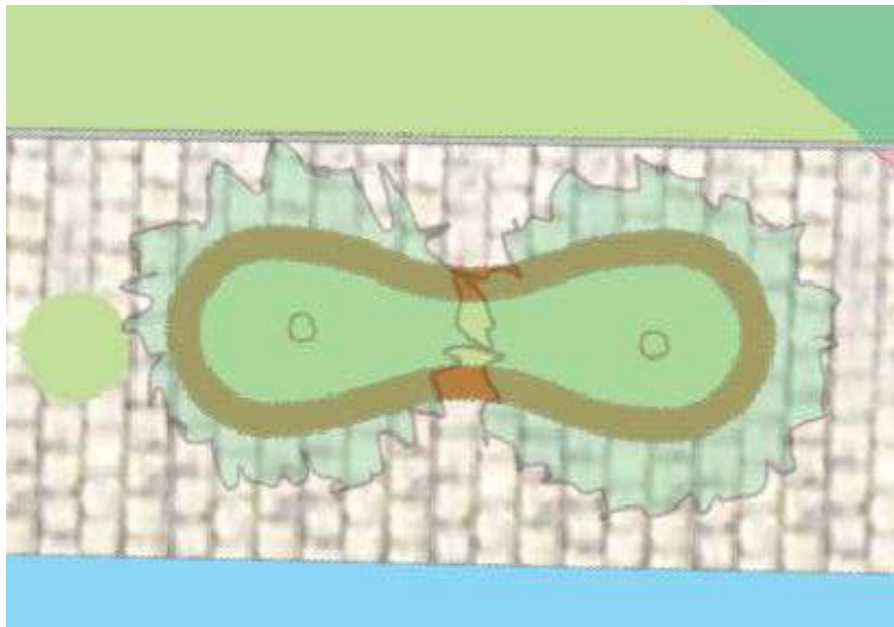


Figura 151: Perspectivas banco

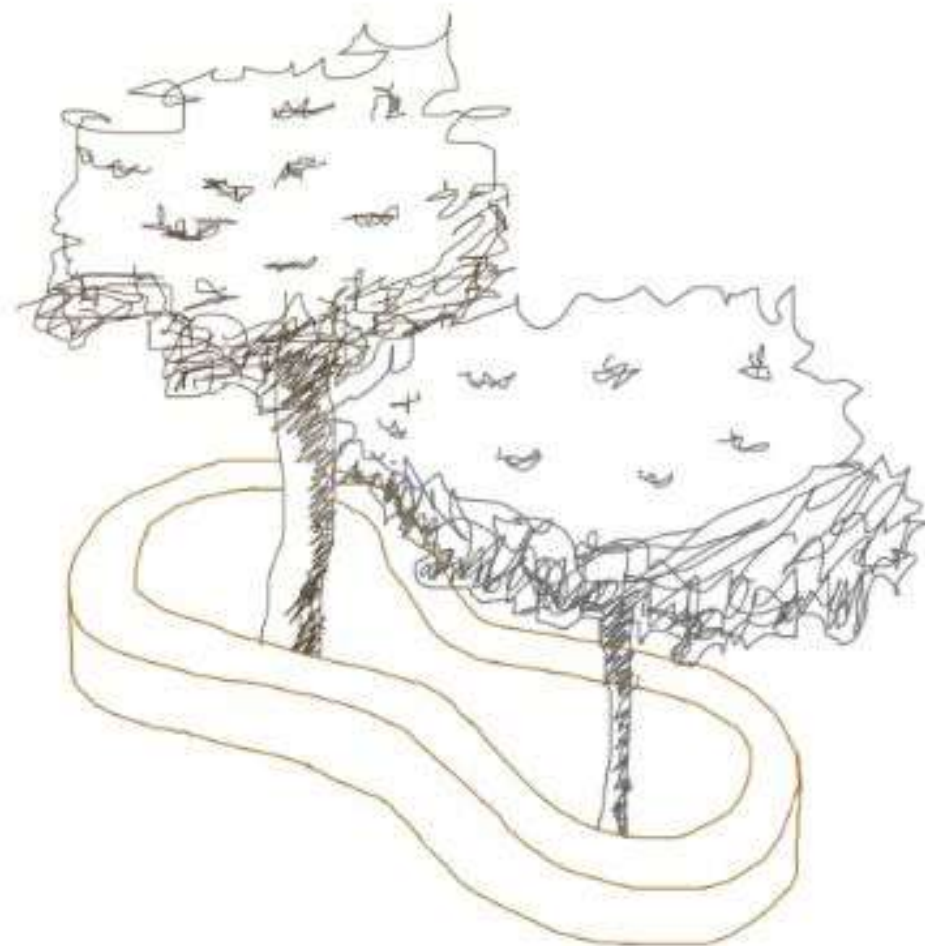
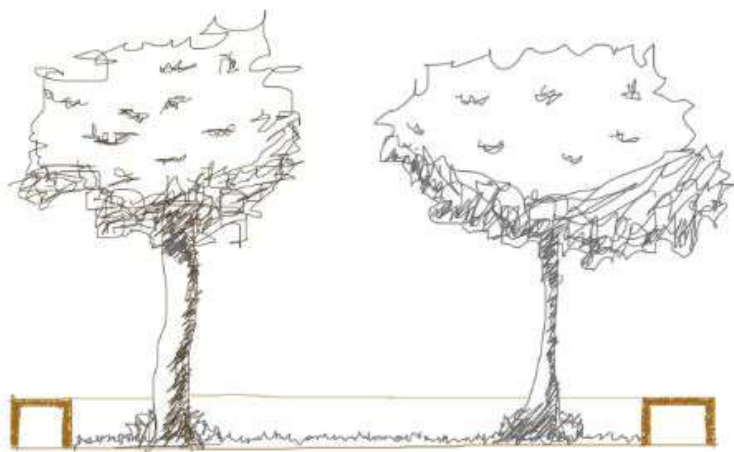


Figura 152: Corte bancos

Fonte: imagem produzida pelo autor



Fonte: imagem produzida pelo autor

Fonte: imagem produzida pelo autor

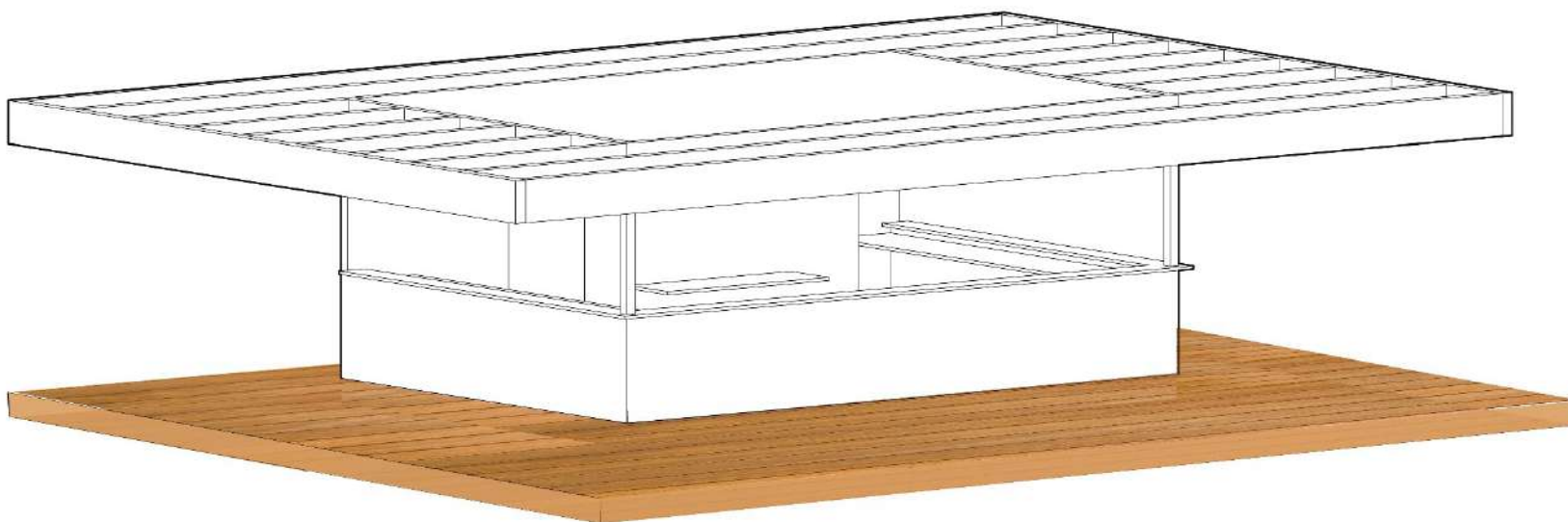
Quiosque

O Jardim de Alah sofre com o descaso do poder público ano após ano e, independente do apelo da população, pouco é feito. Para tentar minimizar os impactos deste abandono, foram propostos quiosques em todas as praças.

A presença do quiosque tende a contribuir para que a praça seja melhor cuidada, visto que para atrair o público o local precisa estar em melhores condições. Um equipamento como este também chama a atenção de transeuntes que estejam apenas passando pela região, convidando-os a entrar. Assim, quanto maior o uso do espaço, mais recorrente será a manutenção do espaço.

Se replicando nas quatro praças, reforça uma linguagem única do projeto. Tendo como referência o pergolado que se encontra na Praça Grécia, marco importante do Jardim de Alah, sua cobertura, mesmo sendo em estrutura metálica, traz um pouco deste elemento também para as outras partes da área de intervenção.

Figura 153: Perspectiva Quiosque



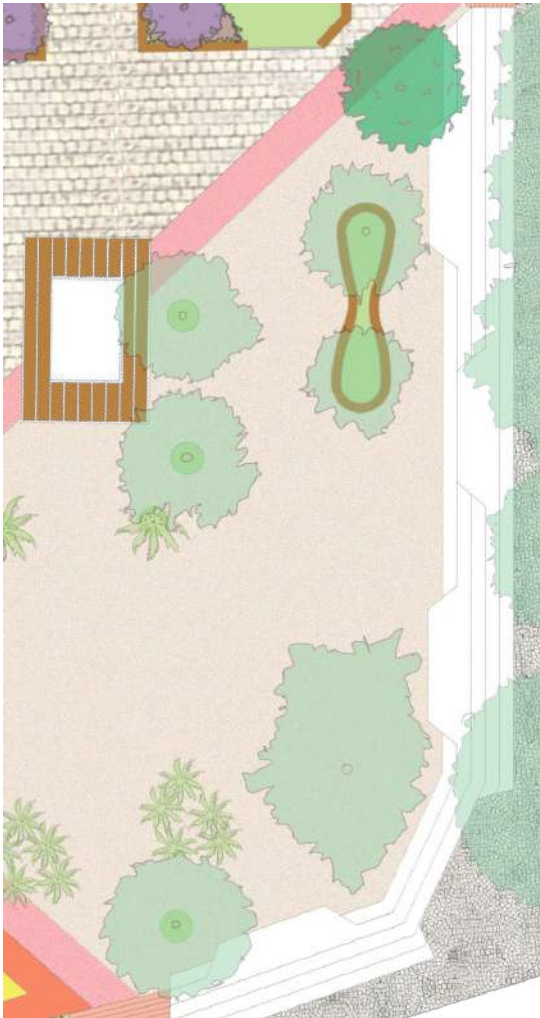
Fonte: imagem produzida pelo autor

Arquibancadas

Todas as praças do parque possuem desnível em relação à rua. Apesar de variar, essa diferença de nível de em média 2 metros causa um distanciamento ainda maior do público com o parque. Criar arquibancadas voltadas para o parque foi a solução adotada para solucionar essa questão.

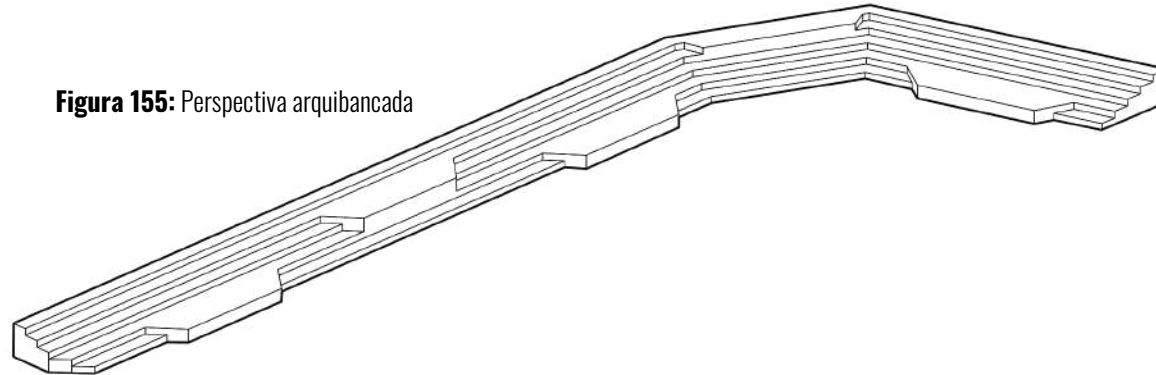
Estes elementos, sobem da praça à rua, podem ser usados como ponto de descanso ou até mesmo como acesso alternativo ao nível mais baixo. O formato da arquibancada cria platôs que fornecem mais espaço para as pessoas sentarem, sem que alguém que queira apenas transitar interfira. Em relação às suas respectivas praças, elas estão localizadas em pontos estratégicos de voltadas os locais onde há a mais atividade.

Figura 154: Arquibancada em planta



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 155: Perspectiva arquibancada



Fonte: imagem produzida pelo autor

Vegetação

A vegetação foi pensada de forma a suprir a escassa variedade de plantas e árvores em uma área de tamanho considerável. De acordo com o Estudo de Impacto Ambiental da Linha 4 do MetrôRio (2011), atualmente há apenas 17 espécies de árvores no parque (p.9-184). Espécies arbóreas, arbustivas e forrações foram implantadas para criar ambientações, marcar caminhos ou até mesmo impedir o acesso das pessoas à certas áreas.

Em sua maior, foram utilizadas árvores que possuem flores para colorir a paisagem dominada por amendoeiras, que não possuem outra coloração a não ser a das folhas. Apesar das diferentes cores utilizadas, o período de floração das espécies escolhidas acontecessem em diferentes épocas do ano, criando ambientações diferentes ao longo deste período.

Figura 156 a 158: Tabela vegetação

REPRESENTAÇÃO	IMAGEM	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	ALTURA	CARACTERÍSTICAS
		Tabebuia avellanedae ou Handroanthus avellanedae	Ipê	20 a 35m	Natural do Brasil. Ocorre em quase em todo País. Suas flores possuem tons de rosa e roxo, floresce de junho a agosto.
		<i>Licania tomentosa</i>	Oiti	9 a 12m	Espécie extremamente resistente à poluição, motivo pelo qual é a árvore mais vista em arborização urbana em todo o nosso país. Frutifica no verão e suas flores surgem durante o inverno.
		<i>Senna macranthera</i>	Manduirana	6 a 9m	Extremamente ornamental, de pequeno porte e crescimento rápido, é muito indicada tanto para paisagismo e arborização urbana quanto para a recuperação de áreas degradadas. Floresce entre dezembro e abril.

Figura 159 a 162: Tabela vegetação







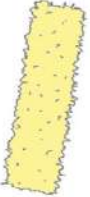




REPRESENTAÇÃO	IMAGEM	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	ALTURA	CARACTERÍSTICAS
		<i>Tibouchina mutabilis</i> Cogn	Manacá	8 a 15m	Sendo pioneira e colonizadora de áreas abertas, é ótima opção para a recuperação de áreas degradadas, crescendo rapidamente, protegendo o solo em poucos anos. Floresce entre novembro e fevereiro.
		<i>Alternanthera ficoidea</i>	Periquito	20 a 25cm	Nativa do Brasil, perene, muito ramificada. Folhas pequenas, elípticas, ovadas, de coloração avermelhada ou verde-clara, de acordo com a variedade.
		<i>Cordyline terminalis</i>	Dracena Vermelha	30 a 60cm	Nativa da Índia, Malásia e Polinésia. Flores de cor rosa-lilás e perfumadas com pontas pendentes. Surgem no outono.
		<i>Pilea cadierei</i>	Planta Alumínio	30cm	Folhas ovais, simples de cor verde escura e manchas branco-prata. Planta de climas amenos a quentes e não tolera bem o frio nem geadas.

Figura 163 a 165: Tabela vegetação

REPRESENTAÇÃO	IMAGEM	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	ALTURA	CARACTERÍSTICAS
		<i>Duranta repens</i> <i>Aurea</i>	Pingo de Ouro	1 a 1,5m	A planta é tolerante a geadas, sendo possível cultivá-la em praticamente todo o território nacional. Ramagem densa e ornamental. Suas folhas possuem coloração amarelo-dourado.
		<i>Cynodum dactylum</i>	Grama Bermudas	1 a 4cm	Bastante macia e resistente ao pisoteio, tem rápido crescimento e regeneração, necessitando de ceifas frequentes. Tem folhas estreitas de coloração verde intensa.
		<i>Wild Zoysia</i> <i>Japonica Steud</i>	Grama Esmeralda	1 a 4cm	A grama-esmeralda tem folhas estreitas, pequenas e pontiagudas, de coloração verde intensa. Se adapta muito bem, à grande maioria dos solos brasileiros e possui baixa taxa de manutenção.

Praça Almirante Saldanha da Gama

Sendo a praça com mais irregularidades no terreno, foi pensado para esse lugar estratégias que tirassem bom proveito dessa situação. Na área mais próxima à praia, o talude deu espaço a duas arquibancadas, uma em cada lado do canal, que possibilita que os pescadores possam usufruir melhor da área, seja levando mais pessoas ou apenas tendo um local para sentar.

Próxima à arquibancada, existe a escada que data da época de fundação do canal. Se tratando de um objeto histórico e de importância para o Jardim de Alah, a pavimentação da rampa de acesso foi ampliada para contemplar também a escada, que atualmente fica escondida atrás do talude existente e canteiros. Esta ampliação também funciona para criar maior conectividade entre a praça e a calçada externa.

Um comprido deck interligará as praças do parque. Na área em questão, serão reinseridos dois pequenas plataformas de acesso ao canal, assim como existia nesta praça originalmente e permanece até hoje apenas nas praças Grécia e Parcão. Porém, afim de diferenciar os elementos históricos das intervenções posteriores, os cais não serão réplicas dos já existentes, mas terão uma linguagem condizente com o projeto tanto novo quanto original. Também com o intuito de facilitar o acesso a praça, todas as grades foram removidas e uma nova escada de acesso foi inserida.

A arquibancada foi adicionada próxima à estátua, voltada também para uma área ampla que possibilita a realização de atividades esportivas e em grupo. Ao redor do monumento, foi adicionado vegetação arbustiva com coloração, embelezando e chamando mais atenção para o monumento histórico.

No lado da praça Almirante Saldanha da Gama na qual se encontra a estação da Rio-Águas, foi aproveitado o nível mais baixo próximo ao canal para criar um espaço também propício para a pesca, além de um banco ao comprido junto ao talude. Um quiosque, replicado em todas as praças, foi inserido próximo a estação, para que este lado do canal, hoje me péssimo estado, possa ter maior dinâmica. Além do quiosque, um canteiro com vegetação arbustiva foi inserido ao lado do equipamento, a fim contribuir para a inserção deste no contexto.

Figura 166: Praça Almirante Saldanha da Gama



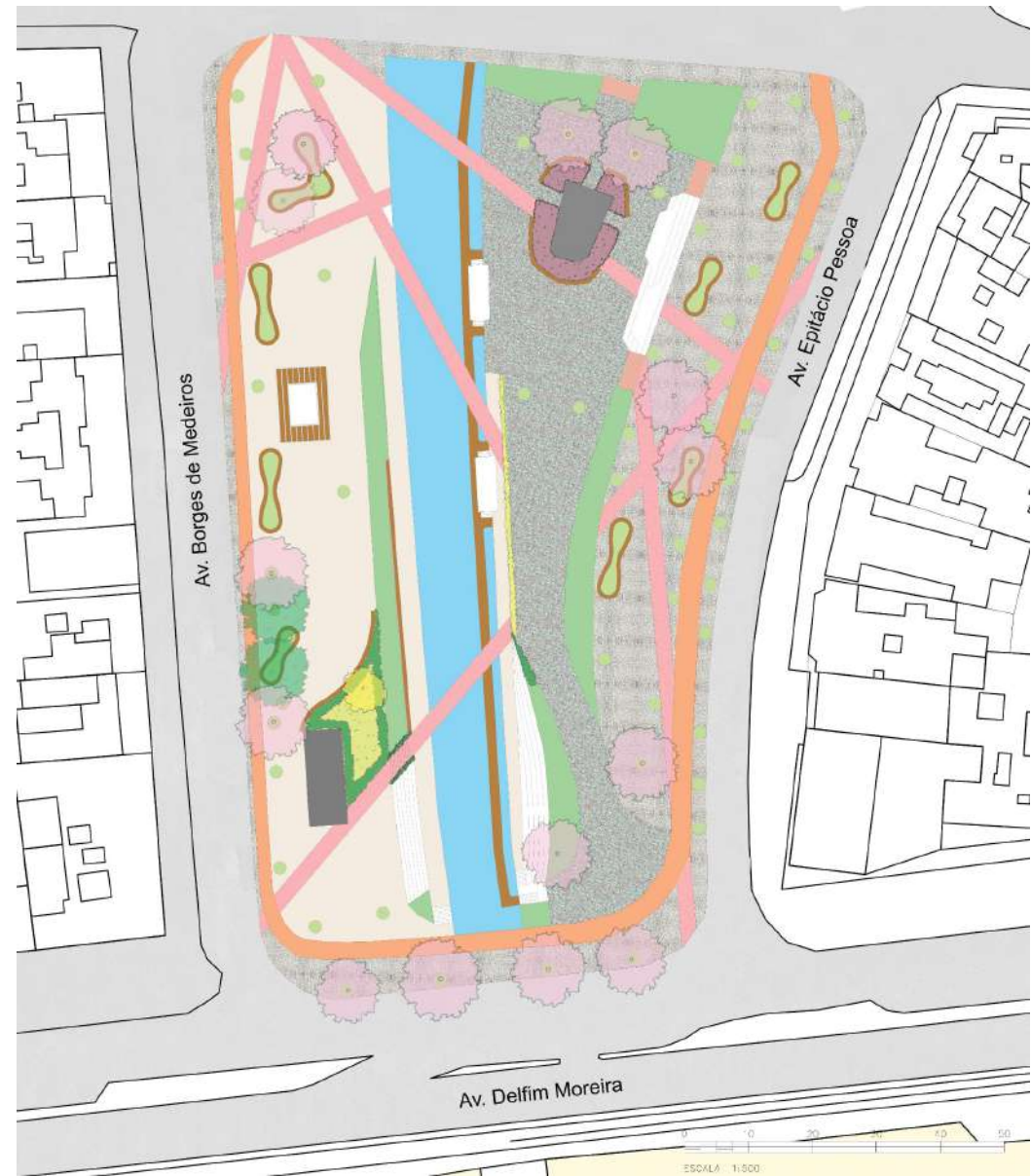
Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 167: Vegetação existente na Praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 168: Vegetação proposta na Praça Almirante Saldanha da Gama



Fonte: imagem produzida pelo autor

Parcão

De toda a área de intervenção, o Parcão foi a praça que menos sofreu modificações. Sendo a área mais frequentada e cuidada, as intervenções se resumiram a compatibilizar a linguagem da praça com o projeto. O deck foi posicionado, porém as plataformas são do projeto original, quando na época era comum passear de gôndola pelo canal. As grades nesta praça são mantidas para que os cachorros possam andar livremente, porém, assim como na praça Almirante Saldanha da Gama, um novo acesso foi criado.

Já no outro lado do canal, o talude permaneceu e na parte mais próxima a água foi acrescentado um caminho e um banco ao longo de todo desnível de terra, criando um espaço que pode ser tanto de passagem como de apreciação do canal e das atividades que acontecem do outro lado. Escadas também foram adicionadas para possibilitar a descida cortando o talude, sem a necessidade de contorná-lo.

O quiosque foi inserido sobre um dos canteiros, devido aos caminhos estreitos que os jardins proporcionam. Com base nisso, os dois canteiros mais próximos foram mantidos em grama, com pouca vegetação, sendo um espaço onde as pessoas podem usar com maior liberdade. Os bancos seguindo o perímetro dos mesmos proporciona um local de estar. A arquibancada foi inserida na região central da praça.

Nos canteiros próximos a Av. Visconde de Pirajá foram adicionadas vegeação arbustiva de pequeno e médio porte, incentivando o uso da região central da praça.

Figura 169: Parcão

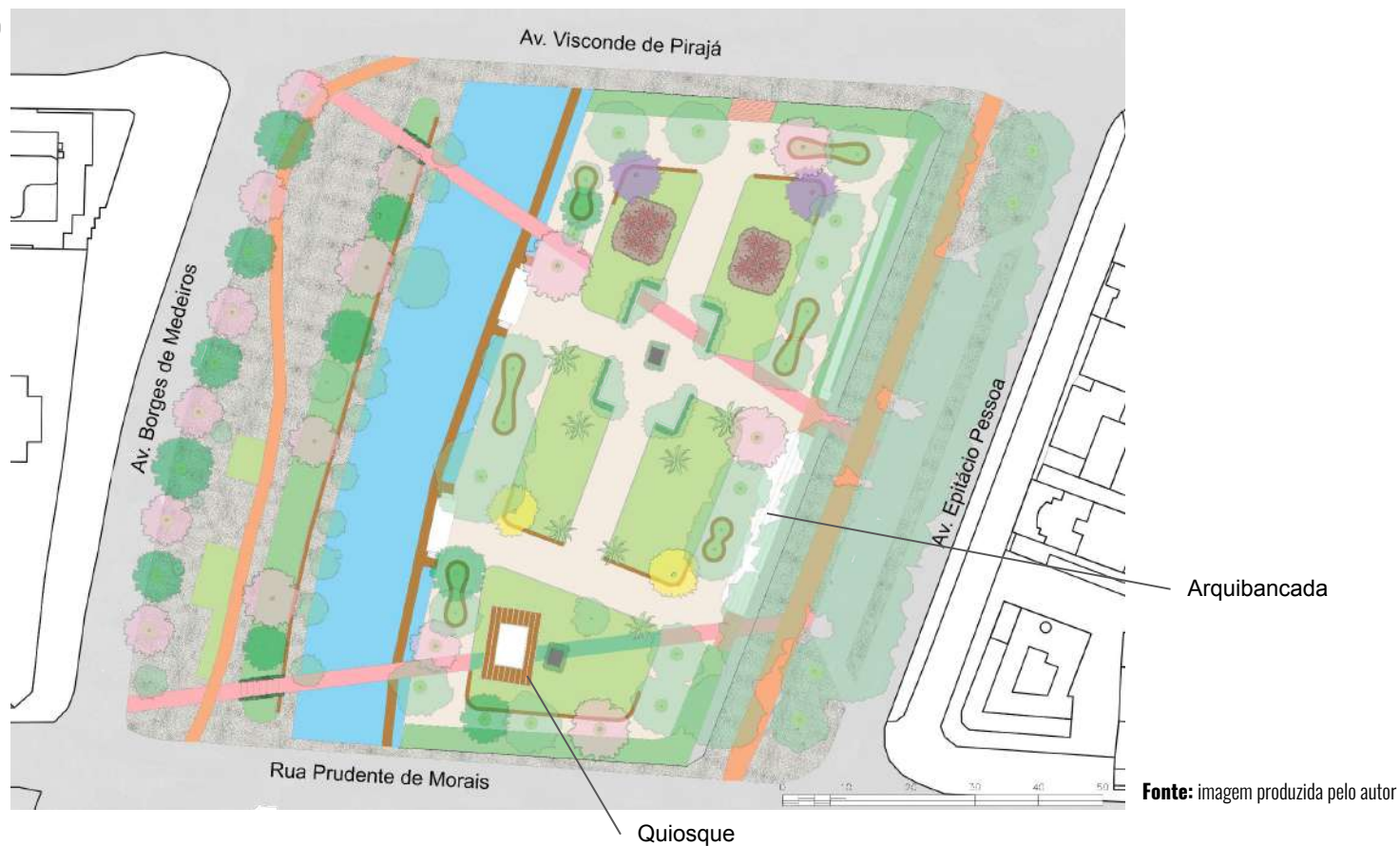
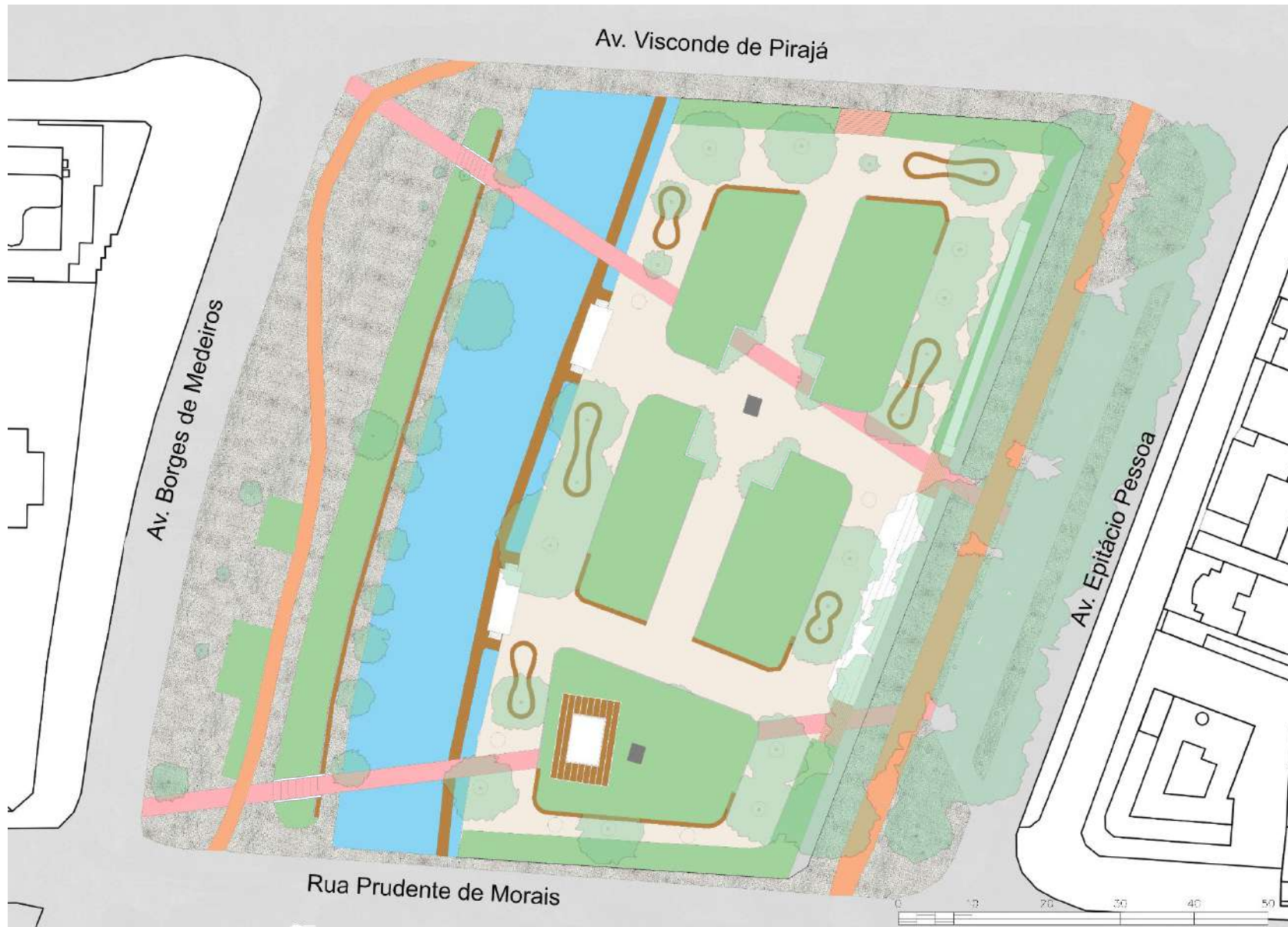
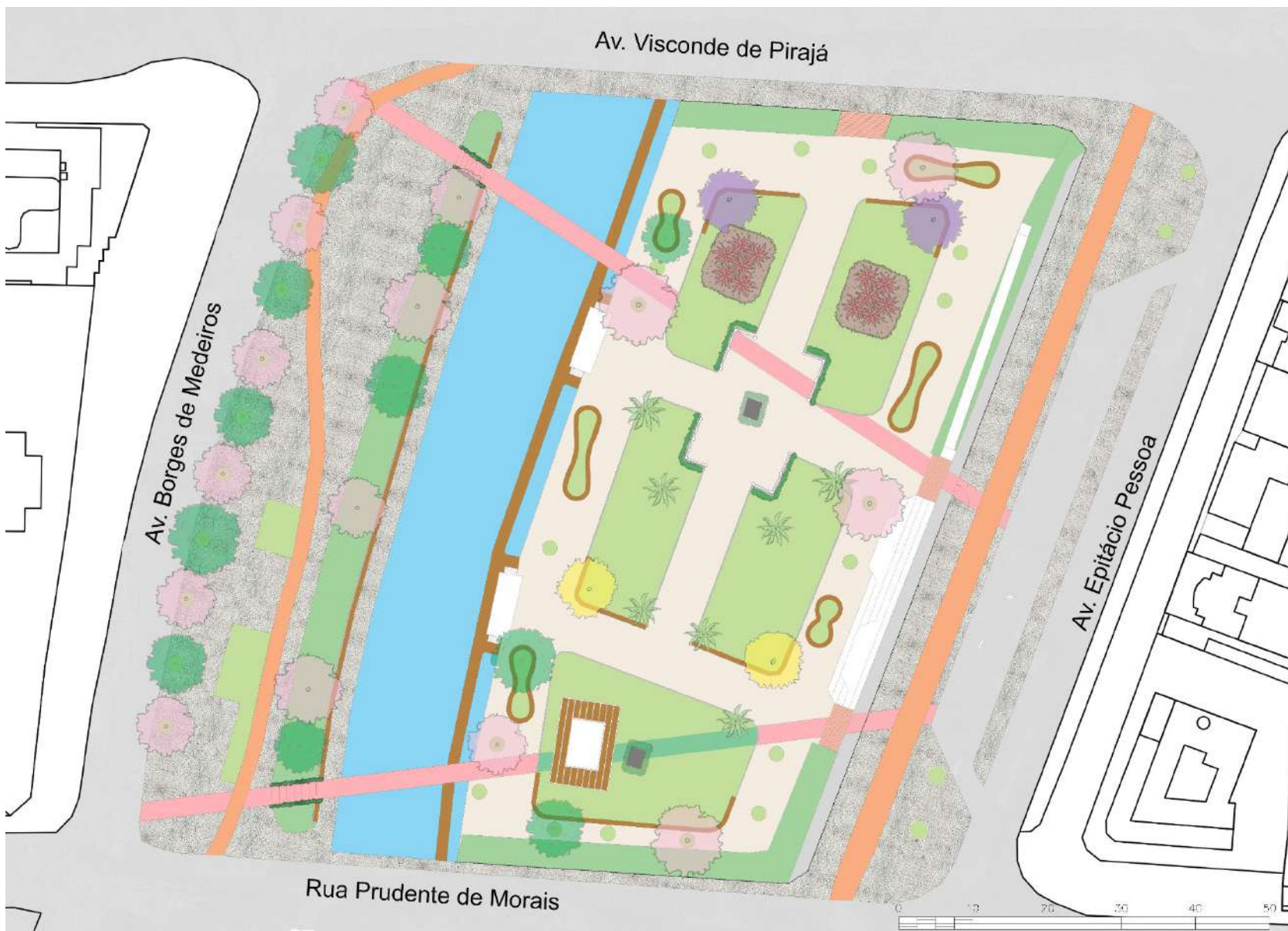


Figura 167: Vegetação existente no Parcão.



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 168: Vegetação proposta para o Parcão.



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 169: Praça Grécia

Praça Grécia - parte 1

Considerada o ponto crítico do projeto, este trecho da Praça Grécia se encontra em frente ao Shopping Leblon, Cruzada São Sebastião e à saída da linha 4 do metrô. Mesmo diante de três elementos que atraem gente de fora da vizinhança, a praça continua praticamente inutilizada.

As grades foram removidas, possibilitando que a praça se integrasse melhor com o entorno. Assim como nas outras praças, o deck de madeira foi inserido no canal se conectando às plataformas já existentes. Caminhos ligando os elementos das praças com as saídas criam o desenho das diferentes áreas. Optou-se por manter os canteiros originais, visto que é justamente neles que as atividades são realizadas quando há algum evento na praça. O pergolado e os dois canteiros nos quais novas mudas foram plantadas em julho deste ano foram mantidos e usados como referência, também por remeterem à épocas passadas do parque.

Uma arquibancada foi implantada na esquina mais movimentada, para que haja uma melhor permeabilidade entre a praça e a rua, assim como com os comércios próximos. Para além disso, cria um local de descanso e contemplação.

No outro lado do canal, há o mesmo molde do resto do projeto: escadas que cortam o talude e se conectam a passarelas que atravessam para o outro lado,, um espaço próximo ao canal para passagem ou contemplação, com banco ao pé do desnível.

A vegetação foi pensada de forma a criar espaços agradáveis e manter a forte simetria original do parque, alinhando e espelhando o posicionamento de árvores já existentes.



Fonte: imagem produzida pelo autor

Parque infantil

Figura 170: Vegetação existente na Praça Grécia.



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 171: Vegetação proposta para a Praça Grécia



Fonte: imagem produzida pelo autor

A área do parque infantil foi posicionada próxima à umas das entradas do parque, em um trecho que, por sua localização, necessitada de uma função específica para ser melhor utilizado. Estando no campo de visão tanto do quiosque quando da arquibancada, se torna um local propício para que as crianças permaneçam vigiadas.

O piso emborrachado, ideal para áreas destinadas à crianças, destoa do resto da praça, porém oferece proteção em risco de queda das crianças e possui cores primárias fortes que chamam atenção das mesmas. O mobiliário ao redor da gola das árvores, típico do projeto, também se encontra nesse ambiente, fornecendo um local onde os responsáveis possam permanecer na sombra.

Por estar localizado próximo a rua, optou-se por inserir no talude que leva à rua a vegetação arbustiva pingo de ouro. Esta espécie de porte médio cresce a uma altura suficiente para impedir que as crianças possam escalar esta área e escapem para a rua, além de sua bela coloração harmonizar com o piso chamativo da área

Figura 172: Área do parque infantil



Fonte: imagem produzida pelo autor

O espaço triangulado pela entrada, pelo quiosque e pela arquibancada foi mantido apenas com vegetações existentes. Este espaço foi pensado em ser um local amplo onde se possa praticar esportes e quaisquer atividades que demandem um local espaçoso. Apesar da preferência dos utilizadores da praça pelo gramado, o espaço dos canteiros é limitado, assim como a possibilidade de atividades na grama.

O piso em granilite (assim como os caminhos que cortam o parque) permite que atividades com equipamentos com roda, por exemplo, sejam praticados no parque, o que não seria possível na grama. A proximidade com a arquibancada também torna o espaço propício para apresentações como a feira de presépios que costuma acontecer na praça há alguns anos.

Nos recorrentes movimentos para ocupar e fazer a manutenção do Jardim de Alah onde grandes aulas são ministradas, as reentrâncias da arquibancada permite com que ele sirva de palanque, enquanto as pessoas permaneçam dentro do parque.

Figura 173: Praça Grécia



Fonte: imagem produzida pelo autor

A parte mais antiga e preservada da Praça Grécia, os canteiros centrais e o pergolado, foram mantidas. Além de uma nova camada de vegetação nos dois jardins localizados no eixo, formada por plantas alumínio como forração e dracenas vermelhas no centro, foram adicionados mobiliários em determinados pontos do perímetro do canteiro. Eles possibilitam que as pessoas sentem voltadas tanto para dentro quando para fora dos jardins, enquanto algumas poucas árvores de coloração adicionadas junto a estes elementos proporcionam sombra.

O piso de toda a extensão do quiosque até o limite da praça é de pedra São Tomé, já existente no local porém ampliado por toda a área. Este material, remetendo à história do Jardim de Alah, contrasta com os caminhos em granilite rosa não apenas em cor, mas também com por este remeter à um urbanismo mais contemporâneo. Onde o o granilite cortaria os canteiros originais, grama de coloração mais escura garante a continuação desses caminhos.

Ao redor não apenas desta área mas de toda a praça existe o mobiliário localizado na gola das árvores, conectando vegetações existentes e propostas.

Figura 174: Praça Grécia



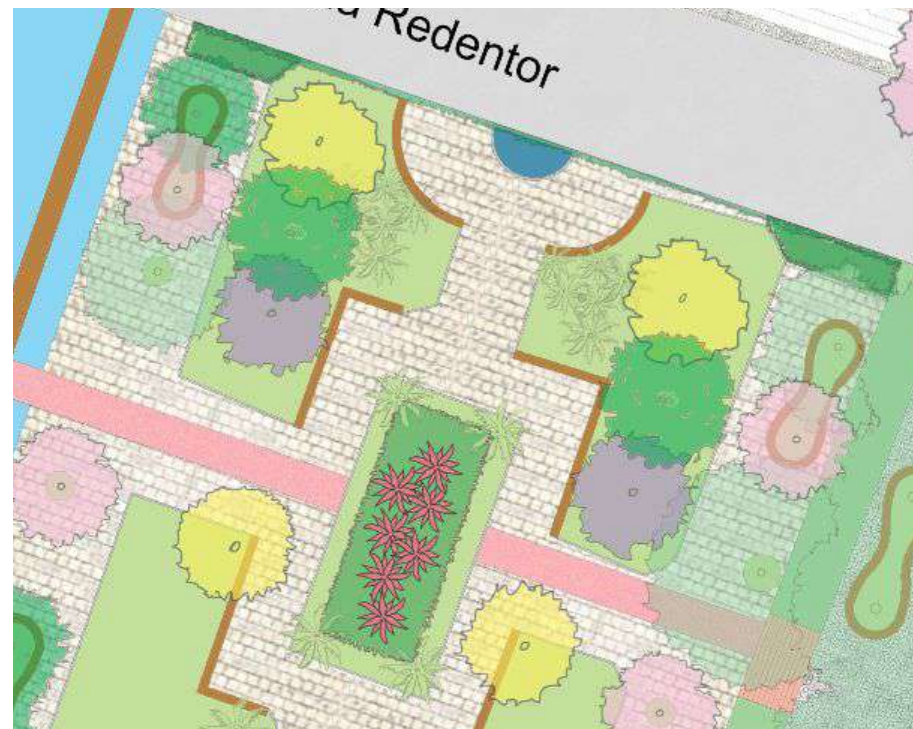
Fonte: imagem produzida pelo autor

O trecho final da praça Grécia consiste em dois canteiros originais do parque bem arborizados com árvores que florescem em diferentes cores, porém em diferentes épocas do ano. Para amenizar a empena criada pela ponte, optou-se por criar uma parede verde.

No fim do eixo criado pelos canteiros foi inserida uma fonte, trazendo o elemento água do canal para dentro da praça. Os bancos ao redor voltados para este elemento criam um local de contemplação, um espaço um pouco mais distante do resto do parque.

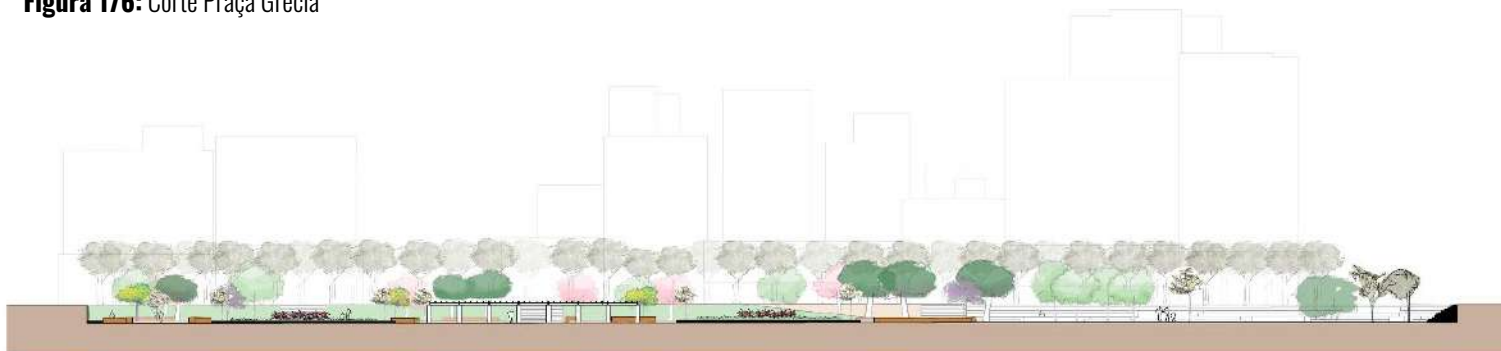
O piso, como mencionado anteriormente, é de pedra São tomé com caminhos de granilite pigmentado.

Figura 175: Praça Grécia



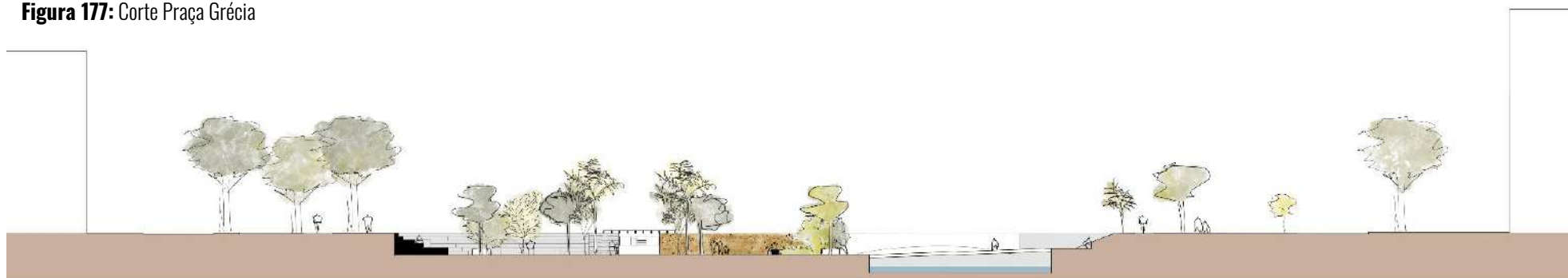
Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 176: Corte Praça Grécia



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 177: Corte Praça Grécia



Fonte: imagem produzida pelo autor

0 5 10 15 20 25
ESCALA 1:250

Figura 178: Praça Grécia - Trecho 2



Fonte: imagem produzida pelo autor

Praça Grécia - parte 2

Próximo a estação de tratamento da CEDAE, este trecho da Praça Grécia tem caráter esportivo, um local para a prática de atividades físicas diversas. Quadras poliesportivas seguindo a orientação do traçado se fazem presentes para o público. Esta função também se dá ao fato de estar em frente a uma escola municipal, onde os estudantes poderão usufruir da praça.

Duas arquibancadas foram adicionadas nesta praça, visto que eventos esportivos costumam atrair público, independente do nível. O quiosque, assim como as quadras, é posicionado acompanhando o alinhamento dos caminhos criados no projeto.

Foi adicionado um canteiro ao lado do talude juntamente com um banco em fita, presente nas outras praças do projeto.

Como a praça se encontra em um nível abaixo da rua e da estação de tratamento, foram adicionadas 3 novas escadas para facilitar o acesso. Os caminhos ligam as escadas até o outro lado do canal, um em direção a Cruzada São Sebastião e outro em direção ao Clube Monte Líbano, dois ambientes com características completamente diferente, mas com caminhos que levam a um lugar comum.

É nesta praça que o deck chega ao fim, parando em um cais que, assim como na praça Almirante Saldanha da Gama, deve ser construído.

Do outro lado do canal, o talude cortado por escadas e um banco linear por todo o comprimento do mesmo, além de um espaço para que se possa aproximar do canal.

Figura 179: Vegetação existente na Praça Grécia.



Fonte: imagem produzida pelo autor

Figura 180: Vegetação proposta para a Praça Grécia.



Fonte: imagem produzida pelo autor

Cronograma

	Trabalho Final de Graduação I 2020.2				Trabalho Final de Graduação II 2021.1			
	Março 2021	Abril 2021	Maió 2021	Junho 2021	Julho 2021	Agosto 2021	Setembro 2021	Outubro 2021
Confirmação do Objeto de Estudo	●	●						
Compreensão do Contexto		●	●					
Elaboração do Plano de Intenções	●	●						
Coleta de Dados	●	●	●					
Análise de Dados			●	●	●	●		
Revisão Bibliográfica		●	●	●	●			
Visita ao Terreno	●	●	●	●	●	●	●	●
Busca de Referência e Estudo de Caso	●	●	●	●				
Estudo Preliminar / Pré Projeto				●	●			
O projeto						●	●	
Defesa								●

Bibliografia

AGRAR. **Estudo de impacto ambiental**. Volume 1. Interligação da linha 4 (Barra da Tijuca) com a linha 1 (Estação General Osório – Expansão), com o sistema metroviário da cidade do Rio de Janeiro/RJ. Governo do Rio de Janeiro. Dezembro, 2011.

ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Parques urbanos. Transformações e permanências ao longo da história**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 21, n. 247.03, Vitruvius, dez. 2020. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.247/7960>>. Acesso em: 17/04/2021.

BRANDÃO, Túlio. **A história do Canal do Jardim de Alah**. O Globo, 2009. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/blog-verde/post/a-historia-do-canal-do-jardim-de-alah-186735.html>>. Acesso em: 17/04/2021.

ECKER, VIVIAN DALL'IGNA. **O conceito de praça para a qualidade da paisagem urbana**. Revista Projetar. Projeto e Percepção do Ambiente. v.5, n.1. Janeiro, 2020.

LIMA, Ludmilla de; SOUZA, R. N. de. **Moradores de Ipanema e Leblon formalizam adoção do Jardim de Alah e querem ocupa-lo com atividades culturais**. O Globo, 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/moradores-de-ipanema-leblon-formalizam-adocao-do-jardim-de-alah-querem-ocupa-lo-com-atividades-culturais-24295662>>. Acesso em: 17/04/2021.

PACHECO, Priscila. **Espaços Públicos: 10 princípios para conectar as pessoas e a rua**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/873962/espacos-publicos-10-principios-para-conectar-as-pessoas-e-a-rua>>. Acesso em: 17/04/2021.

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL; AGACHE, A. **Cidade do Rio de Janeiro: Extensão-Remodelação-Embelezamento**. Paris: Foyer Brésilien, 1930. Disponível em: <<http://planourbano.rio.rj.gov.br>>. Acesso em: 17/04/2021.

GALDO, Rafael. **Depois de ser usado para obras do metrô, Jardim de Alah é abandonado**. O Globo, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/depois-de-ser-usado-para-obras-do-metro-jardim-de-alah-abandonado-22126423>>. Acesso em: 17/04/2021.

GOULART, Gustavo.; MAGALHÃES, L.E. **Sem dinheiro, prefeitura vai entregar Jardim de Alah à iniciativa privada**. O Globo, 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/sem-dinheiro-prefeitura-vai-entregar-jardim-de-alah-iniciativa-privada-23860525>>. Acesso em: 17/04/2021.

Bibliografia

Rodrigues, A.E.M. **Lagoa Rodrigo de Freitas/RJ: história de uma ocupação desordenada.** Oecologia Australis, 16(3): 339-352. Setembro, 2012

SOTRATTI, Marcelo Antônio. Revitalização. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.** Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

ZEIN, R. V.; DI MARCO, Anita. **A Rosa por outro nome tão doce...Seria?** In: Anais do 7º Seminário Do_co,mo.mo_Brasil. Porto Alegre, 2007.

MACEDO, Silvio. **Quadro do Paisagismo no Brasil.** São Paulo: FAUUSP, 1999.

Passeio Público do Rio de Janeiro. **O Passeio no Século XXI.** Passeio Público - Diário da Restauração Capítulo 8. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/sec21-03restauro8.html>>. Acesso em: 04/05/2021.

LOPES, Alberto. **Maravilhas Urbanísticas para uma Cidade Maravilhosa.** Revista Projeto, São Paulo: Projeto Editores Associados, nº 122, jun. 1989, p. 167-180. Seção Ensaio & Pesquisa

BERNARDES, K.; CAVALCANTI, L. **Sérgio Bernardes.** Disponível em: <<https://issuu.com/studiorb/docs/sb-selecionados-redux-1/94>>. Acesso em: 04/05/2021.

MONOSTUDIO. **Jardim de Alah.** Disponível em: <<http://monostudio.arq.br/projeto/4198>>. Acesso em: 07/05/2021.

PIMENTEL, Carmen. **Arcadismo.** Disponível em: <<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos-literarios/arcadismo.html>>. Acesso em: 07/05/2021.

SECRETARIA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL E DA CULTURA. **Patrimônio Cultural. Conceituação de Carta Patrimonial.** Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=264>>. Acesso em: 07/05/2021.


BRUM, Mario Sergio. **Memórias da Remoção: O Incêndio da praia do pinto e a 'culpa' do governo.** Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1339790201_ARQUIVO_MemoriasdaRemocaoABHO2012.pdf>. Acesso em: 07/05/2021.

TM Studio. **Jardim Urbano Changli.** Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/951127/jardim-urbano-changli-tm-studio?ad_medium=gallery>. Acesso em: 12/08/2021.

MAYA, Patrícia.; TARDIN, Raquel. Arquitetura Paisagística: Arte, Natureza e Cidade. Disponível em: <http://www.prourb.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2018/07/Arquitetura-Paisag%C3%ADstica_Patricia-Maya_Raquel-Tardin_pdf.pdf>. Acesso em: 24/08/2021.

Requalificação do Jardim de Alah

Uma aproximação prática



Trabalho Final de Graduação II
Aluno: Claudio Gazaneo Barboza
Orientadora: Daniella Martins Costa
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFRJ
2021.1

Apresentação da Proposta

Vista aérea do Jardim do Alah



Jardim de Alah

O presente trabalho tem como tema a requalificação do Jardim de Alah, parque histórico localizado na cidade do Rio de Janeiro.

O termo “requalificação”, assim como outros (requalificar, ressignificar etc.), é amplamente utilizado quando nos referimos à preservação arquitetônica (ZEIN, 2007). Contudo, essas diferentes denominações estão diretamente relacionadas com as estratégias de intervenção que a área ou objeto alvo pode receber, cada uma com sua característica e um objetivo em comum: dar nova função espaço urbano degradado. Segundo Marcelo Sotratti (2015), “a refuncionalização de espaços urbanos degradados consiste no processo de transformação de funções de elementos arquitetônicos de um determinado processo histórico pretérito”, ou seja, independentemente do termo utilizado, o objetivo final é sempre melhorar o aproveitamento do espaço no contexto atual da cidade. Consequentemente, melhora-se a qualidade de vida da população que fará uso do mesmo.

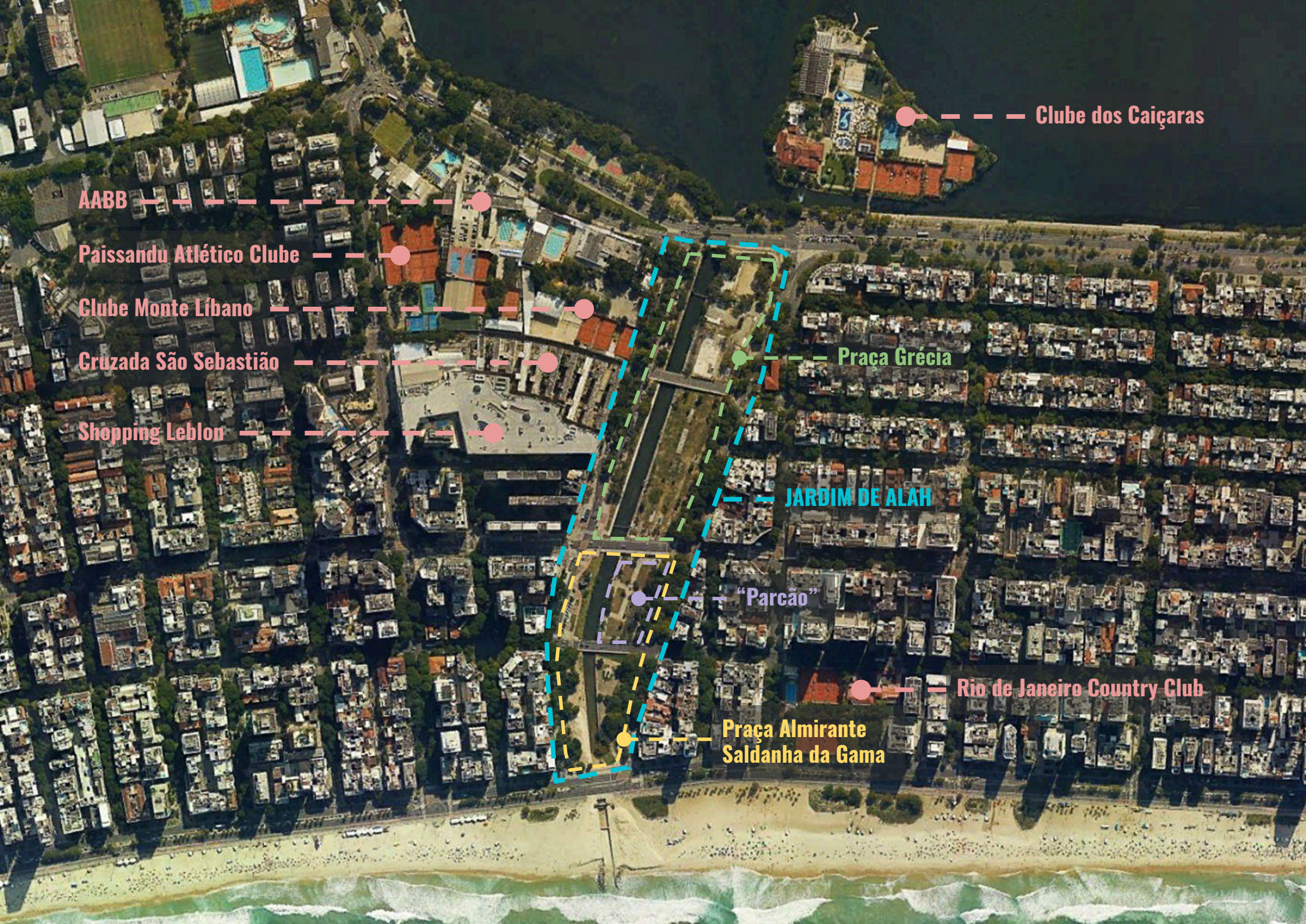
Analisar a importância simbólica e arquitetônica do patrimônio cultural, como sua história, valor da memória e qualidade estético-arquitetônica, é o ponto de partida do processo de requalificação (SOLÁ-MORALES, 2001 apud SOTRATTI, 2015). Para Sotratti (2015),

“O discurso central da requalificação urbana evidencia a tentativa de inclusão social de uma população marginal em novos espaços sadios e revalorizados, onde relações sociais includentes seriam estabelecidas e reforçadas por novas funções urbanas.”

Isso quer dizer que o processo de requalificação deve considerar não apenas o objeto a ser trabalhado, mas também o impacto social que irá provocar.

O Jardim de Alah possui diversas especificidades que o tornam não apenas um parque histórico do Rio de Janeiro, mas também com enorme potencial para ser tornar um importante ponto turístico da cidade. O trabalho visa explorar essas características e propor um projeto que beneficie não apenas os moradores dos arredores, mas toda a cidade.

O Jardim de Alah



AABB

Paissandu Atlético Clube

Clube Monte Líbano

Cruzada São Sebastião

Shopping Leblon

Clube dos Caiçaras

Praça Grécia

JARDIM DE ALAH

“Parcão”

Rio de Janeiro Country Club

Praça Almirante Saldanha da Gama

Anos 1920

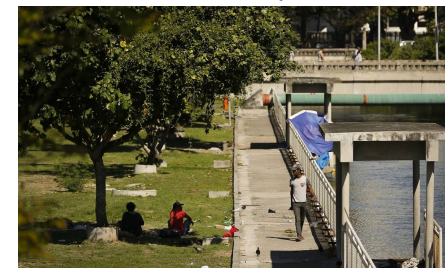
Construção do Canal



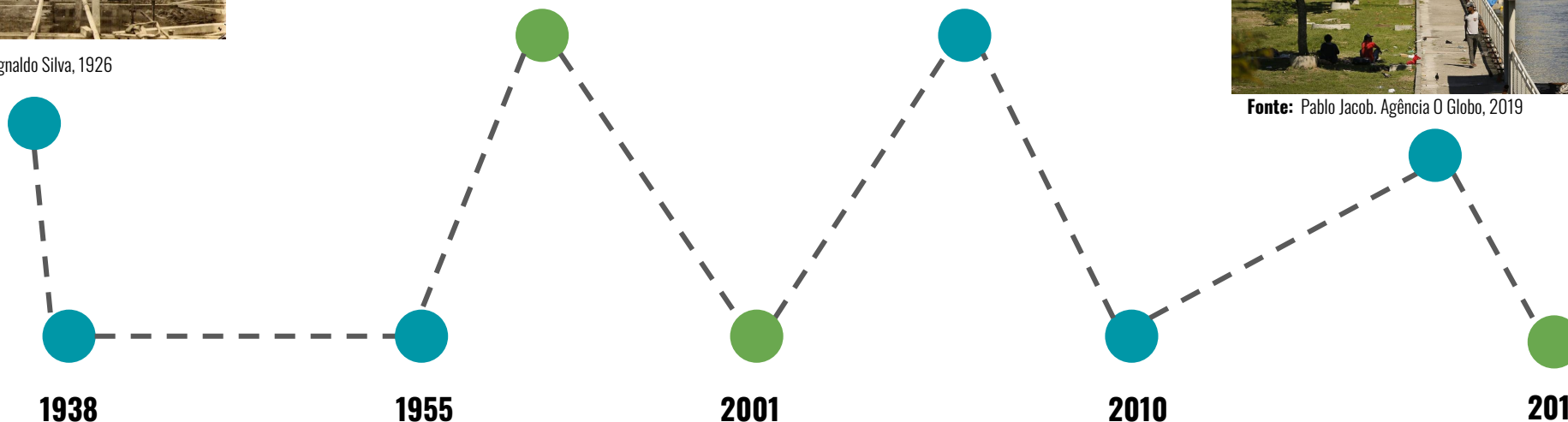
Fonte: Acervo Agnaldo Silva, 1926

2016

Fim das obras do metrô, parte do parque é reformado, enquanto sua maior parte é abandonada em estado precário



Fonte: Pablo Jacob. Agência O Globo, 2019



1938

Inauguração do Jardim de Alah, constituído pelas três praças às margens do canal: Praça Grécia, Praça Almirante Saldanha da Gama e Praça Paul Claudel



Fonte: Autor desconhecido, década de 30

1955

Inauguração da Cruzada São Sebastião

1980

É sancionada a lei que deixa a critério do prefeito o seguimento ou arquivamento do processo de tombamento de uma variedade de bens, entre eles o Jardim de Alah

2001

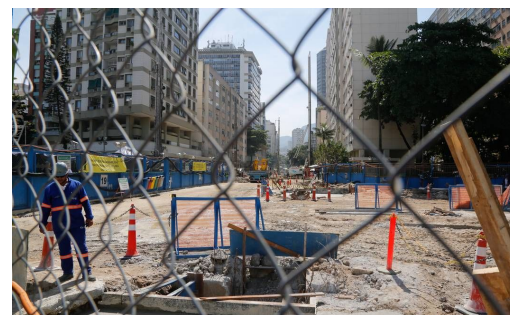
Criação da APAC do Leblon, tombando definitivamente o Jardim de Alah

2003

Primeira grande intervenção do parque, na prefeitura de César Maia

2010

Obra da Linha 4 do Metrô Rio utiliza toda a área do Jardim de Alah como canteiro de obras



Fonte: Fábio Rossi, Agência O Globo, 2013.

2019

Tentativa de concessão do parque à iniciativa privada

- Intervenções físicas
- Outras modalidades de intervenção

O estado atual do Jardim de Alah



Jardim de Alah, 2002



Jardim de Alah, 2004



Jardim de Alah, 2015

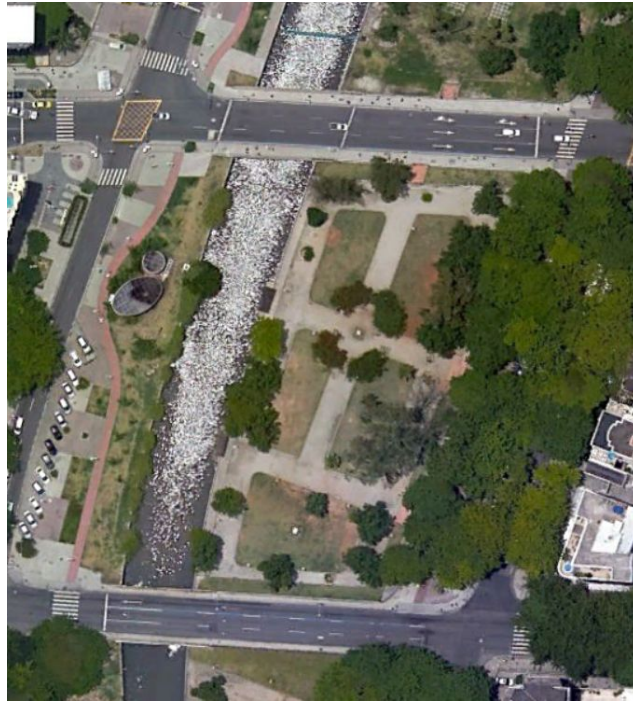


Jardim de Alah, 2020

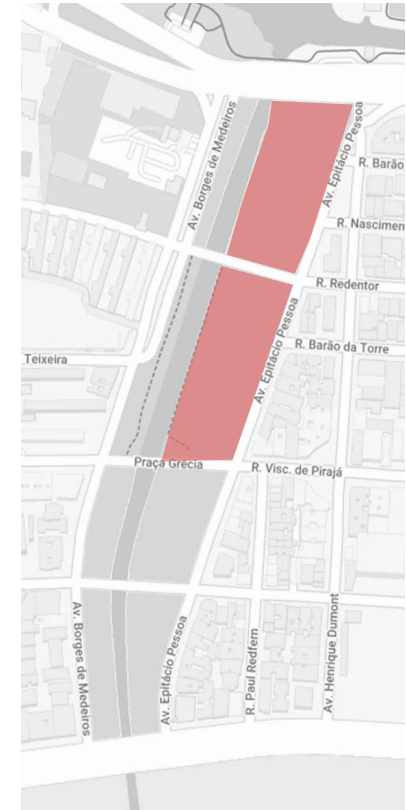
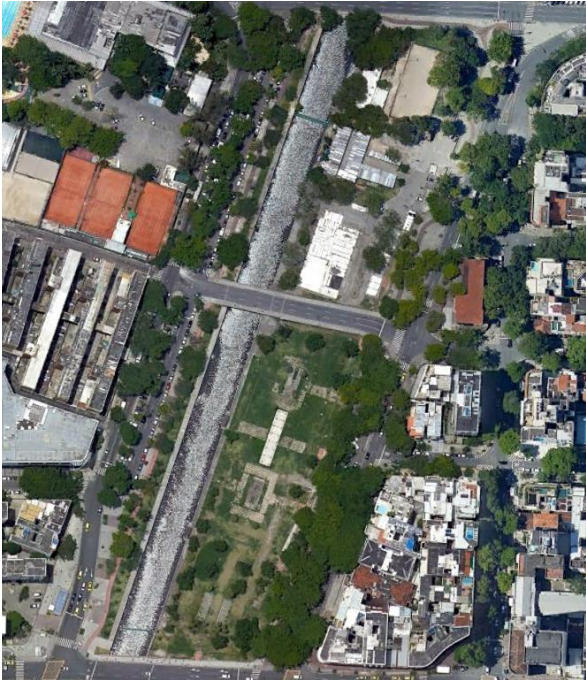
Praça Almirante Saldanha da Gama - próximo a praia



Praça Almirante Saldanha da Gama - "Parcão"



Praça Grécia



Entorno



Usos recentes



Brinquedos na Praça Grécia, 2010



Praça Grécia anos após a obra do metrô, 2019



Exposição de presépios natalinos, 2011

Antes da obra do metrô da Linha 4 do metrô, a parte hoje degradada era comumente utilizada não só diariamente pelos moradores locais, mas também recebia pequenos eventos culturais gratuitos, como por exemplo pequenos teatros infantis e feira de presépios, na época do Natal. Além dos eventos, havia um parquinho para as crianças.

“Diga sim ao Jardim. Vamos Lah!”



Cartaz do evento





Roda de capoeira



Aula de judô



Aula de judô

Pescadores

Os pescadores são comuns de serem vistos no Jardim de Alah. Geralmente posicionados na Praça Almirante Saldanha da Gama, próximos a saída do canal para o mar, é possível avistá-los ao longo de todo parque.

Ao se analisar fotos do jardim ao longo dos anos, fica clara a importância do canal para os pescadores e vice-versa. Sempre presentes, eles são parte do público frequente do parque. Apesar de não terem o lazer como objetivo para visitar o parque, como a maioria dos outros frequentadores, são indispensáveis para a vitalidade do local.



Questão Central

Abandono

As várias formas do descaso no Jardim de Alah

Em um dos pontos mais nobres da cidade, conjunto de praças apresenta sinais claros de abandono e má conservação

Marco Grillo
07/06/2012 - 00:00



Abandonado, Jardim de Alah vive descaso do poder público e tem até barracos

Pontes que atravessam o canal viraram teto para moradores de rua; local tem, pelo menos, quatro barracos de alvenaria

Gustavo Goulart
17/11/2018 - 04:30 / Atualizado em 17/11/2018 - 08:31



Moradores se mobilizam contra a concessão do Jardim de Alah à iniciativa privada

Mobilização começou após a prefeitura anunciar que cederá o espaço para a iniciativa privada

Jacqueline Costa
31/08/2019 - 10:00

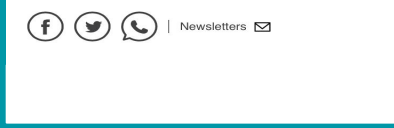


EXCLUSIVO PARA ASSINANTES

Depois de ser usado para obras do metrô, Jardim de Alah é abandonado

Moradores de Ipanema e Leblon cobram respostas do consórcio, do estado e da prefeitura

Rafael Galdo
29/11/2017 - 04:30



Revitalização de praça no Jardim de Alah é comemorada por moradores com evento

Amigos do Jardim de Alah e Eu Abraço o Rio organizam atividades que vão do teatro à música

Júlia Amin e Paulo Assad
07/06/2019 - 17:13 / Atualizado em 17/07/2019 - 16:37



Moradores de Ipanema e Leblon formalizam adoção do Jardim de Alah e querem ocupá-lo com atividades culturais

Próximo passo será lançar o site com o crowdfunding para arrecadar recursos. A atriz Malu Mader integra a mobilização

Ludmilla de Lima e Rafael Nascimento de Souza
10/03/2020 - 04:30 / Atualizado em 10/03/2020 - 11:45



Jardim de Alah ainda está à espera de uma revitalização efetiva

RioTrilhos diz não ter competência para executar as obras, apenas para fiscalizar

Patrícia de Paula
10/11/2018 - 04:30 / Atualizado em 10/11/2018 - 13:20



Sem dinheiro, prefeitura vai privatizar Jardim de Alah, que ganhará restaurantes e outros empreendimentos

A ideia é ocupar a área com restaurantes e outros empreendimentos comerciais, mas moradores se opõem

Gustavo Goulart
07/08/2019 - 13:05 / Atualizado em 07/08/2019 - 14:38



Memória afetiva



Grupo de crianças sentadas sobre o pergolado da Praça Grécia na década de 50



Jovem andando de bicicleta no Jardim de Alah na década de 50

Justificativa

Enquanto o número de empreendimentos de alto padrão crescem no Leblon e em Ipanema, valorizando o bairro, outros espaços nessas mesmas áreas sofrem com a falta de investimento do poder público, ficando a mercê de novas intervenções ou projetos de melhoria e reforma por parte da própria população ou simplesmente abandonados. Mesmo com a localização privilegiada, entre dois dos bairros mais valorizados da cidade, o Jardim de Alah é um dos espaços negligenciados e esquecido no tempo pelas autoridades. A instalação da estação da Linha 4 do metrô, se por um lado facilitou o acesso ao parque, por outro deixou parte do parque em pior estado do que estava antes.

Um bom espaço público é aquele que estimula a convivência entre as pessoas, criando as condições necessárias para a interação social (ECKER, 2020), sendo seu grande atrativo a vitalidade dos espaços, que possibilita ao usuário usufruir dos espaços urbanos de diversas formas (PACHECO, 2017). O Jardim de Alah não contempla mais esses atributos (como já foi em épocas passadas) e vem ano a ano se tornando ainda mais degradado. Conectando a Lagoa Rodrigo de Freitas e a praia do Leblon, o local possui o potencial de ser um marco no Rio de Janeiro, servindo de promenade entre dois famosos pontos turísticos e atraindo pessoas de toda a cidade, não apenas os moradores dos arredores.



Estado atual da Praça Grécia



Estado atual da Praça Grécia

Objetivos

Objetivo geral

O trabalho em questão tem como principal objetivo a requalificação do espaço do parque visando melhorar a paisagem urbana, além de incentivar a permanência local atraindo o público e oferecendo uma ampla gama de atividades que permitam usufruir desta área. A requalificação deve levar em conta os elementos originais do parque, fazendo a manutenção dos mesmos a fim de realçar sua história e privilegiar a paisagem da área que não recebe a devida atenção por parte da população e principalmente do poder público.

Objetivos específicos

- Fazer um projeto paisagístico arquitetônico, implementando equipamentos que tragam diferentes usos;
- Implantar atividades dinâmicas para devolver as áreas de lazer a comunidade;
- Garantir a segurança, intervindo sobretudo na iluminação urbana, no desenho do parque e dos passeios;
- Garantir acessibilidade para todos os usuários, trabalhando na topografia (visto que o terreno é acidentado e atualmente o acesso se dá principalmente por escadas);
- Ressaltar os elementos históricos do local que justificam seu tombamento;
- Reestruturação socioespacial de um marco na paisagem da região.

**Diretrizes
projetuais**

Conectividade



Conexão Lagoa - Praia



Conexão entre praças



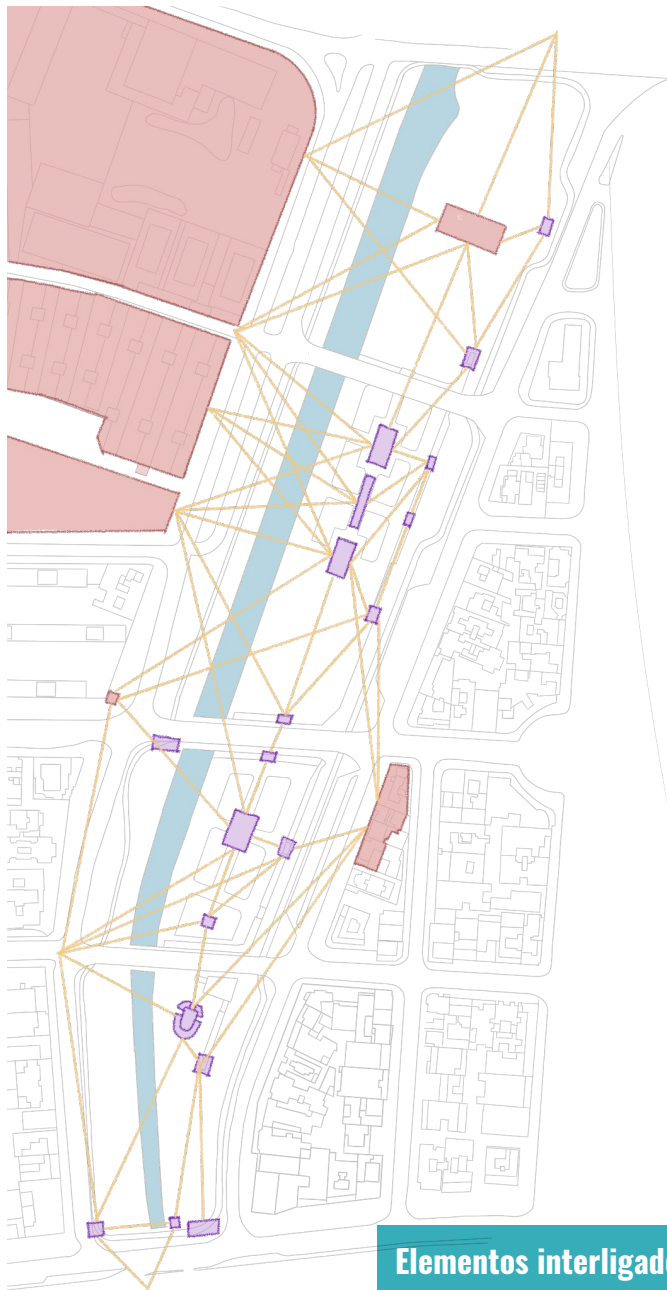
Conexão Ipanema - Leblon

Diversidade



Os principais pontos de interesse no entorno imediato foram mapeados como pontapé inicial para o projeto. Tal levantamento permite entender a diversidade dos elementos urbanos na região e possibilita pensar um projeto no qual o Jardim de Alah se torne o ponto de convergência de espaços tão diferentes

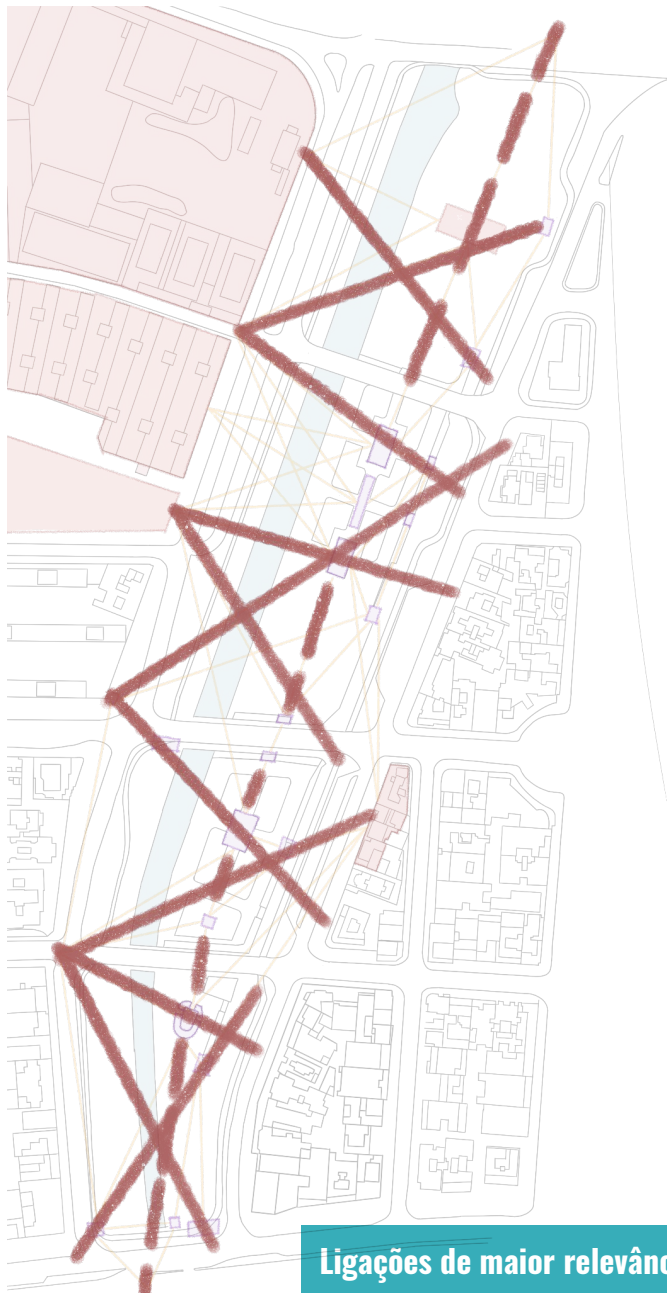
Diversidade



Elementos interligados

Todos os pontos levantados foram interligados, criando assim uma malha sobre o desenho já existente do Jardim de Alah. A partir dela, foi possível entender como a convergência desses elementos se daria sobre a praça em um primeiro momento, ainda que de forma bruta.

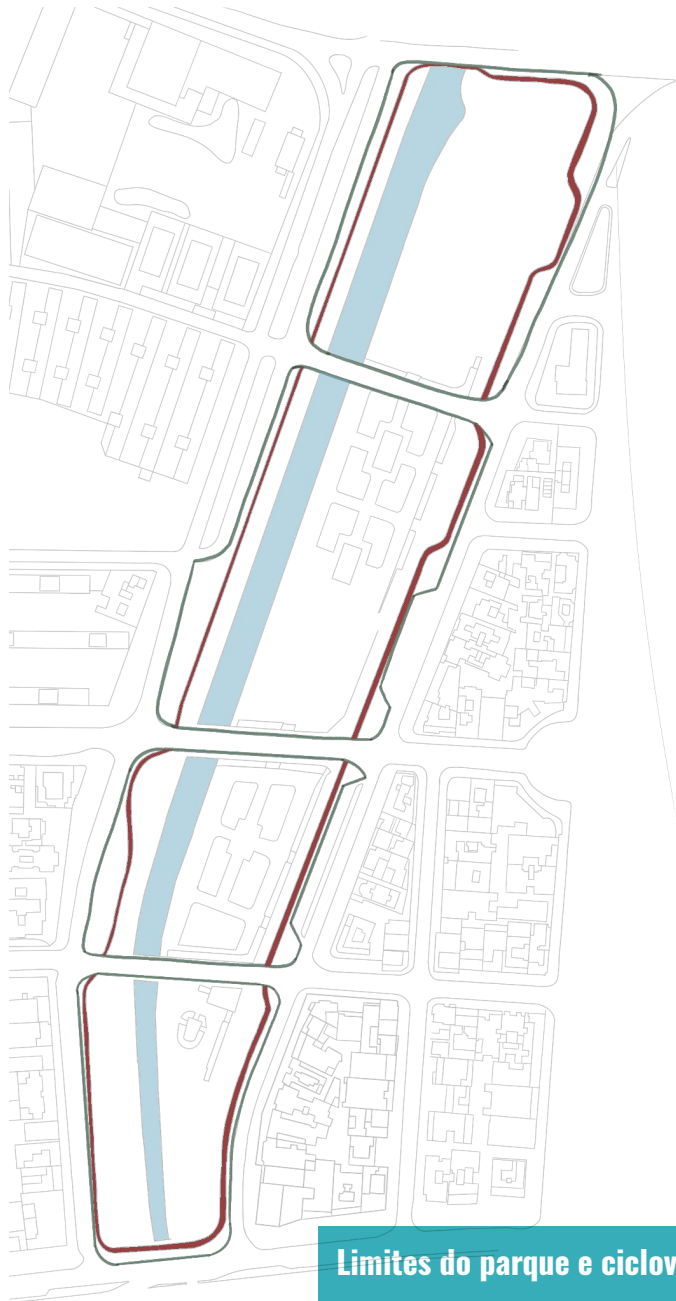
Diversidade



Ligações de maior relevância

Foram mantidas apenas as ligações consideradas mais importantes, aquelas com maior potencial para contribuir da melhor forma para a diversidade e pluralidade no parque e para a praticidade do transeunte, criando caminhos fáceis e convidativos de acesso a praça. A partir destas mesmas ligações cria-se pontes menores sobre o canal, permitindo que se cruze o canal sem a necessidade de sair da praça.

Permeabilidade



Limites do parque e ciclovia

A fim de trazer o Jardim de Alah para mais próximo da rua, adotada-se a estratégia de expandir o parque para fora dos seus limites formais, seja com materiais ou paginação de piso que saiam das praças e envolvam também as calçadas ao redor.

A ciclovia, circundando todo o perímetro e conectando a Lagoa e a praia, contribui para o acesso dos pedestres ao local. As passagens que atravessam todo o parque contribuem para a maior permeabilidade possível.

Conclusão

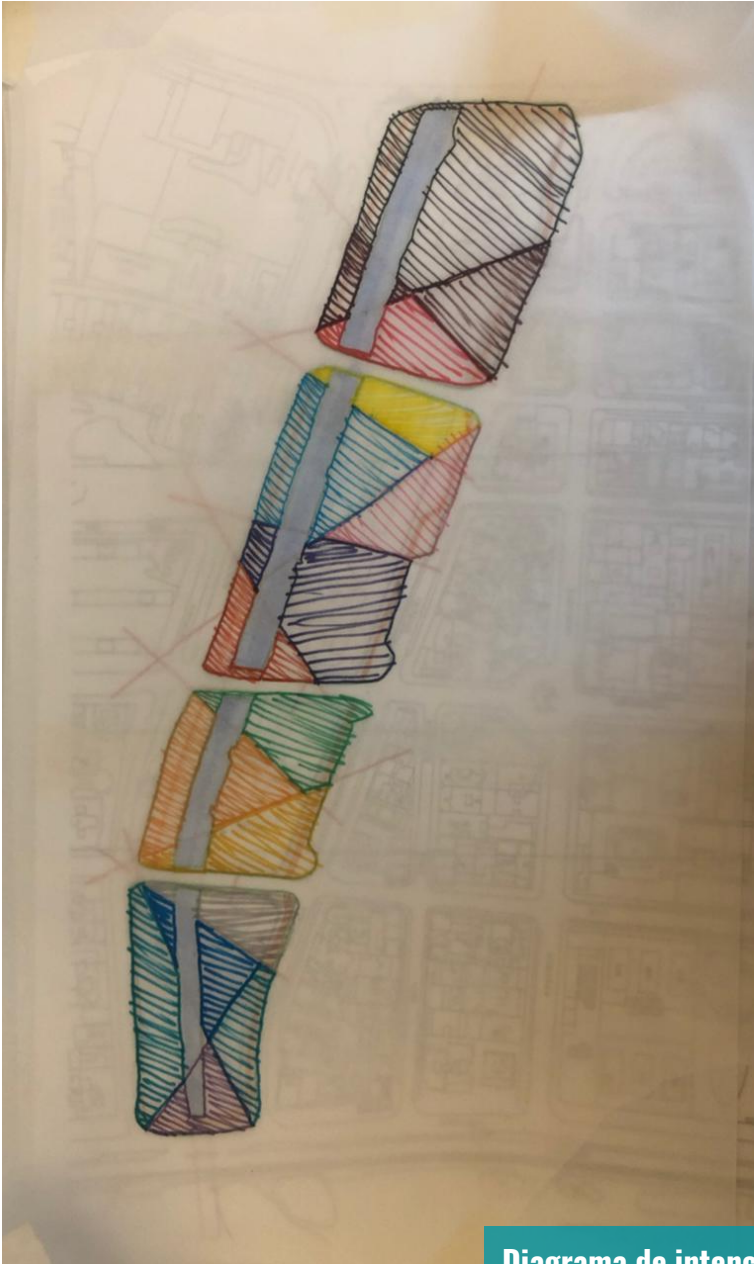


Diagrama de intenção

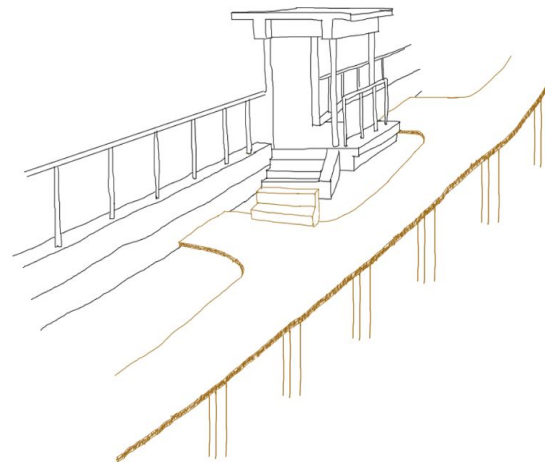
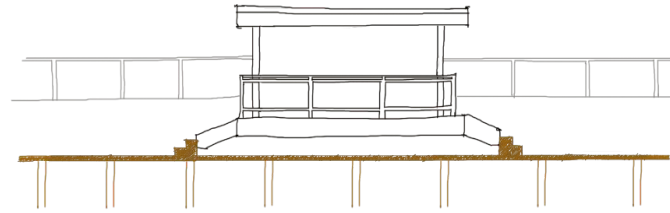
A união de todas essas diretrizes, antes de entrar no projeto formal, resultou no diagrama ao lado. Com base nele, começou a ganhar forma o projeto, onde as geometrias começaram a ser pensadas como áreas e as linhas em passagens, e como todas essas questões se conectam.

A partir deste ponto, foi necessário pensar em como compatibilizar as formas e traçado sugeridos com o projeto já existente do Jardim de Alah, sem que ele seja descaracterizado e ainda preserve as características para que continue sendo o parque no qual tantas pessoas possuem memória afetiva.

Dispositivos de projeto

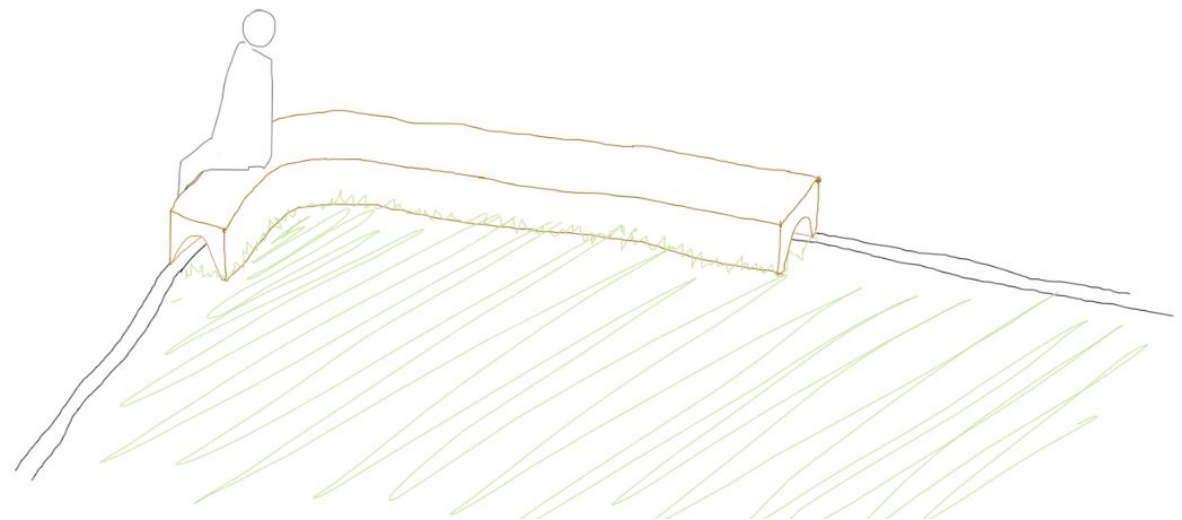
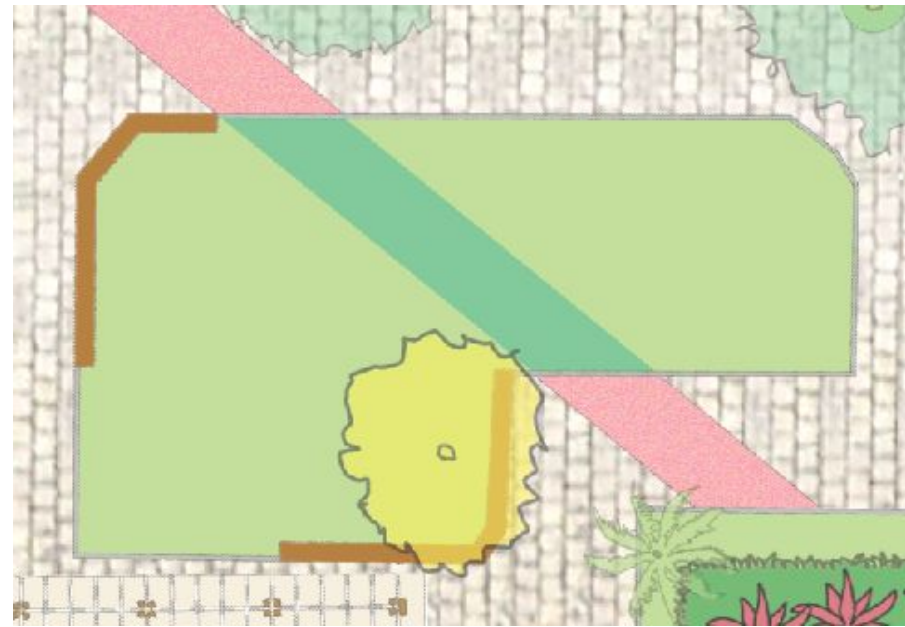
Deck

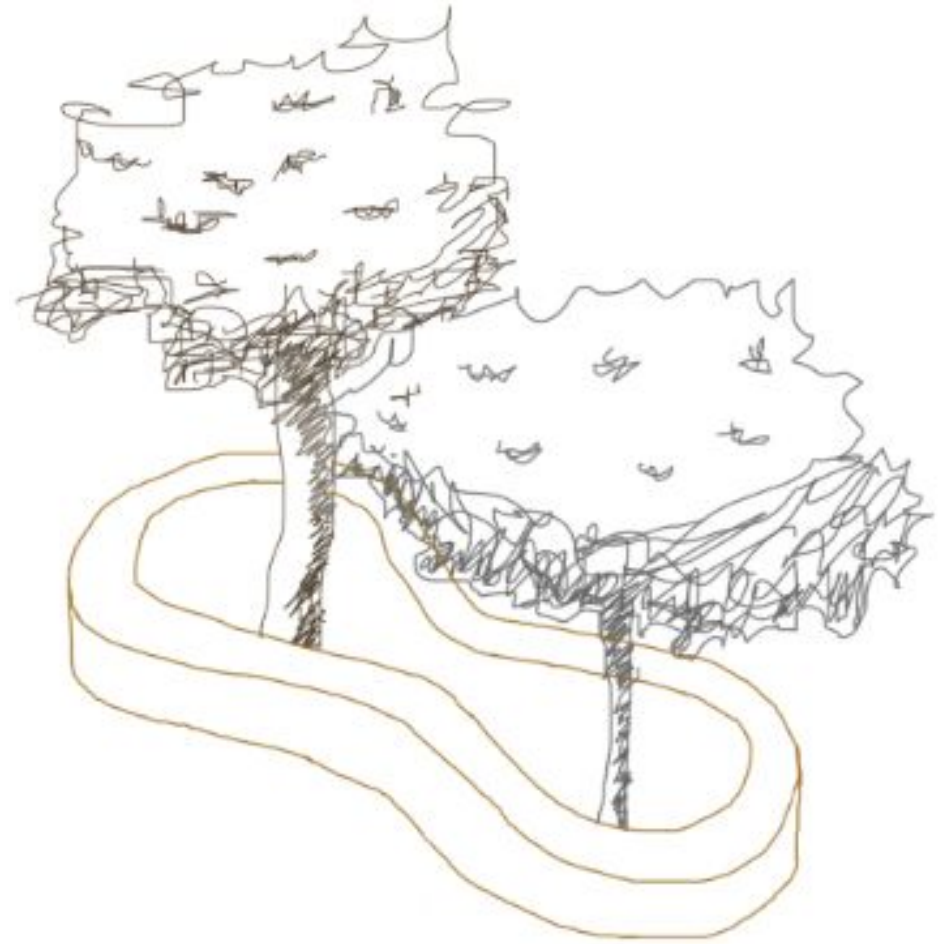
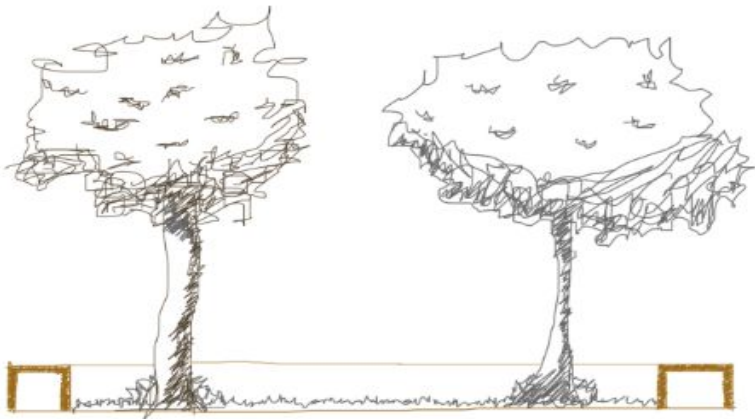
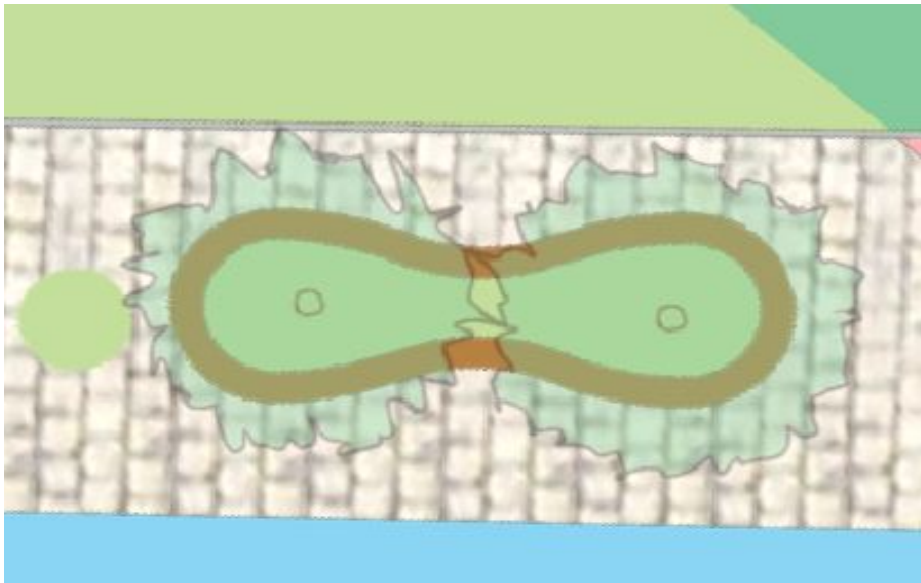
- Interligar as praças
- Aproximação com o canal
- Incentivar maior cuidado das pessoas e das autoridades com o canal



Mobiliário

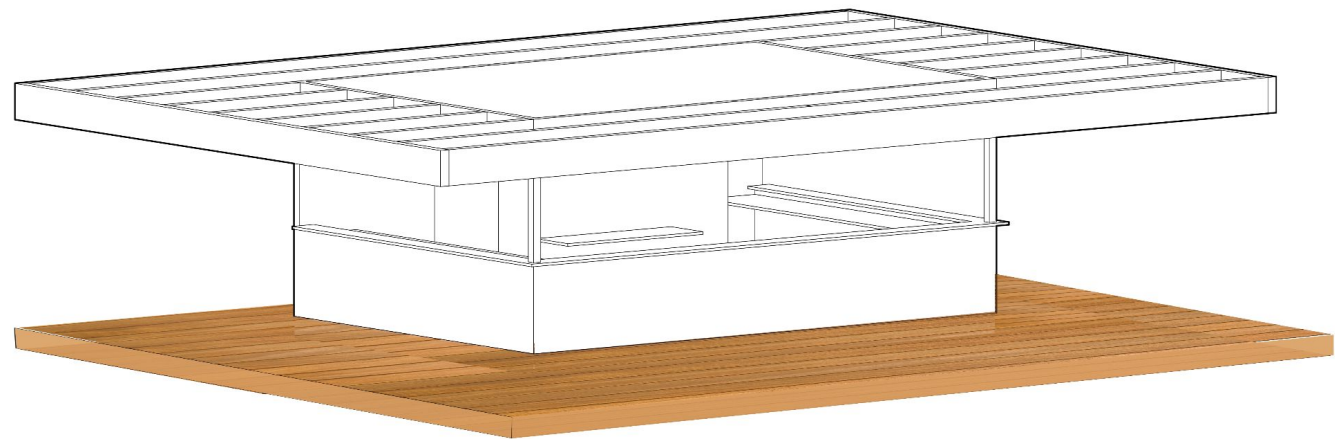
- Ressaltar desenho dos canteiros originais
- Possibilidade de se sentar voltado tanto para o canteiro quanto para fora dele
- Posicionados de forma a não interferir nos percursos propostos
- Ao redor da gola de certas árvores, fazendo proveito da sombra proporcionada por elas
- Aproximação com as vegetações existentes e propostas





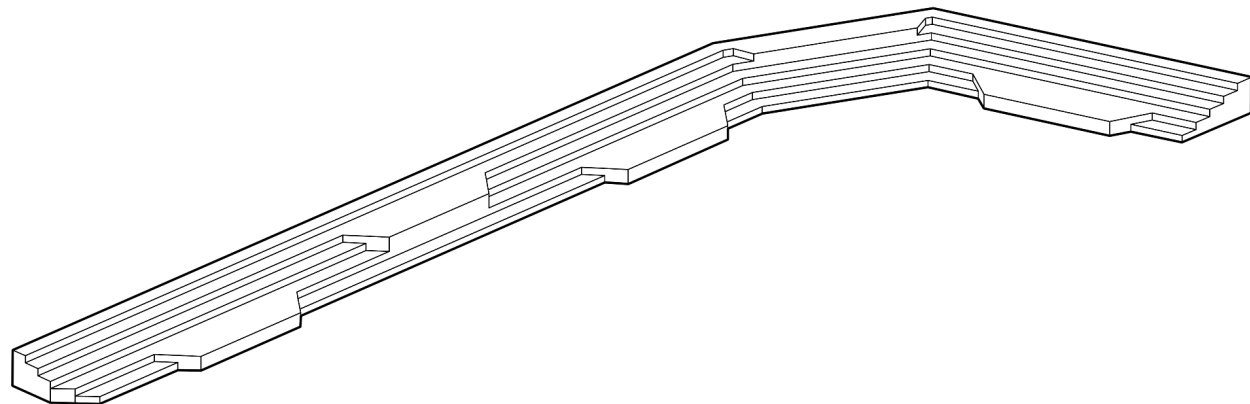
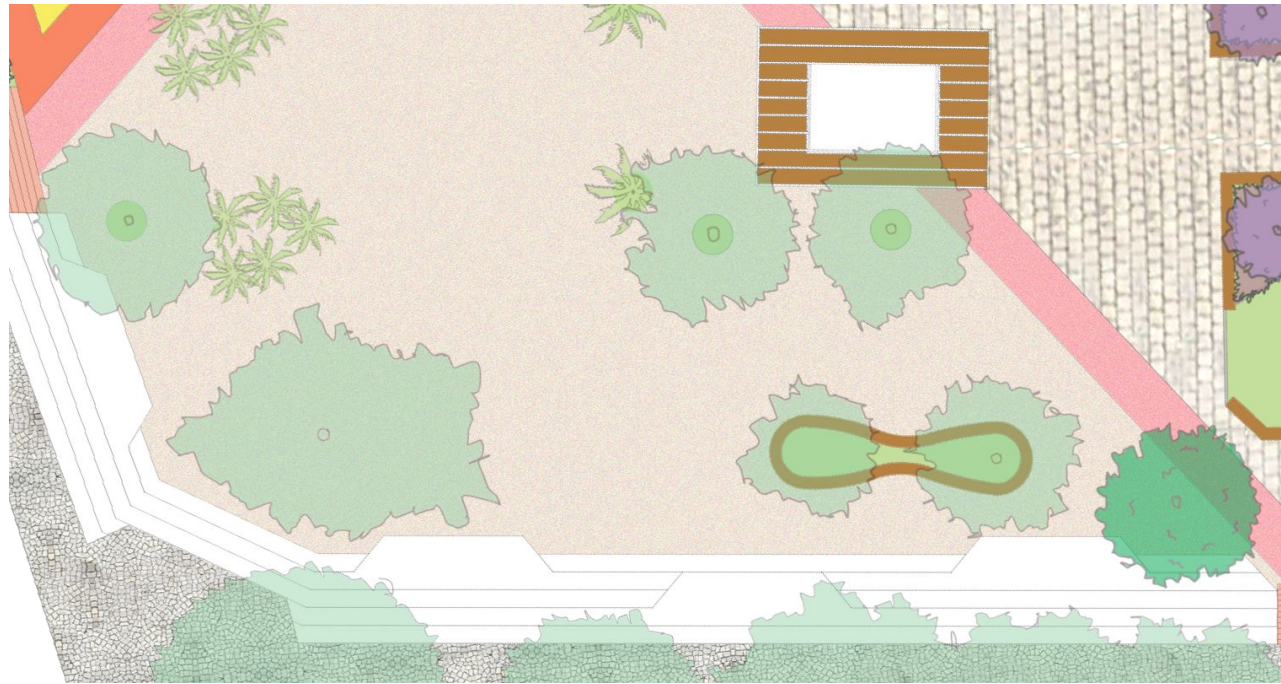
Quiosque

- Incluir no projeto um elemento arquitetônico forte que contribua para dar unidade
- Estimular a manutenção das praças
- Atrair o público dos arredores
- Proporcionar um local de estar que incentive as pessoas a permanecerem no local



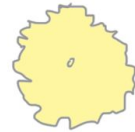
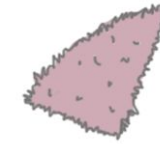
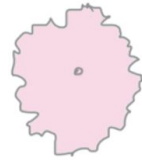
Arquibancada

- Vencer a diferença de altura entre a praça e o entorno
- Criar um espaço de estar e fluxo, atribuindo uma dinâmica diferente a área
- Diluir a barreira física existente entre a praça e a calçada
- Incentivar atividades como aulas e apresentações



Vegetação

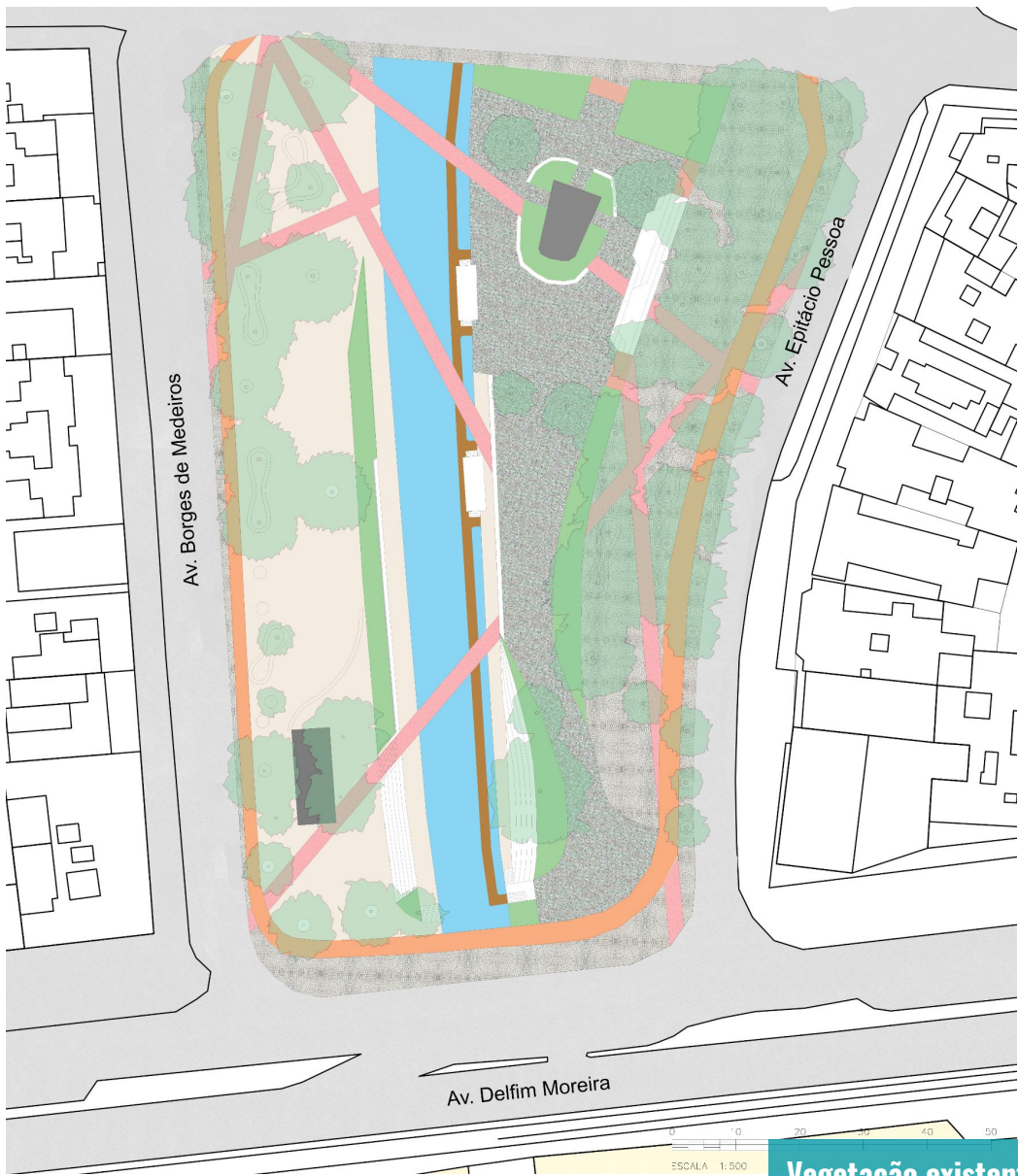
- Seleccionadas de acordo com o uso do ambiente
- Delimitam áreas
- Criam diferentes ambiências ao longo dos anos
- Contribuem para a riqueza vegetal da área
- Ajudam a suprir a escassez de espécies na área



Praça Almirante Saldanha da Gama



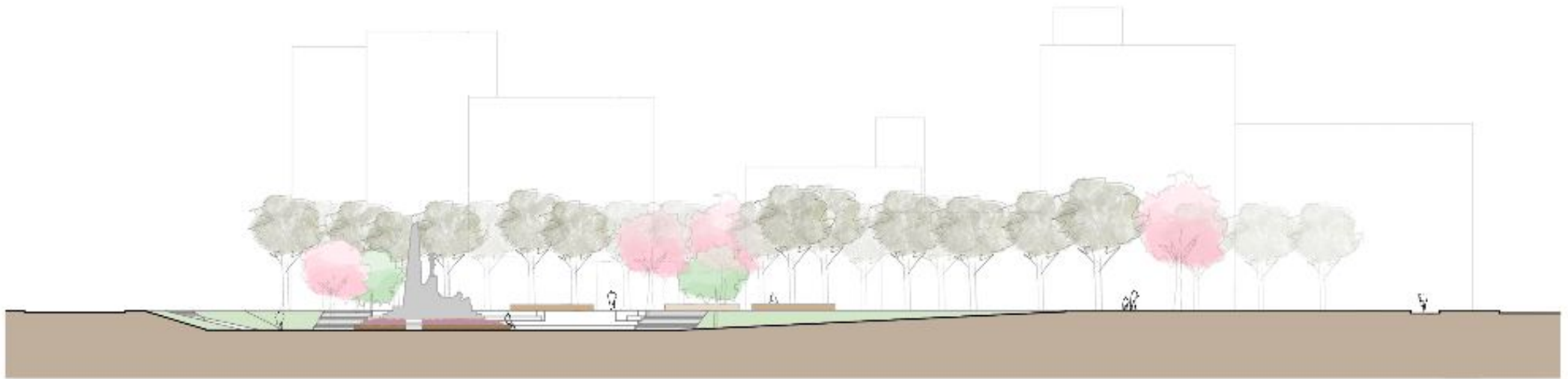
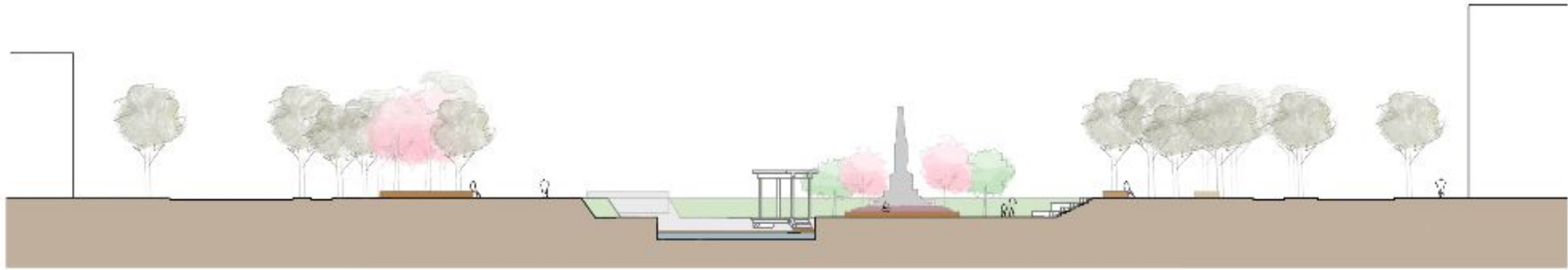
- Aproveitar os diferentes níveis da área, tanto dentro do parque quanto em relação ao nível da rua
- Tirar proveito de elementos pré-existentes do parque
- Deck conectando todas as praças pelo canal
- Ampliação do principal espaço utilizado pelos pescadores
- Novos acessos
- Inclusão de bancos e arquibancada, estimulando a permanência no local
- Reinclusão de cais, como existem em outras praças do parque
- Retirada das grades que cercam a praça
- Pontes interligando os dois lados do canal
- Instalação de um quiosque
- Mobiliário e vegetação determinando percursos e locais de permanência



Vegetação existente

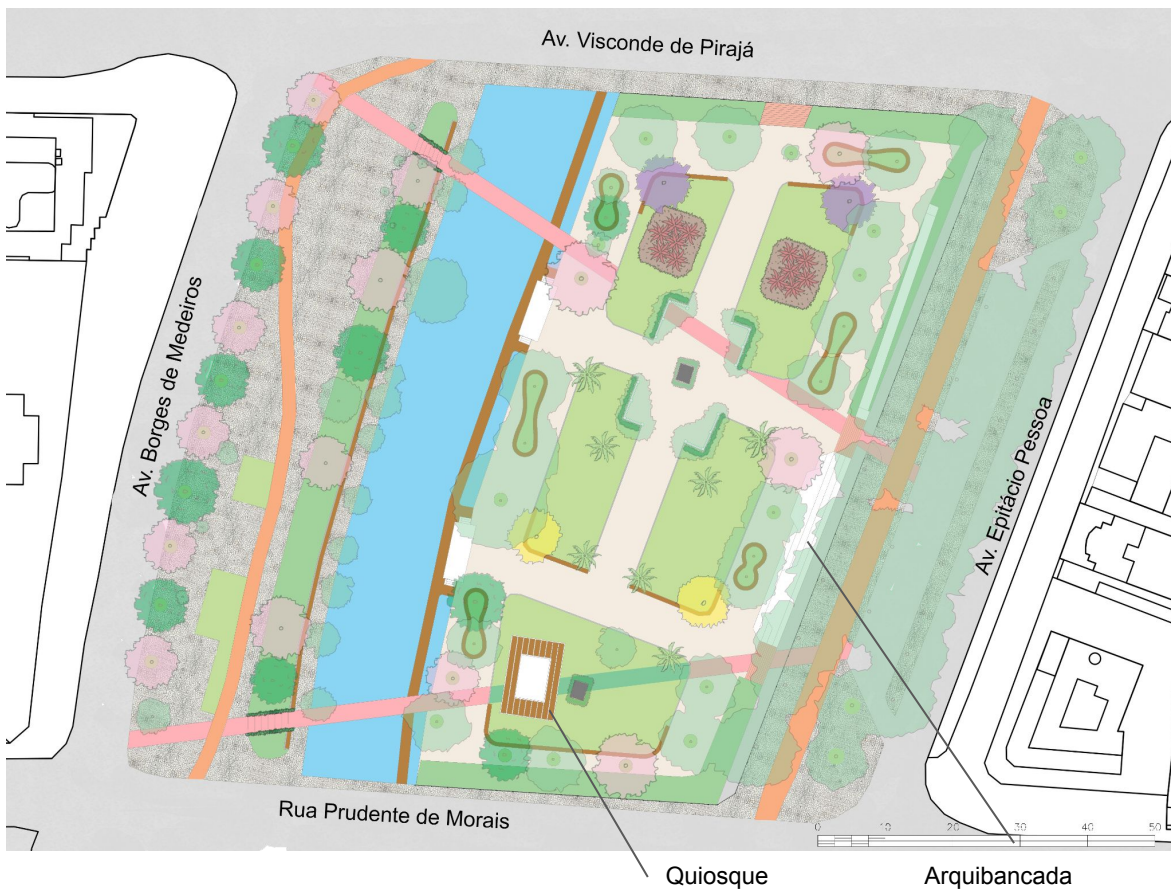


Vegetação proposta

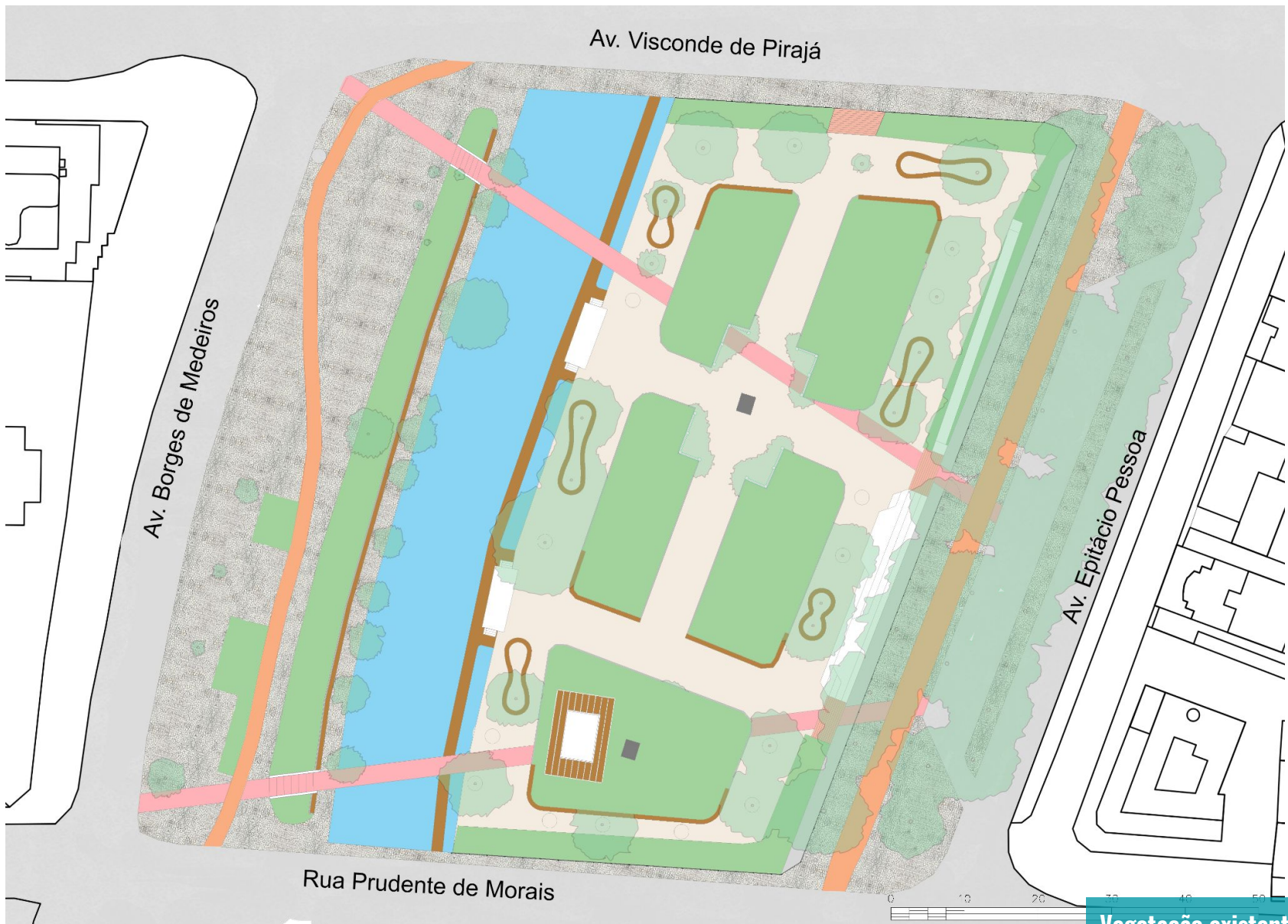


0 5 10 15 20 25
ESCALA 1:850

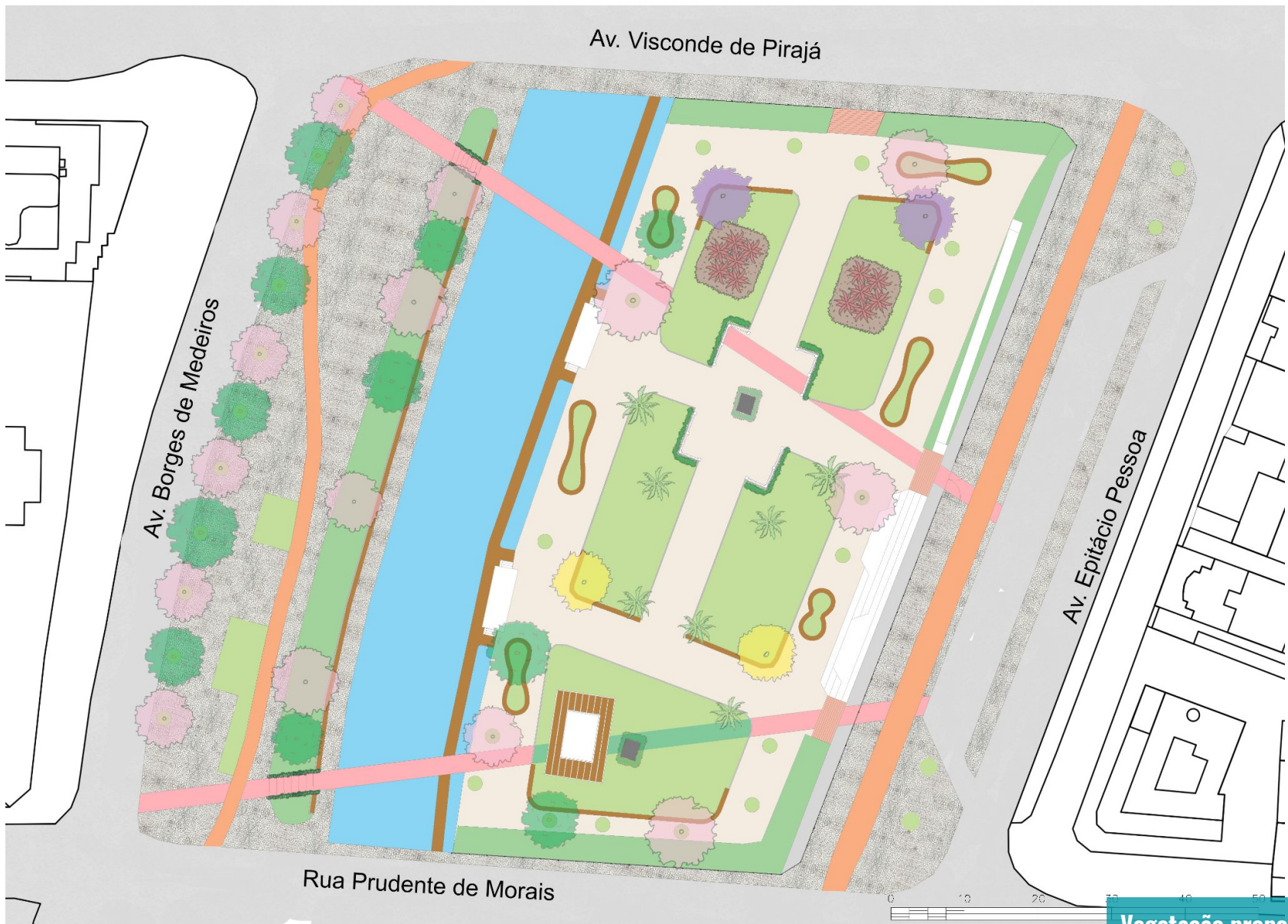
Parcão



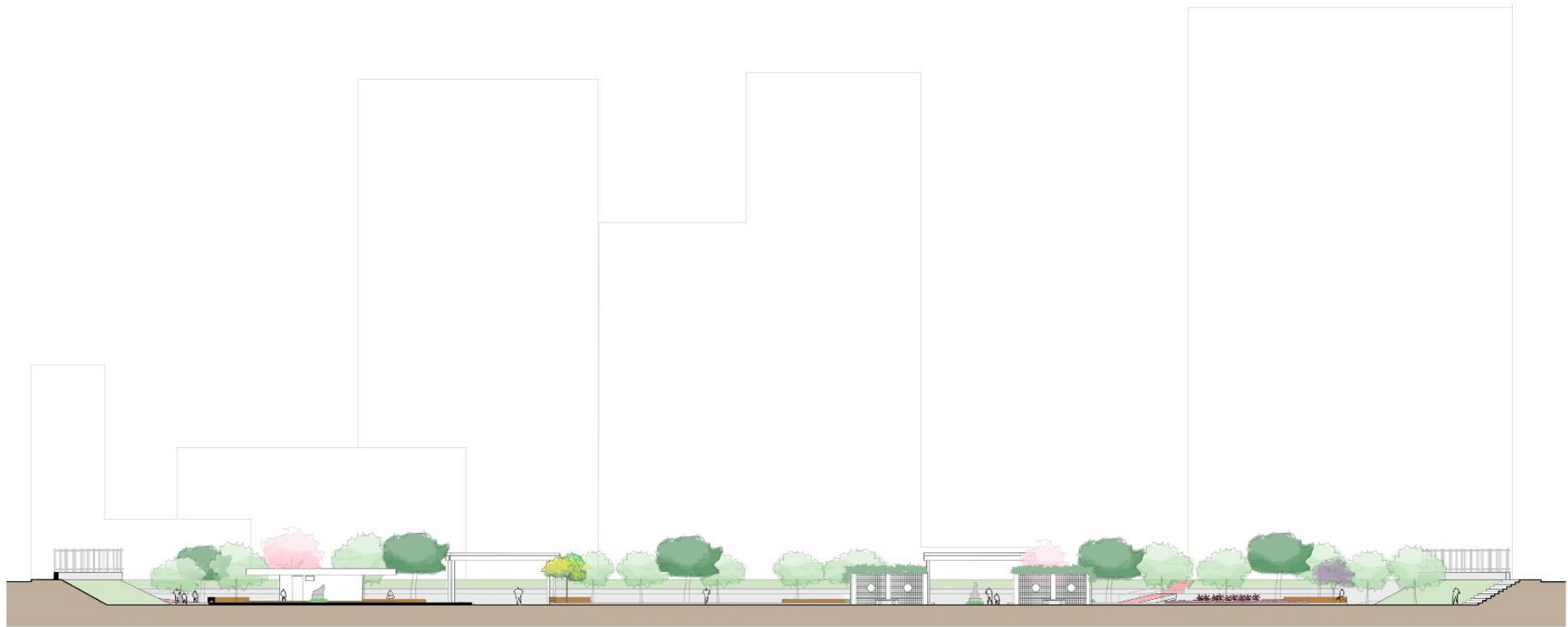
- Área com menos intervenções
- Deck conectando todas as praças pelo canal
- Inclusão dos caminhos mantendo os canteiros existentes
- Grades mantidas, devido à função atual do parque
- Novos acessos
- Pontes interligando os dois lados do canal
- Mobiliário ao redor dos canteiros e das árvores
- Inclusão de novas espécies vegetais
- Inclusão de um quiosque
- Vegetação determinando espaços que devem ser utilizados livremente



Vegetação existente



Vegetação proposta



Praça Grécia - Parte 1



- Canteiros principais mantidos
- Inclusão de arquibancada para facilitar acesso e criar um local de descanso, além de estimular o uso do local para apresentações
- Pergolado tombado mantido
- Remoção das grades
- Deck conectando todas as praças pelo canal
- Escadas cortando trechos do talude
- Inclusão de mobiliários
- Pontes interligando os dois lados do canal
- Fonte ao fim do eixo principal, criando um ponto focal
- Parede verde na empena
- Parque para crianças
- Inclusão de um quiosque



LEBLON

CRUZADA SÃO SEBASTIÃO

Av. Borges de Medeiros

Rua Redentor

Av. Epitácio Pessoa

Av. Visconde de Pirajá

0 10 20
ESCA 1:500

Vegetação existente



AV. VISCONDE DE
PIRAJÁ

CRUZADA SÃO
SEBASTIÃO

Av. Borges de Medeiros

Rua Redentor

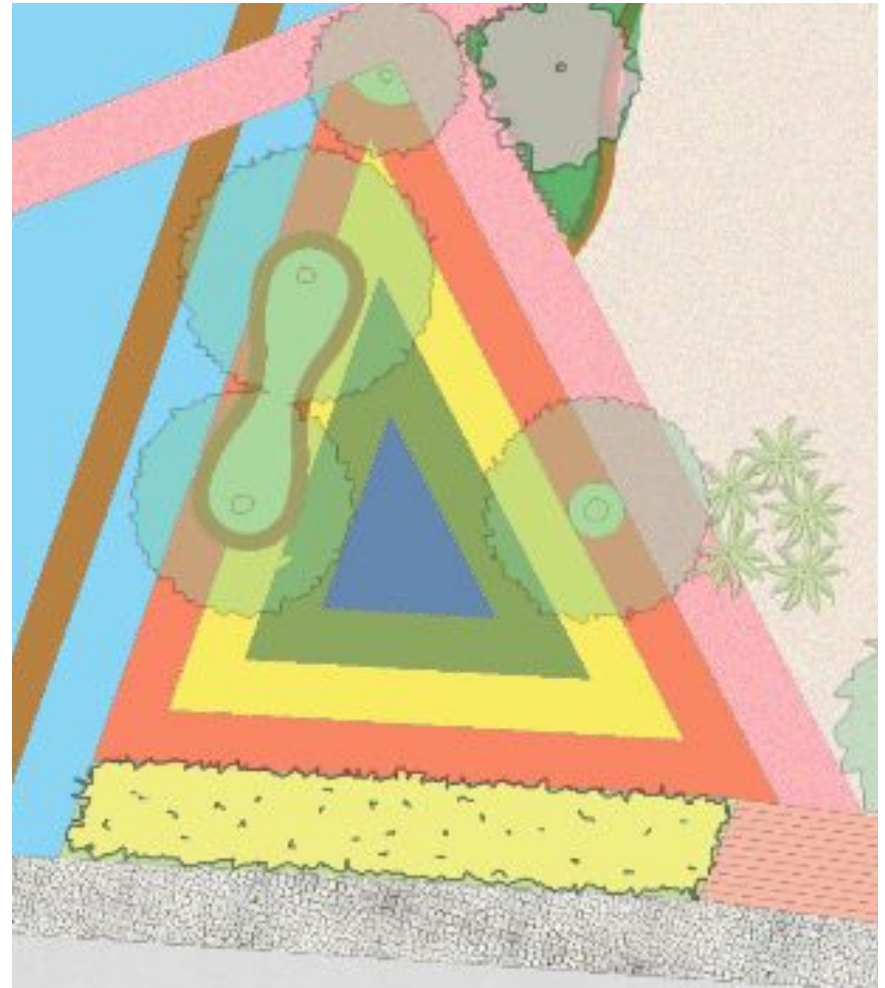
Av. Epitácio Pessoa

Av. Visconde de Pirajá

0 10 20
ESCA 1:500

Vegetação proposta

- Parque infantil
- Piso emborrachado de cores vivas
- Próximo ao quiosque e a arquibancada, permitindo a vigilância das crianças
- Talude com vegetação arbustiva, impedindo que seja escalado



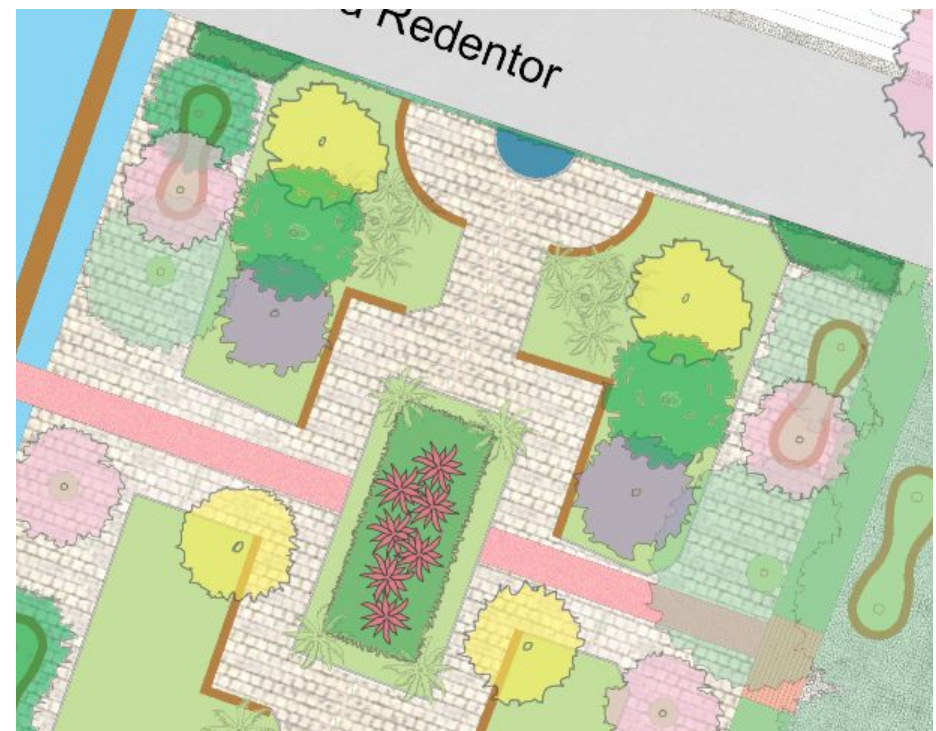
- Área ampla próxima ao quiosque e à arquibancada, ideal para atividades físicas
- Piso em granilite, ampliando as possibilidades de uso
- Próximo a entrada e ao parque infantil



- Canteiros livres para uso em diferentes atividades
- Mobiliário ao redor dos jardins e na gola das árvores
- Canteiros centrais com vegetação arbustiva diferente dos demais,, reforçando o eixo central
- Piso em pedra São Tomé, já existente no parque e fazendo alusão a sua história
- Caminhos projetados em granilite pigmentado



- Árvores que florescem em diferentes momentos do ano, criando ambiências sazonais para o parque
- Fonte ao final do eixo central da praça, sendo um ponto focal
- Mobiliário ao redor dos canteiros para áreas de caráter de contemplação
- Ao fundo, parede verde para tratar a empena da parede sob a ponte





0 5 10 15 20 25
ESCALA 1:850

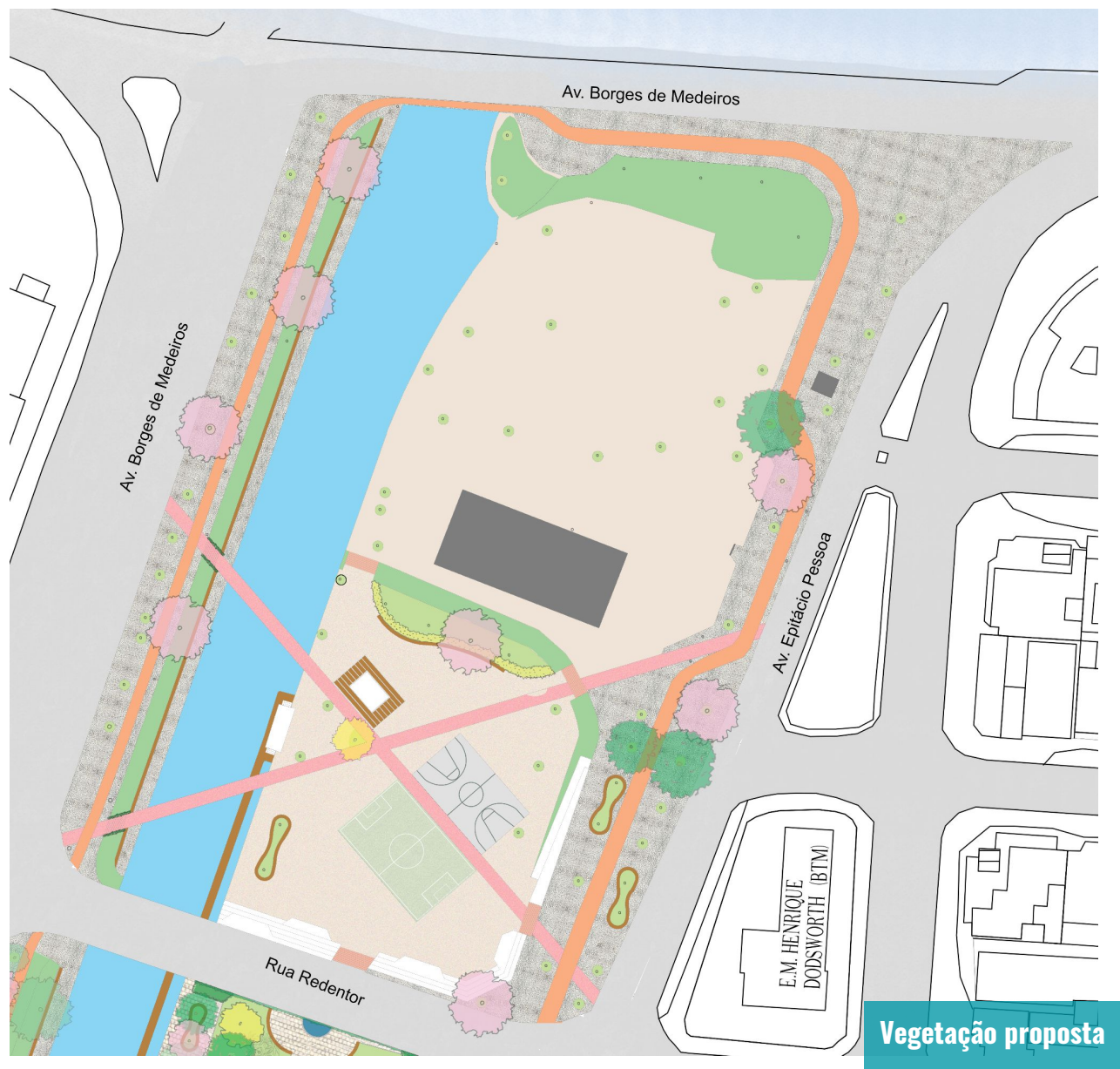
Praça Grécia - Parte 2



- Quadras esportivas
- Construção de arquibancadas para apoio às quadras poliesportivas
- Separação física e visual entre o parque e a estação de tratamento da CEDAE
- Nova rampa, promovendo acessibilidade
- Deck conectando todas as praças pelo canal
- Novos acessos
- Inclusão de cais, como existem em outras praças do parque
- Retirada das grades que cercam a praça
- Pontes interligando os dois lados do canal
- Inclusão de um quiosque
- Inclusão de mobiliários



Vegetação existente



Vegetação proposta

Bibliografia

AGRAR. **Estudo de impacto ambiental**. Volume 1. Interligação da linha 4 (Barra da Tijuca) com a linha 1 (Estação General Osório – Expansão), com o sistema metroviário da cidade do Rio de Janeiro/RJ. Governo do Rio de Janeiro. Dezembro, 2011.

ALBUQUERQUE, Mariana Zerbone Alves de. **Parques urbanos. Transformações e permanências ao longo da história**. *Arquitextos*, São Paulo, ano 21, n. 247.03, Vitruvius, dez. 2020. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/21.247/7960>>. Acesso em: 17/04/2021.

BRANDÃO, Túlio. **A história do Canal do Jardim de Alah**. O Globo, 2009. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/blog-verde/post/a-historia-do-canal-do-jardim-de-alah-186735.html>>. Acesso em: 17/04/2021.

ECKER, VIVIAN DALL'IGNA. **O conceito de praça para a qualidade da paisagem urbana**. Revista Projetar. Projeto e Percepção do Ambiente. v.5, n.1. Janeiro, 2020.

LIMA, Ludmilla de; SOUZA, R. N. de. **Moradores de Ipanema e Leblon formalizam adoção do Jardim de Alah e querem ocupa-lo com atividades culturais**. O Globo, 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/moradores-de-ipanema-leblon-formalizam-adocao-do-jardim-de-alah-querem-ocupa-lo-com-atividades-culturais-24295662>>. Acesso em: 17/04/2021.

PACHECO, Priscila. **Espaços Públicos: 10 princípios para conectar as pessoas e a rua**. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/873962/espacos-publicos-10-principios-para-conectar-as-pessoas-e-a-rua>>. Acesso em: 17/04/2021.

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL; AGACHE, A. **Cidade do Rio de Janeiro: Extensão-Remodelação-Embelezamento**. Paris: Foyer Brésilien, 1930. Disponível em: <<http://planourbano.rio.rj.gov.br>>. Acesso em: 17/04/2021.

GALDO, Rafael. **Depois de ser usado para obras do metrô, Jardim de Alah é abandonado**. O Globo, 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/depois-de-ser-usado-para-obras-do-metro-jardim-de-alah-abandonado-22126423>>. Acesso em: 17/04/2021.

GOULART, Gustavo.; MAGALHÃES, L.E. **Sem dinheiro, prefeitura vai entregar Jardim de Alah à iniciativa privada**. O Globo, 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/sem-dinheiro-prefeitura-vai-entregar-jardim-de-alah-iniciativa-privada-23860525>>. Acesso em: 17/04/2021.

Bibliografia

Rodrigues, A.E.M. **Lagoa Rodrigo de Freitas/RJ: história de uma ocupação desordenada.** Oecologia Australis, 16(3): 339-352. Setembro, 2012

SOTRATTI, Marcelo Antônio. Revitalização. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.** Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

ZEIN, R. V.; DI MARCO, Anita. **A Rosa por outro nome tão doce...Seria?** In: Anais do 7º Seminário Do_co,mo.mo_Brasil. Porto Alegre, 2007.

MACEDO, Silvio. **Quadro do Paisagismo no Brasil.** São Paulo: FAUUSP, 1999.

Passeio Público do Rio de Janeiro. **O Passeio no Século XXI.** Passeio Público - Diário da Restauração Capítulo 8. Disponível em: <<http://www.passeiopublico.com/sec21-03restauo8.html>>. Acesso em: 04/05/2021.

LOPES, Alberto. **Maravilhas Urbanísticas para uma Cidade Maravilhosa.** Revista Projeto, São Paulo: Projeto Editores Associados, nº 122, jun. 1989, p. 167-180. Seção Ensaio & Pesquisa

BERNARDES, K.; CAVALCANTI, L. **Sérgio Bernardes.** Disponível em: <<https://issuu.com/studiorb/docs/sb-selecionados-redux-1/94>>. Acesso em: 04/05/2021.

MONOSTUDIO. **Jardim de Alah.** Disponível em: <<http://monostudio.arq.br/projeto/4198>>. Acesso em: 07/05/2021.

PIMENTEL, Carmen. **Arcadismo.** Disponível em: <<http://educacao.globo.com/literatura/assunto/movimentos-literarios/arcadismo.html>>. Acesso em: 07/05/2021.

SECRETARIA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL E DA CULTURA. **Patrimônio Cultural. Conceituação de Carta Patrimonial.** Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=264>>. Acesso em: 07/05/2021.

BRUM, Mario Sergio. **Memórias da Remoção: O Incêndio da praia do pinto e a 'culpa' do governo.** Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1339790201_ARQUIVO_MemoriasdaRemocaoABHO2012.pdf>. Acesso em: 07/05/2021.